

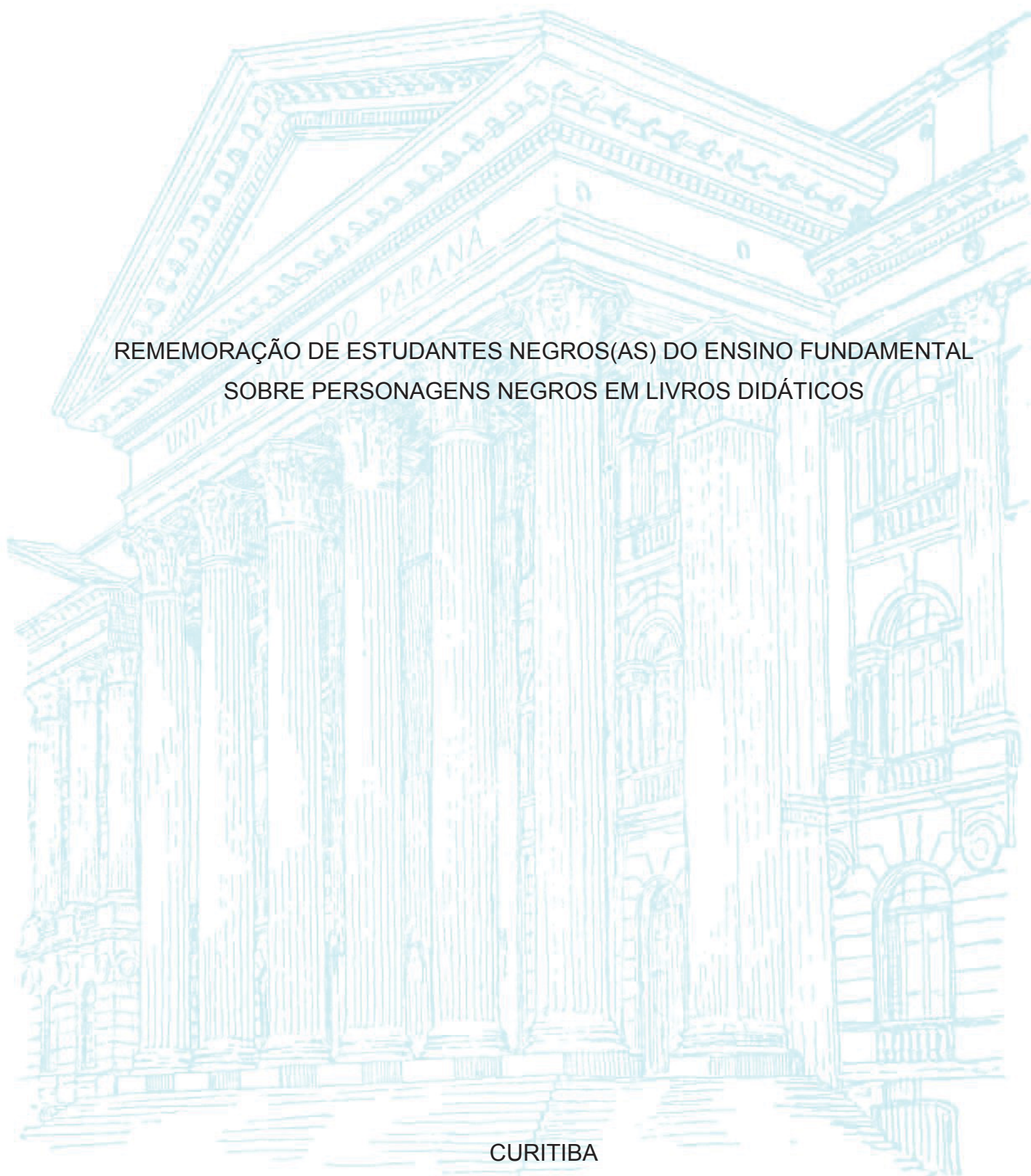
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ISABELLA SACRAMENTO DA SILVA

REMEMORAÇÃO DE ESTUDANTES NEGROS(AS) DO ENSINO FUNDAMENTAL  
SOBRE PERSONAGENS NEGROS EM LIVROS DIDÁTICOS

CURITIBA

2019



ISABELLA SACRAMENTO DA SILVA

REMEMORAÇÃO DE ESTUDANTES NEGROS(AS) DO ENSINO FUNDAMENTAL  
SOBRE PERSONAGENS NEGROS EM LIVROS DIDÁTICOS

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação, do Setor de Educação, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientador(a): Profº. Drº. Paulo Vinicius Baptista da Silva

CURITIBA

2019

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de  
Bibliotecas/UFPR-Biblioteca do Campus Rebouças  
Maria Teresa Alves Gonzati, CRB 9/1584

Silva, Isabella Sacramento da.

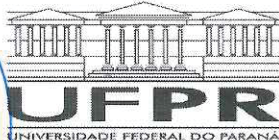
Rememoração de estudantes negros(as) do ensino fundamental  
sobre personagens em livros didáticos / Isabella Sacramento da Silva. –  
Curitiba, 2019.

130 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Setor de  
Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Vinicius Baptista da Silva

1. Racismo na educação. 2. Negros – Educação. 3. Negros –  
Discriminação racial. 5. Ensino fundamental. 6. Livros didáticos. 7.  
Racismo nos livros didáticos. I. Título. II. Universidade Federal do  
Paraná.



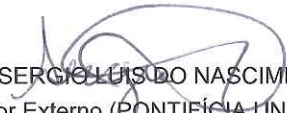
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO -  
40001016001P0



## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **ISABELLA SACRAMENTO DA SILVA**, intitulada: **REMEMORAÇÃO DE ESTUDANTES NEGROS(AS) DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE PERSONAGENS NEGROS EM LIVROS DIDÁTICOS**, sob orientação do Prof. Dr. PAULO VINICIUS BAPTISTA DA SILVA, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa. A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 27 de Setembro de 2019.

  
PAULO VINICIUS BAPTISTA DA SILVA  
Presidente da Banca Examinadora

  
SERGIO LUIS DO NASCIMENTO  
Avaliador Externo (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE  
CATÓLICA DO PARANÁ)

  
APARECIDA DE JESUS FERREIRA  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE  
PONTA GROSSA)  
  
DEBORA CRISTINA DE ARAUJO  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
ESPÍRITO SANTO)

À todos/as os/as estudantes negros/as que me  
inspiraram durante todo o Mestrado!

Ao meu filho, motivação da minha vida!

Que os ibejis sempre abençoem a caminhada  
de quem acredita no poder das crianças em  
fazer a diferença!

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe **Yemanjá** e ao meu pai **Ogun** que regem meu ori e me abençoam em todas as minhas lutas, me dão sabedoria e força para vencer todas as minhas batalhas.

Ao meu filho Miguel, o maior presente que Ode poderia me dar na vida. Razão da minha existência, ser mais iluminado que eu conheço, que com seu jeitinho carinhoso, me inspira todos os dias a ser uma mulher melhor!

À minha mãe **Nazaré**, a pessoa mais forte que eu conheço, minha referência de mulher, de mãe, de guerreira. A única que nunca desistiu de mim e que sempre esteve ao meu lado.

À todos/as da minha família: minha irmã Isis, meu pai Irlei, meu marido Anderson e ao pai do meu filho (e amigo) Diogo, pois sempre acreditaram em mim e cada um do seu jeitinho, em algum momento, foram fundamentais na trajetória da minha pesquisa. Seja em uma palavra de incentivo e conforto, ou nas “correrias” do dia a dia.

Ao meu orientador, Paulo Vinicius por ter paciência e carinho para me orientar durante toda minha graduação nas pesquisas de Iniciação Científica e caminhar comigo neste momento do Mestrado.

Às professoras Lucimar Dias e Aparecida Ferreira pelo carinho em participar da minha banca e por todas as palavras de força e incentivo.

À Rozana Teixeira por ter acreditado na minha capacidade em fazer uma análise da sua produção, por ter acompanhado todo o meu trabalho e me dado todo o suporte necessário para a realização da pesquisa de campo.

À toda turma Dandara e docentes da linha Educação: Diversidade, Diferença e Desigualdade Social (PPGE/UFPR). Estendo também aos funcionários do Setor de Educação que sempre me trataram com muito carinho e com muita prontidão. Em especial aos meus amigos Mariana Ribeiro e Rhaul Lemos por me acompanharem e me darem um suporte emocional que eu precisava em momentos essenciais nessa trajetória.

À minha família de santo Ile Ase Ayra Kiniba, em especial ao meu Babalorisa Jorge Kibanazambi, a Ekeji Mãe Oju Omilewa, minha Mãe pequena Ekeji Maria Andreina e meu Pai pequeno Omolayo. Mojuba a todos/as que direta ou indiretamente estiveram presentes comigo nessa minha trajetória religiosa que caminhou junto com

a acadêmica. Aos meus irmãos: Oya Tenã, Telemeci, Erin Lode, Funan, Odo e Pai Lababi...Cada orientação e oração me deram força para que eu pudesse vencer mais este desafio.

À CAPES pela concessão de bolsa que possibilitou a minha permanência durante o Mestrado e o desenvolvimento da pesquisa.

À todos/as que direta ou indiretamente me acompanharam neste momento especial e desafiador da minha vida acadêmica. Que Yemanjá abençoe a todos/as.



P: Quando te perguntam qual a sua cor e sua raça? Como você se identifica?

E.L.: Eu me identifico como negra!

P: E como é ser negra?

E.L.: Eu sinto orgulho! Por que uma vez um menino me chamou de preta e eu disse: “Sou preta com muito orgulho!”

P: E da onde vem esse orgulho todo?

A: Das pessoas que lutaram para que a gente possa ter nosso lugar na sociedade!

(Trecho da entrevista realizada com a aluna E.L. para a elaboração da pesquisa durante os relatos dos desenhos produzidos).



## RESUMO

Com a intensificação das discussões sobre a representação da população negra nos Livros Didáticos após a década de 1950, várias produções acadêmicas tiveram um olhar mais apreensivo ao analisar o racismo no espaço escolar. Nesse mesmo olhar, a pesquisa tem como proposição estudar a parte da comunidade escolar mais afetada com os discursos preconceituosos: os/as estudantes negros/as. Trata-se de uma replicação da Dissertação de Mestrado de Teixeira (2006) e discute por meio de aplicação de registro pictográfico e entrevistas, responder a seguinte pergunta: Qual é a representação da população negra brasileira encontrada nos livros didáticos que ficou mais presente na memória dos alunos negros no Ensino Fundamental. Dessa forma, busca captar o ponto de vista dos alunos e verificar em que medida o impacto dos discursos dos livros na percepção de alunos e alunas se modificou 13 anos depois. A pesquisa se constitui pelas seguintes fases: Aplicação de questionário as turmas de 6º ano do Ensino Fundamental; Realização de pesquisas individuais com os/as estudantes negros/as; Análise dos desenhos produzidos pelos alunos, dos relatos dos/as alunos/as negros/as sobre seus desenhos e do Livro Didático de História utilizado na escola; E comparação e atualização dos dados encontrados nos resultados de Teixeira (2006). Quanto aos registros pictográficos, podemos confirmar algumas permanências na forma de representação dos/as negros/as escravizados mas uma diversidade muito maior de espaços de inserção da população negra voltados para espaço escolar, lazer e trabalho. Percebemos também, tanto nos desenhos quanto nas entrevistas, um maior empoderamento dos/as estudantes com relação ao entendimento das desigualdades raciais e principalmente de valorização da estética e da cultura afro-brasileira. No Livro Didático, a imagem dos/as negros/as aparece desvinculada ao período colonial de escravização, porém o imaginário negro ainda se apresenta carregado de estereótipos e sempre associado a população branca de forma inferiorizada. Diante da atualização analisada, podemos apontar que as pesquisas acadêmicas, assim como a participação ativa do movimento negro e as mudanças midiáticas vêm contribuindo de forma positiva na área das políticas públicas que nos concedem um novo cenário no que diz respeito ao perfil dos/as estudantes negros/as nos dias atuais, os quais mostram uma variedade de discurso e pensamento com relação as relações raciais diferenciada e valorativa, apesar de alguns casos de permanência da hierarquização racial ainda se manterem, principalmente nos Livros Didáticos, que modificaram as formas estereotipadas de representação da população negra com relação a população branca, no entanto ainda fortalecem discursos de desigualdade e impõe lugares diferenciados e desiguais entre os dois – o qual reflete diretamente e fomenta ainda discursos preconceituosos, práticas de racismo dentro do espaço escolar resultando assim em possíveis danos na trajetória escolar dos/as estudantes negros/as.

Palavras-chave: Racismo. Estudantes negros. Escola. Desigualdades. Livro Didático.

## ABSTRACT

With the intensification of discussions about the representation of the black population in the Textbooks after the 1950s, several academic productions took a more apprehensive look when analyzing racism in the school space. In the same vein, the research proposes to study the part of the school community most affected by prejudiced discourses: black students. This is a replication of the Teixeira Master's Dissertation (2006) and discusses through the application of pictographic record and interviews, answering the following question: What is the representation of the Brazilian black population found in textbooks that was more present in memory? of black students in elementary school. Thus, it seeks to capture the students' 'point of view and to see to what extent the impact of book discourses on students' perception changed 13 years later. The research consists of the following phases: Questionnaire application to 6th grade classes; Conducting individual research with black students; Analysis of the drawings produced by the students, the reports of the black students about their drawings and the History Textbook used in the school; And comparison and updating of the data found in the results of Teixeira (2006). As for pictographic records, we can confirm some permanences in the form of representation of black enslaved people but a much greater diversity of insertion spaces of the black population focused on school space, leisure and work. We also noticed, both in the drawings and in the interviews, a greater empowerment of the students with regard to the understanding of racial inequalities and especially the appreciation of the aesthetics and Afro-Brazilian culture. In the Didactic Book, the image of blacks appears unconnected to the colonial period of enslavement, but the black imagery is still loaded with stereotypes and always associated with the white population in inferior form. Given the update analyzed, we can point out that academic research, as well as the active participation of the black movement and the media changes have been contributing positively in the area of public policies that give us a new scenario regarding the profile of students. blacks in the present day, which show a variety of discourse and thought regarding the differentiated and evaluative race relations, although some cases of permanence of the racial hierarchy remain, mainly in the Textbooks, which modified the stereotyped forms of representation. of the black population in relation to the white population, however they still strengthen discourses of inequality and impose different and unequal places between the two - which directly reflects and fosters prejudiced discourses, practices of racism within the school space thus resulting in possible damage to the trajectory. school black students.

**Keywords:** Racism. Black students. School. Inequalities Textbook.

## LISTA DE IMAGEM

IMAGEM 1 - CRIANÇAS BRANCAS NA ESCOLA .....	60
IMAGEM 2 - CRIANÇA NEGRA NA ESCOLA .....	60
IMAGEM 3 - HOMEM BRANCO HISTORIADOR.....	61
IMAGEM 4 - MULHER MODELO BRANCA .....	62
IMAGEM 5 - MULHERES BRANCAS EM SALÃO ESTÉTICO .....	62
IMAGEM 6 - - MULHER NEGRA CONFECCIONANDO PANELAS.....	63
IMAGEM 7 - FAMÍLIAS BRANCA E NEGRA ILUSTRANDO SOBRE A DIVERSIDADE ALIMENTAR.....	64
IMAGEM 8 - MENINO NEGRO FAZENDO MALABARISMO NO SEMÁFORO .....	64
IMAGEM 9 - HOMENS NEGROS NO PROCESSO DE MUMIFICAÇÃO EGÍPCIA ..	65
IMAGEM 10 - HOMEM NEGRO ESCRAVIZADO .....	70
IMAGEM 11 - HOMEM BRANCO CHICOTEANDO HOMEM NEGRO .....	71
IMAGEM 12 - MULHER NEGRA ESCRAVIZADA.....	72
IMAGEM 13 - HOMEM NEGRO COM BOLA DE FERRO PRESA AO PÉ .....	73
IMAGEM 14 - MULHER NEGRA CHORANDO .....	76
IMAGEM 15 - MENINA BRANCA XINGANDO A MENINA NEGRA.....	77
IMAGEM 16 - - MULHER NEGRA COM A BOCA LACRADA.....	78
IMAGEM 17 - ATLETA USAIN BOLT .....	82
IMAGEM 18 - PIRÂMIDE DO EGITO .....	84
IMAGEM 19 - HOMEM EGÍPCIO NEGRO SENDO CHICOTEADO .....	85
IMAGEM 20 - MULHER VENDEDORA NEGRA .....	88
IMAGEM 21 - MULHER NEGRA ESCULPINDO POTES DE BARRO.....	90
IMAGEM 22 - HOMEM NEGRO CAÇANDO .....	91
IMAGEM 23 - ROSTO DE UM HOMEM NEGRO.....	93
IMAGEM 24 - ROSTO DE MULHER NEGRA .....	94
IMAGEM 25 - MENINO NEGRO .....	95
IMAGEM 26 - DUAS CRIANÇAS NEGRAS .....	96

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - LEVANTAMENTO DE PERIÓDICOS REALIZADO EM BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES .....	52
QUADRO 2 - - CATEGORIAS E SUB-CATEGORIAS UTILIZADAS PARA A ANÁLISE DO LD DE HISTÓRIA .....	57
QUADRO 3 - SELEÇÕES DE ENTREVISTAS REALIZADAS NA CATEGORIA “ESCRAVIZAÇÃO” .....	74
QUADRO 4 - SELEÇÕES DE ENTREVISTAS REALIZADAS NA CATEGORIA “PRECONCEITO” .....	79
QUADRO 5 - SELEÇÕES DE ENTREVISTAS REALIZADAS NA CATEGORIA “ESPORTE” .....	83
QUADRO 6 - SELEÇÕES DE ENTREVISTAS REALIZADAS NA CATEGORIA “EGITO COMPONDO O CONTINENTE AFRICANO” .....	86
QUADRO 7 - SELEÇÕES DE ENTREVISTAS REALIZADAS NA CATEGORIA “PERSONAGENS NEGROS EXERCENDO PROFISSÕES” .....	91
QUADRO 8 - SELEÇÕES DE ENTREVISTAS REALIZADAS NA CATEGORIA “VALORIZAÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA” .....	97
QUADRO 9 - MODOS GERAIS E ESTRATÉGIAS DE OPERAÇÃO DA IDEOLOGIA .....	99

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2 METODOLOGIA .....</b>	<b>25</b>
<b>2.1 Perfil da escola e da comunidade .....</b>	<b>29</b>
<b>2.2 O uso da “Rememoração” como metodologia.....</b>	<b>30</b>
<b>4 DISCUTINDO SOBRE O LIVRO DIDÁTICO .....</b>	<b>32</b>
3.1 Discutindo sobre o Livro Didático: a importância da análise do livro como ferramenta metodológica.....	34
3.2 As crianças negras e o racismo no espaço escolar .....	38
3.3 As relações raciais nos Livros Didáticos .....	43
3.4 Caminhos e percursos: uma breve revisão bibliográfica.....	50
3.5 Analisando o livro didático de história “araribá” .....	56
<b>4 A REMEMORAÇÃO DAS CRIANÇAS NEGRAS.....</b>	<b>68</b>
4.1 Análise dos desenhos dos alunos negros sobre a rememoração da população negra nos livros didáticos .....	68
4.2 Ideologia e discurso: o estudo da forma simbólica no estudo de Thompson .....	98
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>103</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>111</b>
<b>ANEXO 1 – RELATOS SOBRE A REMEMORAÇÃO DAS CRIANÇAS NEGRAS .....</b>	<b>114</b>
<b>ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA.....</b>	<b>129</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Ao apresentar a discussão proposta nesta pesquisa, é inevitável o resgate de toda uma trajetória de vida e como as discussões trazidas a respeito das Relações Raciais nos Livros Didáticos se cruzam diretamente com a minha trajetória escolar enquanto mulher negra.

Aos 6 anos, a construção da minha identidade racial se iniciou através do Livro Didático de História da escola que estudava, quando minha mãe em casa, ao acompanhar as “lições de casa” explicou a mim e à minha irmã que nós enfrentávamos muitas situações desagradáveis na escola por sermos negras e pobres e que por esta condição, nos tratariam durante toda nossa vida de forma diferenciada, por isso não teríamos a mesma oportunidade ou a mesma qualidade de vida que muitos/as tinham.

Apesar do discurso talvez “conformista” em que se deu a conversa, ela foi fundamental para que nos construíssemos enquanto crianças negras e assim pudéssemos entender muitos dos conflitos que enfrentávamos nas escolas. Entre eles posso citar um dos que marcou e me traz lembranças ainda tristes: quando eu mentia para a minha professora, dizendo que ia ao banheiro para fugir e poder acompanhar minha irmã durante o seu horário de recreio, pois ninguém queria brincar com nós duas – então as únicas meninas negras das turmas.

E no decorrer de nossas vidas, percebemos que essas relações se tornavam mais agressivas e explícitas, principalmente quando saímos de Niterói (nossa cidade Natal) e viemos morar em Curitiba – que se considerava a capital mais branca do Brasil.

Em Curitiba passamos por todos os tipos de constrangimentos possíveis e que fazem parte da vida de todas as pessoas negras, independente da classe que pertencem, como ser seguida dentro de lojas (ou simplesmente ser ignoradas), ser revistada na Feira do Largo da Ordem para se certificarem que não havíamos roubado.

Mas foi por meio dessas experiências e por meio de uma base familiar com uma cultura afro-brasileira muito presente, que nós nos construimos fortalecendo e resgatando nossas raízes afro-brasileiras, frequentando terreiros de candomblé, tendo como referenciais artistas negras/os e valorizando nossa ancestralidade – o que posteriormente se fortaleceu com o meu ingresso como cotista racial na Universidade Federal do Paraná, atuando como bolsista e atualmente ainda integrante do Núcleo de Estudos Afro- Brasileiros (NEAB).

Digo que a experiência neste espaço foi um divisor de águas na minha trajetória como mulher negra, pois me permitiu que pudesse ter uma construção de identidade racial positiva, de valorização das minhas raízes negras, que me permitiu atuar de forma ativa no combate ao racismo por meio de produções acadêmicas, das formações que leciono, das palestras dadas e por me capacitar para me colocar neste espaço acadêmico ainda hegemonicamente branco, trazendo discussões sobre o racismo e contribuindo para possíveis e esperadas mudanças.

Foi também pela convivência no NEAB que pude resgatar de forma mais concreta minhas raízes no candomblé, uma religião brasileira de matriz africana e por benção dos orixás ingressar no mestrado no Setor de Educação na Linha de Educação: Diversidade, Diferença e Desigualdade Social. E com esta dissertação, ter o poder de dar voz aos/as sujeitos/as mais atingidos com os discursos racistas ainda presentes nos Livros Didáticos e seus impactos no espaço escolar: os/as estudantes negros/as.

A Instituição Escolar é uma das mais importantes instituições na trajetória dos/as sujeitos/as e exerce um papel fundamental na transmissão de formas simbólicas, conhecimentos, crenças, costumes, habilidades e competências. E o livro didático, como uma das principais ferramentas na prática docente, está inserido em um sistema de signos que tem a linguagem visual como um dos elementos modeladores do nosso pensamento, das nossas emoções – o qual através de seus símbolos se torna mediador entre espectador, ator e realidade.

O Livro Didático neste contexto, pode ser uma ferramenta ideológica que por muitas vezes elabora, reforça e reproduz discursos racistas, hierarquiza e impõe padrões e culturas hegemonicamente brancas, criando assim uma relação racial desigual de sobreposição de um grupo sobre outros vistos como minorias. Tais discursos são reforçados por um mito de democracia racial ainda muito presente na sociedade brasileira.

Talvez de uma forma mais geral, se possa equivocadamente ter o entendimento de que não haja desigualdades raciais nas Escolas do Brasil e uma visão apenas estrutural/abstrata dos manuais didáticos, invisibilizando as diversas formas em que o discurso racista está inserido nestes materiais (que atualmente são uma das principais ferramentas didáticas/metodológicas nas escolas). No entanto, ao não se dar a devida proporção de valor a esta problemática, se reforça um padrão eurocêntrico e diversas formas preconceituosas em que este discurso se impõe a



população negra. Esta é a realidade da experiência escolar da maioria, senão de todas as pessoas negras: conviver toda a sua trajetória escolar tendo como referência um padrão estético e cultural branco, que invisibiliza negros e indígenas e cria uma hierarquia nas relações raciais onde as/os negras/os são inseridas/os em uma posição de inferioridade e submissão.

Esta pesquisa aborda esta questão, tendo como proposição identificar e analisar qual é a representação da população negra brasileira encontrada nos livros didáticos que ficou mais presente na memória dos alunos negros no Ensino Fundamental. A proposta é chegar a estas representações por meio de desenhos e entrevistas; entendendo que as representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação ajudam a constituir a realidade de nossa vida cotidiana e funcionam como a principal forma de se estabelecer as associações com as quais nos ligamos uns aos outros.

Esta pesquisa buscou replicar a dissertação de mestrado de Rozana Teixeira<sup>1</sup> (2006), na qual a autora fez análise qualitativa de questões relacionadas à imagem que crianças de 10 a 14 anos de idade retêm em suas memórias sobre as representações da população negra presentes nos Livros Didáticos. Os livros e suas representações por alunos/as negros/as tiveram publicação anterior a Lei 10.639/03.

Em função de ser uma replicação de outro estudo, a pesquisa assume como pergunta central questão similar à realizada por Teixeira (2006): *Qual a representação da população negra inserida nos Livros Didáticos foi mais presente na memória dos/as alunos negros/as?*

Ao passo que temos uma trajetória de pesquisas que identificam hierarquias raciais em livros didáticos, desenvolvidas desde os anos 1950, as pesquisas brasileiras que procuraram captar a leitura de livros didáticos por crianças foram episódicas (SILVA; TEIXEIRA; PACÍFICO, 2013). A pesquisa de Teixeira apresentou resultados muito relevantes sobre a leitura dos livros realizada por alunos e alunas de escola pública. Naquele caso específico as imagens mais marcantes no imaginário das crianças, eram as relativas a escravidão, que as mesmas atribuíram aos discursos dos livros que percebiam como carregadas de carga racista bastante contundente, na leitura de alunos e alunas negros e negras. Os dados foram coletados pela autora em

---

<sup>1</sup>Em função de valorizar a identificação de gênero e a autoria feminina optamos na dissertação em apresentar nomes completos na primeira vez que cada texto for citado e a partir da segunda somente os sobrenomes.

2003, momento em que a aprovação da Lei 10.639/03 tinha impacto diminuto no discurso dos livros. Realizar uma replicação dos estudos com coleta de dados em 2018 apresenta dupla justificativa, a de contribuir com mais um estudo que busca captar o ponto de vista dos alunos sobre os discursos étnico-raciais em livros didáticos e verificar em que medida o impacto dos discursos dos livros na percepção de alunos e alunas se modificou.

Em seus resultados, Teixeira (2006) aponta que as imagens rememoradas são imagens carregadas de simbolismo do que representa ser negro/a e ser branco/a neste país. Dessa forma, as imagens enquadram-se em modelos que foram construídos historicamente e apresentados para a sociedade como os naturalmente possíveis, inclusive e principalmente nos livros didáticos de Português e História pesquisados.

Entre as imagens produzidas pelos alunos por meio do desenho, Teixeira (2006) aponta, em seus resultados, a imposição de personagens brancos ocupando sempre lugares de destaque, como representante do poder econômico. A estética branca também aparece como referência, sinônimo de beleza universal, com a imagem de uma mulher branca e loira sendo fotografada como modelo natural e desejável de beleza, enquanto os espaços reservados a população negra se limitavam a condições de submissão, pobreza, violência e escravidão.

Utilizando de metodologia de análise de discurso similar, esta pesquisa tem como objetivo analisar como alunos/as negros/as perceberam a representação de personagens negros/as e brancos/as nos livros didáticos.

Pesquisas desta natureza se fazem necessárias para atualizar as produções realizadas antes da Lei nº10.639/03 e analisar em que medida a legislação vigente e as políticas curriculares impactaram esses materiais, indicando possíveis mudanças e prováveis permanências nas representações. Dessa forma será focada nas representações da população negra nos Livros Didáticos trazidas pelos alunos negros, buscando perceber, por meio de desenhos e entrevistas, os reflexos destas representações nos Livros para as crianças negras.

A pesquisa segue os procedimentos de coleta realizados por Teixeira (2006), especialmente na coleta de dados com estudantes. São analisadas as representações da população negra presentes nos Livros Didáticos por meio da rememoração. A decisão de aplicar os mesmos procedimentos se deu para que haja um levantamento de como a aplicação da Lei nº10.639/2003 e as alterações no PNLD impactaram nos

Livros Didáticos após 15 anos do estudo da autora. Para tal, foi perseguida a reprodução de sujeitos e condições mais próximas da pesquisa original, coletando dados numa escola estadual da mesma cidade e foi apresentada uma solicitação de produção em desenho aos/as alunos/as entre 11 a 13 anos do 6º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Professora Maria Helena Teixeira Luciano, situado na cidade de Shangrilá/Pontal do Paraná, mesma região onde também foi aplicada a pesquisa de Teixeira (2006). Trata-se de uma folha com uma questão, no qual o registro se dá pelo desenho da imagem que responde a seguinte pergunta: “Qual a imagem do negro no Livro Didático ficou mais presente em sua memória?”

Na terceira e última fase, as crianças negras que participaram da fase anterior fazendo o registro pictográfico foram convidadas para participarem de entrevista individual para fazerem uma descrição oral e responderem a indagações da pesquisadora sobre o desenho produzido. Foi reservada na escola uma sala para realização das entrevistas, as/os alunas/os foram informadas/os sobre o horário das mesmas e 17 participaram voluntariamente. As entrevistas foram gravadas em aplicativos de smartphone.

A busca de replicar outra pesquisa se dá pela busca de manter procedimentos similares, os mais próximos possíveis dos procedimentos originais, de forma a fornecer melhores possibilidades de comparação diacrônica e de discutir variáveis com potencial explicativo para possíveis modificações nos resultados. Entendemos que diversas outras variáveis de contexto sócio histórico podem interferir nos resultados mas, ainda assim, a manutenção de parâmetros de definição de procedimentos possibilita melhores condições de comparar os dados auferidos e interpretar mudanças observadas após intervalo de diversos anos.

Na concepção dessa pesquisa entende-se que as formas simbólicas operam em relações de dominação, nas quais o sentido é construído e usado pelas formas simbólicas de vários tipos, desde as falas linguísticas cotidianas até às imagens e aos textos complexos. Portanto, é necessária uma investigação dos contextos sociais nos quais tais formas simbólicas estão inseridas, são empregadas e articuladas, pois elas podem servir para estabelecer e sustentar relações de dominação nos contextos sociais em que elas são produzidas, transmitidas e recebidas.

Por meio da análise, se abre a discussão sobre as relações étnico-raciais no meio escolar, o qual se compreende como espaço permeado de símbolos e como importante meio para ampliar e intensificar a socialização das crianças.

A investigação se propôs a observar através da rememoração dos alunos negros, a representação da população negra apresentada nos livros didáticos, identificando diferentes símbolos neles existentes. Estes símbolos são permeados de significados que compõem intencionalidade, interagindo individualmente e nas relações sociais, representando e transmitindo valores. Na relação entre estes pode ocorrer hierarquização. Como explica John H. Thompson (1990) a ideologia deve ser entendida como formas simbólicas que estão sempre inseridas em contextos sociais estruturados, nos quais podem atuar para estabelecer e sustentar relações desiguais. Elas atuam para além da dominação de classe, também no estabelecimento e sustentação de outras relações de desigualdade, como as de raça/etnia.

No segundo momento da pesquisa, utilizando do registro realizado no questionário como mediador, por meio da entrevista com as/os alunas/os negras/os que fizeram as produções selecionadas, foi utilizada a análise de discurso, entendendo ser fundamental para compreender/verificar um dos conceitos que organiza muitas das relações entre o discurso e a sociedade: “o poder” - no qual se destaca o poder do branco no texto e o discurso racista (VAN DIJK, 2000). O discurso pode ser descrito em distintos níveis de estrutura que são explicadas de diversas formas – por exemplo, pela síntese, a semântica, e a retórica, assim como pelo estudo de gêneros específicos, como os da argumentação e da narração de histórias.

Além dos enfoques estruturais mais abstratos, o discurso pode estudar os termos dos processos cognitivos concretos de sua produção e compreensão pelos usuários da linguagem. O estudo cognitivo examina o conhecimento, as atitudes e outras representações mentais que tenham um papel na produção e compreensão do discurso, e como esta influência sobre as opiniões dos demais envolvidos

O discurso tem outra dimensão fundamental em que se torna também um fenômeno da prática, social e cultural. Os usuários da linguagem que ampliam o discurso realizam atos sociais e participam na interação social, na conversação e em outras formas de diálogo. Uma interação pode estar inserida em diversos contextos sociais e culturais, tais como reuniões informais com amigos ou profissionais (VAN DIJK, 2000). A análise de discurso como ação social se concentra na ordem e na organização em uma série ordenada de palavras, cláusulas, orações e proposições, sendo também em sequências de atos mutuamente relacionados. As histórias e os argumentos não apenas possuem uma estrutura abstrata e são inseridos em processos e representações mentais, mas ao mesmo tempo também são uma

dimensão dos atos comunicativos de narração e argumentos realizados por usuários reais da linguagem em situações reais. Da mesma forma, a ordem de palavras, o estilo e a coerência, entre muitas outras propriedades do discurso podem descrever não apenas as estruturas abstratas - como faz a linguística, mas também o término das linguagens em ação. Por exemplo, os escritores estão permanentemente ocupados em fazer com que seus discursos sejam coerentes, pois as estruturas do discurso são fundamentais para o processamento mental e para as representações requeridas na produção e na compreensão, entendendo que a cognição tem uma dimensão social que se adquire, utiliza e modifica na interação verbal e em outras formas de interação.

É no discurso que se analisam ideologias que podem ser vistas como conhecimentos de um grupo, que são compartilhadas socialmente e ao mesmo tempo conhecidas e utilizadas por membros do grupo em suas práticas cotidianas. No entanto, o que é conhecimento para um grupo, pode ser ideologia para outros devido aos contextos sociais nos quais podem operar para legitimar ou justificar a dominação ou desigualdade social (VAN DIJK, 2000).

Ao fazer a análise de discurso, a pesquisa analisa como formas simbólicas específicas (textos, falas e imagens) inseridas em um contexto social estruturado atuam para produzir e reproduzir desigualdades raciais. Sendo assim, o discurso, tanto na ação quanto na interação, se estrutura nos contextos local e global e pode estabelecer um vínculo entre o micro e o macro por meio dos participantes do discurso que se ampliam no texto e na fala como sujeitos individuais, no entanto representam um grupo. Dessa forma, os grupos atuam por meio de seus membros.

Nesta perspectiva, tendo como parâmetro a pesquisa de Teixeira (2006) a análise tem como objetivos específicos:

- Detectar no livro didático de história utilizado nas turmas de 6º ano imagens que representam a população negra e as formas simbólicas/ideológicas em que são inseridas;
- Identificar nos registros pictográficos produzidos pelos/as estudantes, quais as representações da população negra mais marcantes para as/os alunas/os negras/os participantes;
- Analisar os resultados de forma comparativa com os coletados 15 anos antes;
- Discutir permanências e mudanças nas representações apresentadas por alunos/as negros/as em relação ao contexto das mudanças definidas

pelas políticas educacionais de promoção de igualdade racial (Artigo 26A da LDB e Resolução 01/2004 do CNE, PNLD).

Conforme foi apontado por Silva (2005) e atualizado em pesquisas recentes por Paulo Vinicius B. Silva (2017), percebem-se mudanças em discursos racistas, mas limitadas e circunscritas como: a representação do negro em interação com outros grupos raciais; a localização no centro ou em primeiro plano em ilustrações; a prática de atividades de lazer. Percebe-se como melhorias na representação da população negra o refinamento dos personagens negros sem fenótipos grotescos; a associação com relações de submissão e escravidão; a inserção dos personagens negros inseridos no contexto escolar, principalmente nas ilustrações. Porém, o surgimento dessas novas formas de ilustração e a não ocorrência de tratamento estereotipado não significam a superação ou transformação do discurso racista, pois a tendência maior é a desqualificação do negro e a manutenção da normatividade branca.

Em contrapartida temos permanências, como a exclusão do negro no contexto do trabalho, principalmente das profissões que necessitam de alto nível de escolaridade. No mesmo sentido, percebe-se uma tendência a representar as relações familiares brancas, excluindo o negro do contexto familiar.

Por esta razão a necessidade de se analisar por meio dos registros e da participação das próprias crianças negras, as novas formas de representações que estão marcadas atualmente nos Livros Didáticos detectando que tipo de mudança em Livros publicados recentemente e, em casos de representações negativas da população negra, como elas são inseridas. Diante desta relação ambígua de alterações e permanências, se faz necessário analisar quais são essas mudanças e de que formas elas acontecem, discutindo seu impacto. Assim como irá apontar as permanências e de que formas as representações racistas estão inseridas tendo como protagonistas os estudantes negros/as que estão em contato diário com esses materiais.

Como analisam os estudos da área (SILVA, 2005; SILVA; TEIXEIRA; PACÍFICO, 2013; MÜLLER, 2018) o uso sistemático desse tipo de material pode possibilitar ao(à) aluno(a) negro(a) a compreensão errônea de que ele(a) e seu grupo possuem menor capacidade de desenvolvimento, levando-o(a), a uma menor liberdade de circulação e de interação com as demais pessoas – adultos e crianças que compõem o cotidiano escolar. Assim como a forma como se configura a marcante

valorização dos indivíduos brancos, impõe aos(as) alunos(as) a imagem do branco/europeu como única referência positiva.

Esta valorização se encontra presente também no enaltecimento da beleza física e das virtudes morais segundo padrões de uma suposta superioridade branca, seguidos de comentários depreciativos sobre a cultura, a estética e o comportamento de indivíduos pertencentes ao grupo étnico negro.

Percebe-se que esta imposição “silenciosa” de uma soberania branca impacta também nas relações sociais que permeiam o ambiente escolar, em uma diferença na distribuição de afeto e de oportunidades para os(as) alunos(as) negros(as) se sentirem pertencentes positivamente aos espaços e atividades desenvolvidas na escola – o que pode influenciar diretamente no aprendizado dos(as) alunos(as).

Para os(as) alunos(as) negros(as), o cotidiano escolar mostra-se mais árido, com raras possibilidades de recepção de um tratamento mais afetivo e carinhoso por parte de muitos profissionais da educação. E é nessa comparação dos relacionamentos entre crianças negras e brancas que são evidenciadas as diferenças de tratamentos e de resultados no sucesso/insucesso escolar de alunos e alunas.

Como reflexo desses discursos racistas que permeiam a escola, temos ainda a discriminação e preconceito entre alunos (as) e professore(as), sendo entendidas como ação natural do relacionamento humano. Este comportamento é tratado como um problema sem importância, que não merece zelo e consideração. Dessa forma, ocorre a generalização dos efeitos do preconceito e da discriminação racial contra negros e negras.

Sendo assim, trabalhos desta natureza mostram a necessidade de professores e organizadores de materiais didáticos sobre a importância do debate relacionado ao tema. E, também, a necessidade de instrumentalizar os professores para lidar melhor com esta problemática por meio de materiais e formação continuada, procurando viabilizar estratégias que elevem a autoestima de crianças pertencentes a grupos discriminados, criando condições para que o espaço escolar possibilite uma convivência positiva entre seus membros (TEIXEIRA, 2006).

As políticas públicas afirmativas, neste contexto, concretizam uma política para toda a sociedade, visto que o racismo corrompe a ética e a moralidade de todos os indivíduos, e constitui elementos desagregadores da sociedade como um todo. Por ação afirmativa, fica entendido que em nossa sociedade, todo e qualquer projeto de fortalecimento dos direitos humanos passa pela materialização do respeito e pela



valorização da diversidade étnico-racial, cultural, de gênero, de orientação sexual, social e regional (CAVALLEIRO, 2005).

A alteração dos artigos 26-A e 79-B da lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – pela Lei 10.639/2003, a Resolução CNE/CP 1/2004, que define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de história e Cultura Afro-Brasileira e Africana, fundamentada no Parecer CNE/CP 3/2004, compõem um conjunto de dispositivos legais considerados como indutores de uma política educacional voltada para a afirmação da diversidade cultural e da concretização de uma Educação das Relações Étnico-Raciais nas escolas, desencadeada a partir dos anos de 2000.

Tanto a legislação como seus dispositivos podem ser considerados como pontos centrais no processo de implementação das políticas de ações afirmativas na educação brasileira nos seus diferentes níveis, etapas e modalidades educacionais.

Com relação ao Programa Nacional do Livro Didático no ano de 1993 em avaliação publicada pelo MEC sobre os livros didáticos, os temas racismo e sexismo aparecem citados diversas vezes, e os critérios utilizados para a avaliação dos livros demonstram a clara preocupação com formas de discriminação explícitas e implícitas. Porém, nos anos seguintes e nas avaliações posteriores estes temas foram esquecidos e somente o edital de 2007 trouxe novidades na parte relativa a princípios e critérios para a avaliação de livros didáticos de 1 a 4 série do PNLD 2007. O edital seguinte, de 2008, manteve o mesmo texto do anexo IX (SILVA; TEIXEIRA; PACÍFICO, 2013). Nele observam-se várias alusões à diversidade, no qual temos como afirmação dos princípios de ensino: a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; o respeito à liberdade e apreço à tolerância; a garantia do padrão de qualidade; valorização da experiência extraescolar; e a vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais. No edital de 2011 a ênfase sobre critérios de valorização da diversidade ficou ainda maior, tanto pela importância a eles concedida na narrativa desse anexo do edital que trata da avaliação, quanto pelo detalhamento nos itens, acrescidos de indicação sobre educação em direitos humanos (SILVA; TEIXEIRA; PACÍFICO, 2013). Diante deste novo panorama de mudanças nas representações da população negra mas também marcada por permanências presentes nas representações hegemonicamente brancas e eurocentradas que tratam de forma desigual as relações entre as populações brancas

e negras, reforçando os discursos racistas no espaço escolar, afeta diretamente as/os alunas/os e naturalizam preconceitos que afetam diretamente as/os alunas/os negras/os. Partindo desta premissa, se faz necessário analisar os significados estruturais da construção simbólica ou das representações da realidade que toda a ação revela, bem como as mediações das linguagens nas formas de captação do mundo pelos sujeitos em processo de escolarização, individualmente ou coletivamente.

Podemos afirmar que a escola atua como agente na construção social, formando indivíduos institucionalizados em uma visão por vezes descolada de sua realidade, onde se cria um padrão de mundo de forma coletiva, e muitas vezes conformada, para aceitação de um grupo dominante.

Entende-se que as crianças negras, assim como as demais, são atores sociais de pleno direito, com capacidade de produção simbólica e que possuem suas representações e crenças constituídos em sistemas organizados institucionalmente. Porém, essas mesmas crianças vivenciam desde cedo com uma agressão simbólica nas relações estabelecidas nos diversos espaços sociais, em especial na escola. Não apenas elas, mas a categorização de um grupo social, o estereótipo e a discriminação afetam a todos/as, pois se cria a ideia de que um grupo dominante que detém o poder de definir o lugar do “outro”, e não dos indivíduos de forma igualitária, atribuindo a este e a seus membros, propriedades negativas e práticas discriminatórias, ao ponto que vemos uma imposição de estética, normas, valores, ideologias sociais e culturais como padrão a ser seguido pelo grupo branco dominante.

## 2 METODOLOGIA

Neste capítulo analisamos os resultados coletados com os procedimentos de rememoração, realizados para replicação do estudo de Teixeira (2006). Apesar da pesquisa ser em colégios diferentes, a técnica metodológica procurou ser fiel a aplicada pela autora na Escola Estadual Helio Antonio de Souza na cidade de Shangrilá/ Pontal do Paraná.

O método de análise dos desenhos produzidos foi inspirado nos estudos críticos das Relações Raciais no Brasil. Consideramos estes estudos como decorrentes de abordagens colocam como mito a suposta democracia racial e questionam a cordialidade nas relações entre as populações negra e branca, denunciando as formas de hierarquização e relações de poder que se dão no Brasil, causando desigualdade racial, falta de oportunidade e discursos racistas. O tema “racismo”, mesmo que de forma incipiente, começou a ocupar espaço cada vez maior nos debates acadêmicos, social e político (ROSA, 2014). Ganhou maior visibilidade nos debates públicos, conquistando espaços importantes com a implementação das cotas nas universidades públicas e em concursos públicos, a implantação da Lei nº10.639/2003, a organização e fortalecimento do movimento negro que vem mobilizando vários espaços, inclusive nos debates da educação – o que vem trazido grandes avanços na questão de representatividade da população negra nas escolas, na conscientização sobre o racismo e valorização da cultura afro-brasileira e africana.

No entanto, existia (e ainda existe) uma mentalidade hegemônica branca muito presente na sociedade brasileira que se apresenta ainda de diversas formas, seja no discurso midiático, espaços de poder ocupados majoritariamente por pessoas brancas e nos livros didáticos de História, que ainda possuem espaços limitados aos personagens negros/as os quais geralmente são estereotipados, como apresenta Oniesko (2018) em sua pesquisa. Também como enfatiza Rosa (2014), apesar de vários avanços nos debates públicos, existe uma fragilidade na efetividade das políticas de promoção da igualdade raciais as quais o autor aponta três pontos: 1- Inadequação cultural ainda presente como limitadora do sucesso das políticas; 2- As políticas de diversidade atualmente tem um foco muito mais voltado para o mercado do que para as demandas da sociedade, onde os grupos minoritários se originam e sofrem exclusão; 3- Pouca atenção por parte das empresas brasileiras para o tema do combate ao racismo.

Todas as situações apresentadas, resultavam e resultam na pouca ênfase dos estudos organizacionais ao tema das relações raciais, o que é decorrente também da reserva dos brasileiros em abordar o tema do racismo inclusive no campo acadêmico, que se agrava devido ao distanciamento dos estudos que envolvem a diversidade no Brasil e acaba por empobrecer as análises sobre o tema (ROSA, 2014). Mas apesar das fragilidades, temos um crescimento significativo nos estudos relacionados as relações raciais nos livros didáticos no Brasil.

Nas décadas de 1970 e 1980 pesquisas sobre o racismo na educação tomam força com algum fomento da Fundação Carlos Chagas, com os eventos comemorativos do centenário da abolição, os trabalhos de conclusão de mestrado de ativistas do movimento negro como Luiz Alberto Oliveira Gonçalves e Ana Célia da Silva, as pesquisas de Regina Pahim Pinto e Fulvia Rosemberg sobre as estratégias ideológicas na construção simbólica, analisando as relações de poder impostas em discursos de livros dirigidos a infância, nos quais constataram um discurso ideológico racista fortemente presente nesses materiais.

Nas décadas seguintes os estudos se ampliaram. Posteriormente, com o aumento de ativistas negros na universidade, a ampliação de núcleos de estudos afro-brasileiros e o debate sobre desigualdades raciais ganhando maior visibilidade, o número de pesquisas sobre relações raciais no Brasil se ampliou e entre os temas na educação teve destaque a análise de livros didáticos.

Como mostra a pesquisa de Müller (2018), temos uma vasta gama de pesquisas, entre dissertações e teses que estudam sobre livros didáticos, tendo se constituído como um dos principais polos a Universidade Federal do Paraná com pesquisadores/as negros/as como: Profº Drº Paulo Vinicius Baptista da Silva, Profº Drº Sérgio Nascimento, Profa. Drº Megg Rayara Oliveira, Profa. Ms. Tânia Mara Pacífico; Profa. Ms. Verediane Cintia de Souza Oliveira.

No entanto, apesar do crescente número de pesquisas relacionados as ilustrações e imagens que representam os livros didáticos, ainda há pouquíssimas produções preocupadas em discutir qual é o reflexo dessa estrutura ideológica racista nos principais afetados por esse fenômeno: as crianças negras que estão em sala de aula que têm acesso a esses materiais estudados. Esta pesquisa insere-se no esforço de suprir esta lacuna, tendo como objetivo principal escutar esses estudantes negros/as que estão em contato diário com os livros didáticos para responder a pergunta sobre qual imagem dos livros didáticos sobre os personagens negros/as é

mais presente na memória deles, mas também dar voz a essas crianças para que possam expressar como as relações raciais acontecem em suas vidas e qual o impacto da escola neste processo.

Diante desse contexto, e seguindo a metodologia desenvolvida por Teixeira (2006), os métodos de coleta de dados foram o questionário e a entrevista individuais e a análise dos dados coletados por meio de levantamento bibliográfico comparando os resultados as pesquisas sobre o mesmo tema realizadas até o ano de elaboração da presente dissertação.

A pesquisa apresenta dados qualitativos, que respondem a questão: Qual a imagem que crianças negras de 11 a 13 anos retêm em suas memórias do negro no livro didático, o que essas imagens transmitem e como refletem na visão desses estudantes sobre a população negra.

Os dados foram coletados em salas de aula de 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola Estadual situada em Shangri-lá/Pontal do Paraná no período de 22/11 a 23/11/2018. A escola atende por cerca de 1.135 alunos conforme informa o Projeto Político Pedagógico de 2015 da instituição, nos três turnos, sendo que o 6º apenas é ofertado a tarde e conta com 4 turmas e 113 alunos. Os sujeitos participantes da pesquisa, também por ser da mesma região pesquisada por Teixeira (2006), são em sua maioria, filho de pescadores, trabalhadores urbanos de baixa renda, trabalhadores de temporada e oriundos da zona rural.

Foram realizadas 2 (duas) visitas à escola. Num primeiro momento tivemos acesso a 4 (quatro) turmas de 6º. Ano e foram distribuídas para todos os/as alunos/as (independente da raça/cor) uma folha/questionário com a questão “Qual a imagem do negro no Livro Didático ficou mais presente em sua memória?”. Em um primeiro momento, foi feita uma breve explicação sobre a pesquisa, a respeito do uso dos livros didáticos nas escolas e a rememoração da representação dos/as negras/os nesse material. Foi então apresentado o questionário as turmas (Anexo X) que contém a pergunta principal que esta pesquisa pretende responder, um espaço central para o registro dos estudantes e na parte inferior um termo de consentimento livre e esclarecido para os/as alunos/as, explicando a origem da pesquisa e o comprometimento de não identificação que nenhum nome, entrevista ou imagem das crianças serão exposto durante toda a dissertação, apenas suas produções em desenhos e escrita. Os termos foram assinados apenas pelos estudantes, não aos pais, considerando que a infância e as crianças são sujeitos sociais ativos.

A respeito da natureza do termo, a orientação que segue atualmente para este tipo de pesquisa é que a área de educação tem participado de discussões e formulação de proposta de serem formados comitês específicos de educação ou de ciências humanas. Dessa forma, a Comissão formada pela a ANPED, que à época da coleta de dados orientava que os projetos não fossem submetidos aos modelos de comitês da área de saúde, ao mesmo tempo que os cuidados éticos nas pesquisas com seres humanos sejam tomados e tratados nos trabalhos.

Após a assinatura do termo, as crianças foram orientadas que no dia seguinte, a pesquisadora estaria na escola para conversar individualmente com os/as alunos/as que se auto declaravam negros e que tivessem interesse em falar sobre o significado do desenho. Após esta conversa inicial, foi dado 30 minutos para que pudessem responder a pergunta em questionário individual.

Durante a produção das crianças, não houve nenhum tipo de contato entre pesquisadora e os estudantes, por mais que houvesse dúvidas a respeito do desenho que iriam fazer, a intenção foi deixá-los à vontade para que registrassem a imagem de personagem negro/a que quisessem, sem nenhum tipo de interferência. No final do tempo disponibilizado, os desenhos foram recolhidos sem nenhum tipo de análise prévia na turma.

No segundo momento, no dia seguinte, a pesquisadora retornou as salas as quais foram aplicados o questionário e foi informado que os/as alunos/as negros/as que quisessem falar sobre as suas memórias se direcionassem a sala que foi destinada pela escola para que fosse possível entrevista-los/as. Seguindo a metodologia utilizada por Teixeira (2006), essa foi a forma encontrada para que pudesse ser selecionados apenas os estudantes negros e que se sentissem a vontade em falar sobre o tema, pois sabemos que o assunto pode fazer lembrar não apenas registros, mas situações de conflito e mal-estar.

A sala compunha a estrutura da coordenação pedagógica, onde os/as alunos/as puderam ficar a vontade, sozinhos com a pesquisadora, sem nenhum tipo de intervenção ou mediação de funcionários/as da escola e/ou colegas. As entrevistas foram feitas individualmente e foi dado aos estudantes o tempo que eles precisavam para falar sobre seus desenhos de forma livre, pois como a conversa era de cunho pessoal, de desenhos produzidos por eles sobre memória e identidade, foi escolhida essa forma de abordagem ao invés do grupo focal, entendendo que a conversa em grupo com os colegas pudesse restringir alguns e pudesse interferir nas

informações coletadas. Ao total, foram entrevistadas 17 crianças que se prontificaram em participar da pesquisa, dez crianças de 11 anos, seis crianças de 12 anos e uma criança de 13 anos, sendo dez meninas e sete meninos.

As entrevistas foram feitas por meio de perguntas abertas e que pudessem direcionar os estudantes a responder as questões abordadas na pesquisa, no entanto, sem nenhum tipo de restrição, pois por meio das imagens produzidas por eles, percebe-se um fato crucial para a análise, a associação de imagens rememoradas da população negra do livro didático com fatos e pessoas que fazem parte de suas vivências e dos seus cotidianos.

Como poderá ser observado nos desenhos, algumas crianças desenhavam pessoas que fazem parte da sua vida como protagonistas dos desenhos em situações muitas vezes sofrendo preconceito racial, ou até mesmo registrando casos de racismo que aconteceram na escola. Devido à variedade enorme de formas de registro, que não ficaram restritas a apenas um tipo de representação, as entrevistas iniciaram com duas perguntas padrões: “Quantos anos você tem?” e “Você pode me contar sobre o desenho que você fez e por que é a imagem mais presente na sua memória sobre a representação da população negra nos livros didáticos?”. Com a variedade de respostas, a pesquisadora mediava e direcionava, mas sem nenhum tipo de intervenção na resposta.

Após a coleta das entrevistas por meio de gravação, as conversas foram transcritas no qual foi feita uma leitura crítica junto a análise dos desenhos.

Sendo assim, na primeira parte analisamos as imagens produzidas por tais alunas/os e na segunda as entrevistas concedidas pelas/os mesmas/os, procurando fazer uma análise que pudesse relacionar o que de fato e na prática, essas representatividades influenciam na vida desses estudantes negros. Em outro momento, foi feita a análise com outros estudos da mesma temática.

## **2.1 Perfil da escola e da comunidade<sup>2</sup>**

Inaugurado em 1999, o Colégio Maria Helena Teixeira Luciano tem como missão o desenvolvimento da educação, da cidadania e da qualificação dos moradores de Pontal do Paraná. Sua primeira sede existiu na Escola Municipal Luiz

---

<sup>2</sup>Texto retirado do Projeto Político Pedagógico elaborado pelo Colégio Maria Helena Teixeira Luciano no ano de 2018.



Antônio Amatuzzi de Pinho até junho do ano 2007, quando foi transferida para o atual prédio, situado na Rua Tamandaré, nº405, no balneário Shangri-lá, município de Pontal do Paraná, Estado do Paraná.

Atualmente o colégio atende as Séries Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA Fase II e Médio). Além das atividades complementares como Sala de Apoio de Língua Portuguesa e Matemática, Atividades de Treinamento em Educação Física. A estrutura física do colégio conta com sala de recursos multifuncionais, laboratório de química, biblioteca, refeitório, quadra poliesportiva coberta, laboratório de informática e treze salas de aula.

A equipe do Colégio Estudantes Professora Maria Helena para o ano letivo de 2018 é composta por 56 professores, 15 Agentes Educativos I, 09 Agentes Educativos II, 06 profissionais da equipe pedagógica, além da Direção. As matrículas atualizadas até o primeiro semestre de 2018 totalizam 510 estudantes do Ensino Fundamental, 276 estudantes do Ensino Médio, 42 estudantes no CELEM, na Educação de Jovens e Adultos: Ensino Médio 106 estudantes e Ensino Fundamental: 113 estudantes, Sala de Recurso Multifuncional: tarde 13 estudantes e manhã 15 estudantes, Treinamento Esportivo 49 estudantes.

A comunidade do Colégio Estadual Professora Maria Helena Teixeira Luciano caracteriza-se por aspectos que refletem as realidades: sócio-político-econômica do país. As famílias possuem estruturas diversificadas (paisXfilhos, mãesXfilhos, avósXnetos, tiosXsobrinhos, mães/paisXfilhos, crianças abrigadas). A escola atende a tribo indígena Guaviraty e uma grande demanda de famílias migrantes do norte e nordeste do Brasil devido a instalação da empresa Techint.

A comunidade do Colégio Maria Helena Teixeira Luciano possui uma diferenciação dos demais municípios até pela questão de nomenclatura. Por Pontal do Paraná ser um município praiano, a cidade não é dividida em bairros, mas em balneários. O Colégio fica situado no Balneário de Shangri-lá que está localizado no meio de uma extensão de 23 Km de praias. Atende estudantes prioritariamente do Balneário de Shangri-lá e também de outros Balneários próximos.

## **2.2O uso da “Rememoração” como metodologia**

A memória enquanto instrumento do laço social, tem se tornado frequentemente como objeto central de análise na denominada “história social da

memória” problematizando a memória através da sua inscrição na história, conforme explica Helenice Rodrigues da Silva no artigo “Rememoração”/ comemoração: as utilizações sociais da memória.

Partindo da visão de Paul Ricoeur<sup>3</sup>, a autora afirma que a memória assegura a a continuidade temporal, e de forma fragmentada e pluralizada, permite uma melhor apreensão das relações passado, presente e futuro e a vinculação entre a memória e a história.

Para tal análise, no entanto, é necessário operar articulando entre a história dos historiadores e a memória dos testemunhos, e para isso, o historiador, ou no caso, a pesquisadora, desempenha nesse trabalho de resgate de memória, a função de mediar, procurando adequar os relatos de memórias individuais à veracidade histórica e elabora uma reflexão sobre a própria temporalidade (SILVA, 2002).

Para nossa pesquisa, utilizamos a metodologia de análise da memória partindo da concepção de Ricoeur, ressaltando por meio da rememoração, os valores de uma comunidade e a construção de uma memória coletiva, apresentando o reflexo de fatos históricos nas crises sociais contemporâneas. Portanto, conforme Silva (2002) explica ao citar os estudos de Maurice Halbwachs, a memória não é apenas um fenômeno individual interiorizado, e sim uma construção social de um fenômeno coletivo. Dessa forma, se estrutura e se insere na memória coletiva e conforme afirma Ricoeur, a rememoração é a continuidade entre presente, passado recente, passado distante, que permite remontar o presente vivido até os acontecimentos da infância.

---

<sup>3</sup>Paul Ricoeur: filósofo e pensador francês do período que se seguiu à Segunda Guerra Mundial

### 3 DISCUTINDO SOBRE O LIVRO DIDÁTICO

Historicamente e ainda nos dias atuais, vivemos uma imposição de valores estéticos, comportamentos e visões de mundo que estão longe de abranger todos os grupos étnico-raciais que constituem a população brasileira. Ao passo que o grupo negro tente a ser inviabilizado e destituído, em contraponto que há uma exacerbação da valorização dos padrões eurocêntricos. Tais valores estão inseridos nos espaços escolares e a Escola atua como agente na construção social, atua para criar indivíduos institucionalizados e padrões de mundo de forma coletiva, e muitas vezes conformada, visando aceitação de um grupo dominante.

Essa realidade pode ser entendida como reflexo da ideologia de branqueamento e do “mito da democracia racial” instaurados na sociedade brasileira entre os séculos XIX e XX e que se configuraram como os dois pilares da ideologia racial do Brasil, enraizados numa crença de que a miscigenação é um fato histórico que torna o Brasil único, sem desigualdades raciais.

No caso dos conflitos raciais que constituem o Brasil, reforçado pela falsa ideia de democracia racial, presenciamos instituições escolares e práticas docentes que impõem uma cultura hegemônica branca, e nos livros didáticos se torna um fator preocupante, pois atua como um dos principais condutores de representações sociais e de como a sociedade constrói imagens sobre si - o que influencia diretamente no comportamento social dos/as alunos/as.

Estudos como os realizados por Dante Moreira Leite sobre o preconceito racial nos livros didáticos e paradidáticos no Brasil iniciados na década de 1950, apontam que o preconceito racial raramente é explícito e que a discriminação está presente principalmente por formas implícitas de racismo, pela ausência de personagens negros, pela presença de estereótipos e pela correlação dos personagens negros com posições desvalorizadas (SILVA, 2005). Estes estereótipos justificam a exploração e a opressão pelo imaginário de superioridade de um grupo humano sobre outro.

Os livros didáticos são artefatos culturais que afetam a experiência escolar, especialmente na dimensão do ensino de diferentes formas e em diferentes situações. E por este motivo, emerge a necessidade e as possibilidades de analisá-los não apenas em sua estrutura, mas também as relações indivíduo, sociedade e escolarização a partir de microdimensões do processo educacional. No campo das

Relações Étnico-Raciais, estudos desde a década de 1980 como os apresentados por Fulvia Rosemberg (1987) e Regina Pahim Pinto (1987), entre outras/os, chamam atenção para as relações hierarquizantes existentes nos Livros Didáticos no qual os personagens brancos se encontram com maior frequência desempenhando a função de representantes da espécie e como as representações dos diferentes grupos étnicos-raciais são inseridas de formas estereotipadas, reforçando desigualdades raciais, mesmo não havendo uma defesa explícita de racismo. Apesar da legislação vigente na Lei nº 10.639/03 e Lei nº 11.645/08 que alteram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação trazendo uma série de dispositivos legais que trazem a obrigatoriedade do estudo da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, pesquisas afirmam que ainda permanecem presentes representações hegemonicamente brancas e eurocentradas nos Livros Didáticos que tratam de forma desigual as relações entre as populações brancas e negras, reforçando os discursos racistas no espaço escolar (SILVA; TEIXEIRA; PACÍFICO, 2013; MÜLLER, 2018). Entende-se que esta estrutura de representação afeta e naturaliza preconceitos que influenciam diretamente as/os alunas/os negras/os. Partindo desta premissa, se faz necessário analisar os significados estruturais da construção simbólica ou das representações da realidade que toda a ação revela, bem como as mediações das linguagens nas formas de captação do mundo pelos sujeitos em processo de escolarização, individualmente ou coletivamente.

Não é difícil ainda nos dias atuais nos surpreendermos com casos de racismo nas escolas. Conflitos encontrados nas relações entre alunos/as – alunos/as, professores/as – alunos/as assim como alunos/as – professores e entre demais funcionários que é motivado pelo preconceito racial – estrutural e estruturante reforçado pelo mito da democracia racial. E como os Livros Didáticos se inserem neste problema?

A máxima de Nelson Mandela conhecida mundialmente diz que: *“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender...”*, nos traz a reflexão: qual o papel a escola está exercendo neste contexto? A afirmação feita por Du Bois, no livro **As almas dos Negros** (1903), complementa esta ideia quando diz que: *“É logo no alvorecer da irresponsável infância que a revelação, do jeito que é, se abate sobre alguém, por inteiro, em apenas um dia.”*

Esta é uma das primeiras reflexões trazidas por Du Bois (1903) ao relatar um

caso de sua vida em que uma colega da escola se recusou a receber um cartão de sua mão, parte de uma atividade de sala de aula, por ele ser negro. E explica com uma metáfora que o negro nasce com um véu que não lhe permite produzir uma verdadeira autoconsciência, que apenas lhe assegura se descobrir através da revelação do outro.

Santos (1983) em sua obra *Tornar-se negro*, afirma que a violência racista exerce o embranquecimento antes de mais nada, por meio da impiedosa tendência a destruir a identidade do/a negro/a. Este através da internalização compulsória e brutal de um ideal de ego branco, é obrigado a formular para si um projeto identificatório incompatível com as propriedades biológicas do seu corpo. Entre o ego e seu ideal cria-se, então, um fosso que o sujeito negro tenta transpor, às custas de sua possibilidade de felicidade, quando não de seu equilíbrio psíquico.

Partindo desta afirmativa, se faz necessário também se levar em consideração os significados estruturais da construção simbólica ou das representações da realidade que toda a ação revela, bem como as mediações das linguagens nas formas de captação do mundo pelos sujeitos em processo de escolarização, individualmente ou coletivamente

Diante deste panorama escolar que encontramos atualmente, o capítulo tem como proposição discutir a importância da análise das Relações Raciais nos Livros Didáticos utilizados em sala de aula entendendo o papel destes materiais didáticos no combate aos discursos racistas e quais são seus reflexos na Escola.

### **3.1 Discutindo sobre o Livro Didático: a importância da análise do livro como ferramenta metodológica**

Na análise dos livros didáticos, Garcia (2013) traz em sua pesquisa o que é fundamental para o estudo do tema: a opção de análise no sentido de que qualquer dos elementos constitutivos do trabalho escolar supõe estabelecer sua conexão com a vida social em sua totalidade – para isso, é necessário se aproximar do espaço escolar, no qual o pesquisador necessita apoiar-se em determinadas abordagens da Teoria Social que possam orientar seu olhar para a vida nas escolas.

Por ser um artefato cultural que está estreitamente relacionado à produção da forma escolar, as pesquisas tomam o livro como um elemento que afeta e é afetado pela experiência escolar, especialmente na dimensão do ensino. O que significa

afirmar que os livros podem ser estudados em sua relação com a estrutura das aulas, o planejamento, as articulações com o currículo, o tempo escolar, a avaliação, as atividades do professor, as atividades dos alunos, e os discursos ideológicos e representações inseridas neles.

Sendo assim, entendendo que o conceito de cultura escolar permite considerar o livro didático como um artefato dessa cultura, é importante que as pesquisas busquem explicitar a compreensão não apenas sobre os conhecimentos científicos que eles se propõem transmitir, mas também as formas que são privilegiadas, em cada tempo, para ensinar e aprender. Importa também conhecer os valores, entendidos enquanto as propostas veiculadas pelos manuais e cujo objetivo é, ao final, transmitir às novas gerações, parte do material simbólico entendido como significativo para aquela sociedade. O corte do cotidiano para o qual o sujeito individual é o referencial significativo é apenas um primeiro nível analítico possível das atividades observáveis em qualquer contexto social. A permanência do pesquisador em campo para observar e registrar elementos que constituem a vida cotidiana das escolas pode fertilizar as possibilidades de teorização em torno da presença dos livros nesse espaço e, portanto, a construção de explicações articuladoras em que diferentes níveis analíticos se impõem como existência e desafio.

Utilizando como base de análise da pesquisa, a concepção crítica da ideologia (SILVA, 2005), observa-se que o livro didático como meio técnico e material de transmissão de cultura é utilizado amplamente nas instituições de ensino e se caracteriza como principal ferramenta de apoio a prática docente, inclusive para elaboração de planejamentos de aula e projetos institucionais.

Sua transmissão vai para além do conteúdo, reflete nos discursos, nas visões de mundo, no comportamento e principalmente no olhar sobre as diferentes culturas, etnias e raças idealizando um padrão como referência, como o certo. E ao estudar os usos sociais e ideológicos das formas simbólicas, analisamos a forma como é usado para estabelecer e sustentar relações de dominação nos contextos sociais em que elas são produzidas, transmitidas e recebidas.

Como apontam Rosemberg, Bazilli e Silva (2003) por meio de uma revisão de literatura sobre as expressões do racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate, mostram que no ano de implantação da Lei 10.639/2003 o padrão de preconceito racial brasileiro se caracterizava principalmente pelas formas implícitas - o qual sustentam o imaginário da democracia racial. Exemplo disso está nos estudos

das representações da população negra nos livros didáticos os quais são marcados por: 1- Não representação de personagens negros na sociedade descrita nos livros; 2- A representação do negro em situação social inferior à do branco; 3- O tratamento da personagem negra composta de inferioridade; 4- A visão do negro como alguém digno de piedade; 5- O enfoque da raça branca como sendo a mais bela e a de mais poderosa inteligência; 6- O combate ao preconceito através da História do Brasil.

Uma das evidências trazidas pelos autores é o tratamento do negro como objeto e a forma em que os Livros Didáticos estabelecem uma relação entre desiguais, no qual o adulto narra ou ensina à criança sobre uma sociedade adulta branca idealizada - e uma relação entre iguais, quando o autor, ilustrador, crítico, editor e bibliotecário criam para um público, que se representa como sendo formado por crianças e adolescentes brancos, a visão branca dominante sobre a raça negra (ROSEMBERG; BAZILLI; SILVA, 2003).

A análise das formas simbólicas como ideológicas, necessita de uma análise em relação aos contextos sócio-históricos específicos nos quais elas são empregadas e persistem, pois como explica, para a maioria das pessoas, as relações de poder e dominação que as atingem mais diretamente são as caracterizadas pelos contextos sociais dentro dos quais elas vivem suas vidas cotidianas – entre elas, a sala de aula. Nesses espaços em que os indivíduos gastam a maior parte de seu tempo agindo e interagindo, são também onde buscam seus objetivos e estão organizados de maneiras e relações complexas.

Nos discursos sociais em geral e nos livros didáticos em específico, temos a naturalização da condição de branquidade dos personagens nos textos e nas ilustrações, sendo estes mostrados como representantes da espécie, ocupando quase a totalidade de posições de destaque nas ilustrações e inseridos em contexto familiar (ROSEMBERG, 1985; SILVA 2005).

Diante desta realidade, emerge a necessidade da reflexão sobre a importância da escola como espaço de formação da identidade das/os alunas/os e como o livro didático pode reforçar representações e discursos de desigualdades ou combatê-las. Se problematiza então a questão do trabalho pedagógico no espaço escolar sobre a identidade negra. Entende-se que as crianças negras, assim como as demais, são atores sociais, com capacidade de produção simbólica e que possuem suas representações e crenças (SARMENTO; PINTO, 1997) e vivenciam desde cedo com uma agressão simbólica nas relações estabelecidas nos diversos espaços



sociais, em especial na escola o qual se cria a ideia de que um grupo dominante branco, com valores eurocêntricos supervalorizados, detém o poder de definir o lugar do “outro” (no caso do grupo negro) e não dos indivíduos de forma igualitária (VAN DIJK, 2003 p. 68-69) atribuindo a este e a seus membros, propriedades negativas e práticas discriminatórias.

Tendo em vista que os grupos de elite branca e as instituições controlam ou tem preferência no acesso das mídias e outros meios de reprodução ideológicos, constata-se que as cognições sociais tendam a prevalecer nas definições de situações raciais este grupo, da mesma maneira que reproduzem o discurso da elite.

Em seu livro “Racismo y discurso de las elites”, Van Dijk (2003) afirma que as atitudes sociais também são organizadas em representações sociais mais fundamentadas, ou seja, ideologias. Estas, se caracterizam como os princípios sociais essenciais e seus fundamentos, como normas e valores das estruturas e da formação das atitudes, a representação dos objetivos e interesses fundamentais de um grupo, seja social, econômico e / ou cultural.

E ao discutir sobre a ideologia no terreno nas formas simbólicas, analisamos como são usadas para estabelecer e sustentar relações de poder no aspecto da vida social. No campo dos estudos da ideologia crítica, Thompson (1995, p.16) argumenta que este conceito pode ser usado para se referir às maneiras como o sentido (significado) serve para estabelecer e sustentar relações de poder que são sistematicamente assimétricas – denominadas pelo autor de relações de dominação, a qual mostra que se caracteriza como “o sentido a serviço do poder”. Dessa forma, o sentido é construído e usado pelas formas simbólicas de vários tipos, desde as falas linguísticas cotidianas até as imagens e aos textos complexos.

Os sistemas simbólicos são ideológicos e a proporção disso se dá na forma como eles são usados e entendidos em contextos sociais específicos. Os livros didáticos, por exemplo, são compostos por símbolos permeados de ideologias que compõem o sistema operacional social de um grupo ou fazem parte de uma cultura, fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente. Na mesma via, constroem o seu senso de raça-etnia, fornece símbolos, os mitos e os recursos que ajudam a constituir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos. Define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral (KELLNER, 2001 p.15).

Por ser utilizado amplamente nas instituições de ensino e se caracterizar

como principal ferramenta de apoio a prática docente, inclusive para elaboração de planejamentos de aula e projeto institucionais, sua transmissão vai para além do conteúdo, reflete nos discursos, nas visões de mundo, no comportamento, nos discursos e principalmente no olhar sobre as diferentes culturas e etnias idealizando um padrão como referência, como o certo. O que vem sendo apontado em várias pesquisas como as realizadas por Silva (2005) mostram que grande parte da representatividade relacionada a população negra está associada ao período escravagista – independente de qual conteúdo e de qual espaço- tempo esteja em discussão. Associando o negro a condição de escravizado, submisso e muitas vezes sofrendo algum tipo de agressão física.

Ainda hoje as escolas não constituem espaço público com igualdade de tratamento e de oportunidades para o desenvolvimento de alunos e alunas. Acabam por atuar muitas vezes como um elemento de inferiorização do/a aluno/a identificado/a como negro/a, se referindo a eles/as com codinomes pejorativos – tratamentos que sinalizam que na vida escolar as crianças negras precisam conviver com relações racistas e discriminatórias. Para além disso, estes/as convivem em uma relação contínua de desvalorização de sua presença no ambiente e convivem com uma educação que desrespeita e desvaloriza a diversidade étnico-racial. Este desrespeito e desvalorização muitas vezes estão presentes também nos livros didáticos com representações estereotipadas e formas pejorativas de referência a população negra – o que muitas vezes é reforçada em discursos dos/as docentes em sala de aula. Estas práticas racistas, preconceituosas e discriminatórias contribuem para a fragilização da identidade de alunos/as negros/as e marcam a necessidade e a importância da Lei 10.639/03 como forma de combate a estas frequentes formas de desrespeito pois o racismo no contexto brasileiro, permeia-se no espaço escola e nos materiais didáticos e pedagógicos de forma muitas vezes velada, trazendo conteúdos e demais formas simbólicas que privilegiam a representação positiva de pessoas brancas em detrimento às pessoas negras (CAVALLEIRO, 2005, p. 5).

### **3.2 As crianças negras e o racismo no espaço escolar**

Toda escola se caracteriza como um espaço institucional com relações interpessoais o qual reflete todos os tipos de manifestações racistas inseridos socialmente e podem difundir na comunidade escolar uma falsa visão de mundo que

tem por referência um padrão cultural eurocêntrico – o que implicitamente instaura uma hierarquia nas relações entre brancos e negros conflituosa. E os discursos racistas aparecem de todas as formas: no próprio discurso e também nas representações simbólicas como nos Livros Didáticos e nas formas diferenciadas e hierarquizadas em que os negros são inseridos com relação aos personagens brancos.

Entende-se o livro didático como um objeto da cultura escolar que integra um conjunto dos conteúdos cognitivos e simbólicos que, selecionados, organizados, normalizados, rotinizados, sob o efeito dos imperativos da didatização, constituem habitualmente o objeto de uma transmissão deliberada no contexto das escolas. Sendo assim, materializam o que uma sociedade – ou parte dela – considera valioso transmitir às gerações mais novas no que se refere especialmente aos conhecimentos científicos, estes também entendidos como produto de uma construção histórica e social (GARCIA, 2013). Sendo assim, trata-se de um material ideológico e que por muitas vezes reproduzem o discurso racista e uma visão de mundo eurocentrado, desvalorizando a cultura e a estética e a cultura de outras etnias que compõem a sociedade brasileira, descontextualizada muitas vezes do espaço escolar o qual se insere. A lei nº 10.639/03 que institui o artigo 26ª da LDB e a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira e como um de seus dispositivos legais para a concretização de uma Educação das Relações Étnico-Raciais nas escolas, trouxe orientações em direção a alterar o PNLD trazendo esta obrigatoriedade nos livros didáticos, porém, ainda tem alcance limitado devido à presença ainda constante de uma ideologia dominante branca que impõe a hegemonia do padrão branco e eurocêntrico de cultura e estética, estereotipando e desvalorizando as demais culturas presentes nos espaços sociais (SILVA, 2005).

O Parecer 003/2004 na Resolução N°1 de 17 de junho de 2004, no que se refere a políticas de reparações, de reconhecimento e valorização, de ações afirmativas, orienta que:

A demanda por reparações visa a que o Estado e a sociedade tomem medidas para ressarcir os descendentes de africanos negros, dos danos psicológicos, materiais, sociais, políticos e educacionais sofridos sob o regime escravista, bem como em virtude das políticas explícitas ou tácitas de branqueamento da população, de manutenção de privilégios exclusivos para grupos com poder de governar e de influir na formulação de políticas, no pós-abolição. Visa também a que tais medidas se concretizem em iniciativas de combate ao racismo e a toda sorte de discriminações. (BRASIL, 2004).

E define as Políticas de reparações da seguinte forma:

Políticas de reparações voltadas para a educação dos negros devem oferecer garantias a essa população de ingresso, permanência e sucesso na educação escolar, de valorização do patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro, de aquisição das competências e dos conhecimentos tidos como indispensáveis para continuidade nos estudos, de condições para alcançar todos os requisitos tendo em vista a conclusão de cada um dos níveis de ensino, bem como para atuar como cidadãos responsáveis e participantes, além de desempenharem com qualificação uma profissão. (BRASIL, 2004).

No entanto, mesmo após dez anos da homologação do Parecer, pesquisas como as de Rosenberg (2014), ainda afirmam que as desigualdades entre brancos e negros no acesso a bens sociais se deve a permanência do racismo constitutivo da sociedade brasileira que opera, simultaneamente, nos planos material e simbólico.

Anos depois da promulgação da lei, presenciamos de forma constante no plano simbólico uma sociedade que adota a ideologia da superioridade natural dos brancos sobre os demais, inclusive os negros. O racismo opera por expressão aberta, latente ou velada de preconceito racial, considerando os negros como inferiores aos brancos.

Estas diversas formas de racismo presentes no cotidiano fazem relevante perguntar como se constrói a identidade racial da criança negra diante dessa realidade. Santos (1983) discute a problemática situação dessa construção racial diante do racismo, principalmente no espaço escolar. A mesma afirma que ao sujeito negro, esta possibilidade é, em grande parte, sonegada, visto que o modelo de Ideal de Ego que lhe é oferecido não é um modelo humano de existência psíquica concreta, histórica e conseqüentemente, realizável ou atingível. O modelo de identificação normativo-estruturante com o qual ele se defronta é o de um fetiche: o fetiche do branco.

Para o sujeito negro oprimido, os indivíduos brancos, diversos em suas efetivas realidades psíquicas, econômicas, sociais e culturais, ganham uma feição ímpar, uniforme e universal - o qual a autora conceitua como "brancura". As hierarquias que se mantêm e atualizam influenciam para o fetichismo em que se assenta a ideologia racial faz do predado branco, da brancura, o sujeito universal e essencial. Ao negro resta o fetiche do branco, ele está condenado a negar tudo aquilo que contradiga o mito da brancura, inclusive sua própria negritude.

Essa construção a partir de um outro padrão branco, reflete na construção da identidade racial, a qual vista como produto social e histórico, se processa pela interação social com os outros indivíduos, pela consciência individual e coletiva e pela estrutura social – e é através delas que podemos conservá-la e/ou modificá-la.

Podemos entender que o processo de construção da identidade da criança a partir da ideia de interiorização de papéis se dá de diferentes formas de linguagem como instrumento básico para a efetivação desse processo. Os instrumentos legitimadores utilizados pela escola entre outras instituições importantes, tendem a desqualificar os atributos do segmento étnico racial, o que pode resultar nos/as alunos/as negros/as muitas vezes, uma autoestima acentuadamente baixa por não encontrarem nesse contexto, referenciais negros socialmente valorizados (SOUZA, 2005).

Apesar do entendimento que a autoestima é um valor atribuído pelo próprio indivíduo a seu grupo ou a si mesmo - fator fundamental no processo de construção da identidade racial, conforme explica Souza (2005), este não se constrói isoladamente, mas influenciado pelas representações sociais predominantes no seu meio. Se constrói a partir da apreensão feita pelo indivíduo de concepções sociais predominantes sobre si e o grupo que o representa e se caracteriza como uma representação social que se reconstrói e se reelabora.

Portanto, ao avaliar a conquista de uma escola de qualidade, é necessário analisar a questão da discriminação e da desvalorização dos alunos negros que podem dificultar a integração destes, prejudicar seu desempenho escolar e interferir na construção da identidade racial. Pois as crianças são sujeitos concretos produtores de culturas e suas existências não acontecem em um vazio histórico e cultural, afinal, as culturas infantis não são independentes das culturas adultas, das relações de poder, das opressões e desigualdades presentes na sociedade. Sendo assim, o racismo pode estar presente nas inúmeras relações produzidas pelas crianças (SANTIAGO, 2015).

O racismo se infiltra em todos os espaços restringindo as possibilidades de existência, produzindo sentimentos como o medo, a rejeição e a baixa autoestima gerando subjetividades autodestrutivas em busca de adequação a qualquer custo. Nos estudos de Souza (2005), um dos objetos de pesquisa foram as linguagens escolares subjacentes que se caracterizam pelas formas de comunicação aparentemente ingênuas e isentas de ideologias, mas que estão impregnadas de preconceitos.

Dentre essas, a autora identificou a não visibilidade ao grupo negro excluindo-o da decoração escolar, das ilustrações dos livros, dos referenciais de construção da história, das ciências e das artes onde os brancos se tornam os donos da história, do

conhecimento e do saber da humanidade. Delegando especialmente aos negros um papel secundarizado e socialmente desvalorizado como o de mão de obra meramente braçal.

E o outro ponto levantado, está na visibilidade negativa, inferiorizante, subserviente e/ou degradante. Aponta que apesar da considerável melhoria na qualidade dos livros didáticos obtida nos últimos anos, ainda nos deparamos com erros grosseiros tanto no que tange às expressões discriminatórias, quanto no que se refere às ilustrações, principalmente nos livros didáticos, onde ainda não se encontra por exemplo, famílias negras representadas e personagens negros como protagonistas.

Diante deste panorama diagnosticado por diversas pesquisas já apresentadas, é indispensável que tais correlações não passem despercebidas das crianças e das/os educadoras/es, para que estes possam retrabalhar tais representações em sala de aula e reapresentá-las dentro de um referencial que contemple a diversidade humana e o respeito à pluralidade étnico-racial brasileira. Pois como defende Souza (2005), o silêncio não é vazio de sentido, e explica que:

O fato de, muitas vezes, o racismo não ser explicado verbalmente, não o torna menos presente e agressivo no dia-a-dia dos alunos e alunas negros/as, pois há muitas outras maneiras pelas quais ele se manifesta na cultura brasileira: privilegiam-se os brancos, reconhece-se este biótipo como aquele que representa a beleza estética e intelectual da raça humana e ainda acha-se normal que este segmento da população detenha o poder político, econômico, cultural e religioso; como se fosse algo natural e não resultado da organização histórica capitalista, discriminatória e excludente da sociedade brasileira” (SOUZA, 2005 - pagina?).

A escola quando invisibiliza os problemas de racismo e discriminação, reforçam as práticas discriminatórias e as desigualdades raciais, sistematizando um cotidiano escolar diferenciado em possibilidades e resultados para negros e brancos, violando assim os princípios que sustentam a ideia de universalismo dos direitos humanos. Entende-se que as crianças aprendem a diferenciação racial através das relações que estabelece com o mundo inclusive na Escola, e devido as diferentes formas de linguagens subjacentes trazidas por Souza (2005) se delimita lugares dos sujeitos dentro da sociedade, obrigando-os a tomarem para si um conjunto de adornos que, ao mesmo tempo em que os projeta como uma imagem socialmente reconhecível, os marcam com uma historicidade hierárquica que os determina como indivíduos (SANTIAGO, 2015 ).

Além desse fator, entende-se que as escolas brasileiras ainda hoje não constituem espaço público com igualdade de tratamento e de oportunidades para o desenvolvimento de alunos e alunas que acabam por se caracterizar como um elemento de inferiorização do/a aluno/a identificado/a como negro/a, se referindo a eles/as com codinomes pejorativos – tratamentos que sinalizam que na vida escolar, as crianças negras precisam conviver com relações racistas e discriminatórias. Para além disso, estes/as convivem em uma relação contínua de desvalorização de sua presença no ambiente e convivem com uma educação que desrespeita e desvaloriza a diversidade étnico-racial. Este desrespeito e desvalorização muitas vezes estão presentes nos livros didáticos com representações estereotipadas e formas pejorativas de referência a população negra – o que muitas vezes é reforçada em discursos dos/as docentes em sala de aula. Estas práticas racistas, preconceituosas e discriminatórias contribuem para a fragilização da identidade de alunos/as negros/as e marcam a necessidade e a importância da Lei 10.639/03 como forma de combate a estas frequentes formas de desrespeito pois o racismo no contexto brasileiro, permeia o espaço escolar e os materiais didáticos/pedagógicos de forma muitas vezes velada, trazendo conteúdos e demais formas simbólicas que privilegiam a representação positiva de pessoas brancas em detrimento às pessoas negras.

Como afirma Cavalleiro (2005):

O uso sistemático desse tipo de material possibilita ao/à aluno/a negro/a a compreensão errônea de que ele/a e seu grupo possuem menos capacidade de desenvolvimento, levando-o/a, como estudos comprovam, a uma menor liberdade de circulação e de interação com as demais pessoas – adultos e crianças que compõem o cotidiano escolar. Além disso, observa-se que, do modo como se configura a marcante valorização dos indivíduos brancos, a experiência sistemática inculca no/a aluno/a negro/a, e no/a branco/a também, a imagem do branco/europeu como única referência positiva.

Estas práticas refletem também na distribuição de afeto e de oportunidades desses/as alunos/as negros/as se sentirem aceitos/as, respeitados/as e positivamente participantes das atividades desenvolvidas na escola. E é na comparação dos relacionamentos entre crianças negras e brancas que podem ser evidenciadas as diferenças de tratamentos e de resultados no sucesso/insucesso escolar de alunos/as.

### **3.3 As relações raciais nos Livros Didáticos**

Os valores estéticos hegemônicos via de regra desvalorizam a cultura africana



e afro-brasileira e fortalecem diversas manifestações de hierarquia racial. O livro didático, principal ferramenta para o ensino atual, atua como condutor de representações sociais, principalmente como a sociedade constrói imagens sobre si – que resulta na influência sobre a identidade social dos/as alunos/as. E na compreensão do Livro didático como artefato da cultura escolar apropriado pela escola, passa a compor o conjunto de elementos que constituem a vida escolar em suas múltiplas dimensões (GARCIA, 2013).

Na concepção utilizada nesta pesquisa se entende os livros didáticos brasileiros, inseridos no sistema educacional, artefatos culturais que reproduzem e produzem discursos sociais que impactam na realidade escolar. A produção é concentrada em grandes editoras e nos anos recentes tem sido comprada por grupos de capital internacional, se torna um produto de mercado em que seu sucesso ou fracasso não decorrem apenas de questões pedagógicas ou didáticas e sim comerciais, padronizadas, sem trazer a pluralidade regional de cada local.

Ao longo dos anos os Livros Didáticos deixaram de ser apenas uma ferramenta de apoio nas salas de aula e passaram a ser objeto de estudo de muitos/as pesquisadores/as com o objetivo de analisar os discursos e representações sociais inseridas nestes materiais.

Esta temática vem sendo discutida por vários/as autores/as, dentre estes/as, temos como uma das referências, as discussões realizadas por Regina Pahim Pinto, autora que discute sobre a questão da democratização da escola com base em uma análise da representação de algumas categorias sociais. Pahim Pinto (1987, p.1) analisou uma amostra de 48 livros de listas publicadas anualmente pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo no período de 1941 a 1975. Em seus estudos nas ilustrações, se comprovou a imposição de uma posição de destaque privilegiando os personagens brancos, no qual se encontram maior frequência e desempenhando a função de representantes da espécie - mesmo em coletivos e multidões.

Em contrapartida, há pouca frequência de personagens negros ocupando posição proeminente na ilustração, o que se confirma no tratamento estético que traz uma forte evidência do branco, o que segundo Pinto (1987, p. 1), contribui para reforçar os estereótipos e certas imagens associadas aos negros, que eram frequentemente representados de forma grotesca e estereotipada. Exemplo disto está na representação da mulher negra como doméstica, representada de maneira estereotipada com físico avantajado e traços físicos extremamente marcados. Os

personagens brancos por sua vez, exerceram atividades ocupacionais de maior prestígio e poder. Os brancos também tendem a desempenhar os papéis de destaque e os negros aparecem com maior frequência como coadjuvantes e figurantes nas histórias.

Apesar das representações hierarquizadas detectadas pelas/os pesquisadoras/es, em nenhum dos estudos foi presenciado uma defesa explícita ao preconceito, porém, as formas com que as representações dos diferentes étnicos são inseridas, reforçam desigualdades.

No ano de implantação da Lei 10.639/2003 o qual altera a Lei de Diretrizes e Bases nos artigos 26-A e 79-B trazendo a obrigatoriedade do ensino da História Afro-Brasileira e Africana, Rosemberg, Bazzili e Silva (2003) discutem sobre as expressões do racismo em livros didáticos brasileiros. Para tal, se apoiam em levantamento bibliográfico sistemático, preocupados com o discurso racista que os livros didáticos brasileiros do ensino fundamental apresentam. Em seus levantamentos, comparando aos padrões norte-americanos e sul-africano de relações raciais, entendem que o padrão brasileiro se caracteriza de forma "cordial" o qual sustenta o mito da democracia racial, e que os estudos das representação da população negra nos livros didáticos são marcados por: não representação de personagens negros na sociedade descrita nos livros; a representação do negro em situação social inferior à do branco; o tratamento da personagem negra com postura de desprezo; a visão do negro como alguém digno de piedade; o enfoque da raça branca como sendo a mais bela e a de mais poderosa inteligência; o combate ao preconceito através da História do Brasil (ROSEMBERG; BAZILLI; SILVA, 2003).

Uma das evidências trazidas pelos autores é o tratamento do negro como objeto e a forma em que a literatura infanto-juvenil estabelece uma relação entre desiguais, onde o adulto narra ou ensina à criança uma sociedade adulta branca idealizada - e uma relação entre iguais, quando o autor, ilustrador, crítico, editor e bibliotecário criam para um público, que se representa como sendo formado por crianças e adolescentes brancos, a visão branca dominante sobre a raça negra. E é esta dualidade igual-desigual que explica o fato de em um mesmo texto, discursos igualitários coexistirem com representações discriminatórias de personagens (ROSEMBERG; BAZILLI; SILVA, 2003).

No artigo "O silêncio como estratégia ideológica no discurso racista brasileiro", Silva (2012) traz um quadro de estratégias típicas de construção simbólica ideológica

proposta por John Thompson na obra *Ideologia e Cultura Moderna-Teoria social na era dos meios de comunicação de massa* de 1995, incluindo o “silêncio” como uma estratégia ideológica relacionada ao modo de operação denominado “dissimulação”. Neste contexto, o silêncio se apresenta de quatro diferentes formas no discurso racista brasileiro: 1- O silêncio sobre a branquidade que atua para estabelecer o branco como norma; 2- A negação da existência plena ao negro: invisibilidade e sub-representação; 3- O silêncio sobre particularidades culturais do negro brasileiro; 4- O silêncio como estratégia para ocultar desigualdades. O autor enfatiza que o silêncio que se utiliza da ausência ou falta no discurso e atua ativamente para construir sentidos (SILVA, 2012). Ao falar sobre a negação da existência plena ao negro, o autor explica que existem várias formas de hierarquização entre personagens negros e brancos como por exemplo, no desempenho de papéis principais ou secundários, na autonomia ou passividade, no uso de linguagem, no desempenho do papel de narrador, na construção de personagens mais simples ou mais complexos. Neste contexto, percebe-se um silêncio principalmente nas representações das relações familiares para personagens negros. Ao realizar o cálculo de proporção entre personagens negros e brancos, pode-se constatar que as desigualdades ganham muito em magnitude quando relativa à apresentação de personagens com alguma forma de relação familiar.

Outro dado também trazido nas pesquisas de Silva (2012) revela que a representação da mulher negra via de regra permanece ancorada nas imagens de seu passado escravo “de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor”. Sobre este aspecto, Silva (2012) explica que o discurso público brasileiro produz espaços sociais racializados, nos quais personagens brancos e negros são levados a atuar de formas específicas, que não são a mera reprodução de desigualdades raciais presentes na sociedade. E tais formas são ideológicas operam como atribuição de sentidos determinados a serviço de distribuição desigual de poder. Eles não apenas reproduzem, mas também produzem ativamente desigualdades raciais.

Na lógica do “desigual”, temos a branquidade como construção social, histórica e cultural, e como ela é vivenciada e reproduzida nos livros didáticos. Sobre essa discussão, Teixeira (2006) aponta que a representação da branquidade no livro didático pode agir de forma negativa, oferecendo a criança e ao adolescente branco a certeza que ele ocupa o lugar que lhe é devido por merecimento, às crianças

pertencentes a outros grupos étnicos a certeza de que os iguais não são tão iguais. Nas discussões realizadas Teixeira (2006) afirma que as ações simbólicas podem provocar reações, sugerir caminhos e decisões, induzir a crer ou descrer. Sendo assim, um bom conteúdo, imagens que tragam de forma valorativa e fortalecer a identidade negra, poderiam refletir diretamente do desenvolvimento escolar das crianças negras.

A autora fez, em sua pesquisa, análise qualitativa a questões relacionadas à imagem que crianças de 10 a 14 anos de idade retêm em suas memórias sobre negros/as e brancos/as no livro didático, e de que forma estas imagens atuam em seu imaginário, como interferem em suas vidas.

Na primeira fase de pesquisa, analisou uma coleção de Língua Portuguesa e 3 coleções de História Geral e do Brasil - ambos dos anos iniciais do Ensino Fundamental nos quais registrou em uma predominância de personagens brancos em todas as imagens e uma valorização da história - cultura Europeia como referência de construção- padrão social.

Na segunda fase, a autora fez a análise da rememoração em Livros Didáticos. As imagens rememoradas enquadram-se em modelos que foram construídos historicamente e apresentados para a sociedade como os naturalmente possíveis, inclusive e principalmente nos livros didáticos de Português e História pesquisados.

Entre as imagens produzidas pelos alunos, vimos personagens brancos ocupando sempre lugares de destaque, como representante do poder econômico-aquisitivo. Os resultados mostram que a imagem/representação da branquidade é resultado de uma construção coletiva onde um grupo branco dominante se sobrepõe sobre outros e criam imagens que tornam corpo, adquirem vida própria e através dos vários veículos de comunicação tornam-se senso comum. Dessa forma, os livros didáticos oferecem a branquidade o conforto de ocupar o lugar de direito como representantes da espécie. E o lugar dos negros estabelecido pelos discursos dos livros foi de subalternidade, especialmente a escravidão.

Nos Livros Didáticos de Arte para o Ensino Médio produzidos e publicados pela Secretaria da Educação do Paraná, os resultados encontrados por Oliveira Neto (2012) vão ao encontro das outras análises realizadas anteriormente. Em seu estudo, Oliveira Neto (2012) encontrou uma disparidade numérica entre as representações de pessoas brancas e negras que permite afirmar que esta sobreposição atua para estabelecer o branco como norma de humanidade onde não apenas a quantidade de imagens reforça esse discurso, mas o contexto em que a população branca é

mostrada - exercendo as funções mais variadas - transmite ainda a ideia de que o poder lhe é um atributo natural. Na mesma direção, encontra-se também as obras de arte, no qual foi constatado que a arte europeia é apresentada como modelo para as demais e as contribuições da população negra para a estética da arte nacional e internacional foram ignoradas. Um dos pontos indicados pelo autor foi a representação da população negra restrita ao período escravocrata de forma insignificante e a inexistência de laços familiares estáveis entre essa população. No período pós-abolição, a situação se agrava pois o silêncio em torno da população negra aumenta e autores de referência nas artes como Romário Martins e Ruy Wachowicz destacam apenas a presença de imigrantes europeus na construção do estado do Paraná.

Em sua tese, Nascimento (2015) analisa as políticas de Ensino de Ensino Religioso no Brasil, confrontando o trato da disciplina com a implementação da prática curricular com os artigos 26A e 79B da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (modificada pelas Leis 10.639/2003 e 11.645/2008). Também utilizando da análise nos contextos interpretativos da teoria da ideologia de Thompson (1995), tinha como desafio responder se após todas as reivindicações feitas pelos/as pesquisadores/as de diferentes áreas e ativistas, as políticas públicas implementadas na última década transitaram entre uma forma de emancipação que possibilitou a superação das formas simbólicas que subjugavam e reproduziam desigualdades e dominação assimétricas entre negros e brancos ou acabaram em políticas públicas de acomodação que dissimularam as reivindicações, transformando-as em aparentemente aceitas, mas incorporando parte das reivindicações e dos discursos emancipatórios. Verificou em sua análise que as estratégias da acomodação e da eternalização propostas por Thompson (1995) e complementadas por Silva (2012) sustentaram e sustentam o discurso da harmonia e da democracia racial e afirma que para além do debate sobre as relações raciais no campo social, político e econômico, a população negra brasileira, ao tratar e se referir a sua ancestralidade religiosa, tem e terá que confrontar com o racismo e a uma das suas formas mais cruéis, o expurgo do outro. Nos livros didáticos, Nascimento (2015) verifica que os textos incorporam parte das reivindicações, inclusive ressaltando a importância da diversidade e do respeito aos diferentes e a pluralidade religiosa, mas oculta e nega uma das formas mais profundas da emancipação política: a superação do reconhecimento teórico-científico que sustentam as desigualdades assimétricas entre os indivíduos. Em específico no campo do Ensino Religioso, a disciplina trabalha conforme as suas

normativas que buscam a persuasão do Outro, utilizando a estratégia da universalização proposta por Thompson (1995), no caso, cristã.

Desta realidade presenciada no decorrer dos anos e de sua permanência, surge a necessidade de se indicar aos responsáveis pela produção de livros didáticos, bem como professores e alunos, para estas distorções e omissões. Sendo assim, como já trazia Pinto (1987), é urgente que se atue na formação dos professores para que haja um olhar mais crítico e comprometido nestas questões nestes materiais instrucionais. Dessa forma a autora afirmou, em 1987, que:

(...) criar materiais didáticos não discriminatórios é uma tarefa urgente e necessária para que os ideais de uma educação democrática possam se concretizar. Tarefa esta que se faz mais necessária, uma vez que o livro ainda é o material didático mais utilizado nas nossas escolas. (PINTO, 1987, p. 2).

Mais do que isso, conforme as palavras de Teixeira (2006), os autores de livros didáticos perdem a oportunidade de mostrar a construção de um país complexo como o Brasil, sua diversidade de culturas, línguas, costumes e acima de tudo, deixam de mostrar as diferentes condições que chegaram os povos que constituem o país. Sendo que o desejável é apresentar de forma valorativa imagens que representassem a luta desses povos de diferentes etnias como os indígenas e os negros que resistiram a várias formas de violência e desigualdades para manter suas raízes e conquistarem direitos para garantia de sua dignidade.

Sendo assim, a socialização que se inicia na família e se amplia com o convívio escolar, ao invés de ser uma experiência positiva no desenvolvimento da criança negra, acaba sendo um fator negativo na constituição de sua autoimagem. E o silêncio que envolve a questão racial nas diversas instituições sociais favorece que se entenda a diferença como desigualdade, como desvio, como anormalidade.

Outro ponto discutido por Cavalleiro (2005) está relacionado ao fato da discriminação e preconceito entre alunos/as e professores/as sendo entendidas como ação natural do relacionamento humano, tratadas como problemas sem importância, sem dar o peso devido aos problemas de racismo no ambiente escolar e os danos que consolida e que muitas vezes são irreparáveis, como é o caso: da auto rejeição ou rejeição ao seu outro igual; desenvolvimento de baixa-estima e ausência de reconhecimento de capacidade pessoal; timidez, apatia, pouca ou nenhuma participação em sala de aula; reconhecimento negativo de seu pertencimento étnico; agressividade aparentemente sem motivo, submissão excessiva; abandono/ exclusão

escolar; dificuldade de aprendizagem. Assim como afirma a autora, os efeitos do racismo também atingem as crianças brancas criando nestas um sentimento irreal de superioridade étnica, cultural, estética, intelectual, profissional e a perpetuação do racismo, preconceito e discriminação étnicos nas outras relações estabelecidas pelos alunos.

Sabendo que não existe uma educação neutra e que o ser humano é um ser político que não trabalha na esfera da neutralidade entendemos que o professor bem como todo o sistema de ensino, atua em sua ação pedagógica impondo um arbitrário cultural que transmite a cultura vista como legítima de um grupo branco dominante. O “racismo à brasileira” divulga ideias que valorizam em excesso a influência europeia, enquanto valores de culturas africanas e indígenas são depreciados e invisibilizados.

A Escola enquanto Instituição Social, atua de forma fundamental no ensino de valores, construções de visões de mundo. Sendo o livro didático uma das principais ferramentas de ensino, é importante que estes materiais valorizem a diversidade e as diferentes culturas que contribuem para a construção da sociedade brasileira, atuando desta forma na desconstrução de estereótipos e no combate a qualquer forma de preconceito. Entendemos que a branquidade normativa e a sub-representação dos negros, assim como os discursos racistas nos livros didáticos atuam como uma das formas de racismo institucional. Para além disso, entendemos que esta dinâmica inferioriza as crianças negras que se sentem desvalorizadas e constrangidas em sala de aula, o que afeta diretamente na sua trajetória escolar e na vida.

Sendo assim, que a escola quando invisibiliza os problemas de racismo e discriminação, reforçam as práticas discriminatórias e as desigualdades raciais, sistematizando um cotidiano escolar diferenciado em possibilidades e resultados para negros e brancos, violando assim os princípios que sustentam a ideia de universalismo dos direitos humanos. E a ausência de direitos ou sua fragilidade para alunos/as negros/as coloca como questão central a necessidade de políticas de ação afirmativa como uma questão de reparação e de direito; de cidadania e de democracia em território brasileiro.

### **3.4 Caminhos e percursos: uma breve revisão bibliográfica**

A fim de verificar os discursos e pesquisas acerca da temática voltada para os Livros Didáticos e a Identidade das crianças negras, utilizamos três etapas: o



primeiro passo realizado foi o estudo da metodologia de análise de Teixeira (2006) e quais foram os resultados encontrados pela autora para que fosse possível a atualização dos dados. Por meio da leitura, e por se tratar de uma replicação da dissertação, foi possível estruturar a metodologia de recolhimento dos dados e fazer um estudo mais aprofundado dos discursos dos estudantes que participaram da pesquisa, assim como a forma de análise da autora. Ficou então determinado a metodologia separada em três fase: 1- aplicação da representação em desenho; 2- a entrevistas com os estudantes negros/as que fizeram a representação em desenho; 3- A análise dos desenhos e das entrevistas.

Os resultados encontrados pela pesquisadora também foram fundamentais pois permitiram estruturar um perfil da imagem que para os estudantes negros eram mais fortes e frequente nos Livros Didáticos no período estudado, o que permitiu fazer comparações com os dados recolhidos nesta pesquisa.

Conforme explica a autora, em sua pesquisa, nas representações pelo desenho e nas entrevistas, foi unânime a percepção pelos estudantes de que os livros didáticos trazem imagens estereotipadas e estigmatizantes em relação aos negros. Dos quinze desenhos feitos, doze continham imagens que remontavam à escravidão, sendo que onze dessas imagens retratavam um personagem negro castigado em tronco e uma delas ilustrava um negro preso em correntes. Em nenhuma das imagens foi apresentada a contribuição do negro para qualquer área como a arte, para a economia, filosofia, estética e política para a sociedade brasileira.

Com o estudo aprofundado dos desenhos, Teixeira (2006) aponta uma percepção dos estudantes das formas pelas quais seu grupo social é representado no livro didático, carregado de uma carga significativa de violência simbólica, o que também é expresso em seus depoimentos.

Foram realizadas buscas em banco de dados de periódicos digitais afim de realizar um levantamento sobre as produções que abordam a mesma temática para fazer um comparativo dos resultados encontrados entre a data da pesquisa de Teixeira (2006) até os dias atuais. Para essa pesquisa foram acessados os bancos de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Google Acadêmico, porém apenas no último encontramos um número significativo e amplo de produções sobre relações étnico-raciais em livros didáticos. Com este levantamento percebeu-se que apesar de termos um número significativo de estudos voltados para as representações da população negra nos

materiais, existe um número muito baixo de pesquisas voltadas para as leituras dos alunos sobre as mensagens dos livros didáticos e sobre possíveis reflexos dessas representações na identidade dos estudantes negros. Conforme podemos observar no QUADRO 1, temos um número significativo de trabalhos que abordam as relações raciais nos livros didáticos mas nenhum discute a identidade dos/as alunos e alunas negros/as:

QUADRO 1 - LEVANTAMENTO DE PERIÓDICOS REALIZADO EM BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES

Banco de dados	Grupo de palavras-chave	Número de publicações	Publicações selecionadas para leitura	Tipo de publicação
CAPES	Livro Didático; Racismo; Imagem; Negros; Rememoração	–	–	–
	Livro Didático; Racismo; Imagem; Alunos Negros; Identidade	22	Nenhuma com abordagem de identidade	–
	Rememoração; Identidade; Negros	23	Nenhuma com abordagem de identidade	–
	Rememoração; Alunos Negros; Livros Didáticos	2	Nenhuma com abordagem de identidade	–
GOOGLE ACADÊMICO Período entre 2003 (ano da Lei 10.639/2003) a 2019 (ano atual)	Livro Didático; Racismo; Imagem; Negros; Rememoração	1.130	Políticas de promoção de igualdade racial e programas de distribuição de livros didáticos Autores: SILVA, PVB.; TEIXEIRA, R.; PACÍFICO, TM. Ano: 2013	Artigo científico
			A representação social do negro no livro didático de História e Língua Portuguesa Autora: TEIXEIRA, R.	Artigo científico
			Fala e Imagem: A rememoração de alunos afrodescendentes sobre a representação social do negro no livro didático Autora: TEIXEIRA, R.	Artigo científico
			A rememoração de alunos do Ensino Fundamental sobre a representação social do negro no livro didático Autora: TEIXEIRA, R.	Artigo científico
			A presença do negro nas produções visuais	Artigo científico

Banco de dados	Grupo de palavras-chave	Número de publicações	Publicações selecionadas para leitura	Tipo de publicação
			escolares: estudo de caso em escolas curitibanas Autor: SCHUINDT, SM.	
			O papel da educação e da linguagem no processo de discriminação e atenuação do racismo no Brasil Autora: TEIXEIRA, R.	Dissertação de Mestrado
	Livro Didático; Racismo; Imagem; Alunos negros; Identidade	10.100	A discriminação racial presente em livros didáticos e sua influência na formação da identidade dos alunos Autor: WATTHIER, L.	Artigo científico
			As relações cotidianas e a construção da identidade negra Autores: FERREIRA, R.F; CAMARGO, A.C.	Artigo científico
			Percepções de alunos e professores sobre a discriminação racial no livro didático Autor: COSTA, C.S.	Artigo científico
			Das temáticas que permeiam o material didático: A influência da discussão da diversidade racial na formação da identidade Autor: WATTHIER, A.J.F	Artigo científico
	Rememoração; Identidade; Negros	9.450	Nenhum periódico com abordagem de identidade referente a temática	

FONTE: A autora (2019).

Referente ao quadro, foi realizada a leitura dos títulos e informações complementares apresentadas na página de busca do Google Acadêmico. Os títulos que tinham informações que indicavam que as pesquisas poderiam ser relevantes para a busca, foram selecionados e foi feita a leitura do resumo. A partir dessas estratégias, foram selecionados os trabalhos para leitura completa que tinham maior relação com a dissertação.

Foi também realizado o estudo do artigo de revisão publicado por Tania Müller (2018) que teve como proposição sistematizar e analisar a produção acadêmica sobre a educação e relações étnico-raciais entre 2003 e 2014. A autora trabalhou com um levantamento bibliográfico que identificou 25 dissertações e 4 teses sobre relações étnico-raciais em livros didáticos. Essas pesquisas concentraram-se em analisar a

partir da Lei nº10.639/2003 as mudanças e permanências nos textos e imagens referentes à história do negro e/ou da África em LD. Além de produção crescente, a autora identificou que os estudos apontam mudanças nos livros analisados, mas concordam com a permanência de representações estereotipadas da população negra, em especial imagens relacionadas com pobreza e miséria, escravidão, violência e muitas vezes reduzidas à folclorização. Müller (2018) também analisou onze artigos sobre o LD. Ao fazer um análise dos estudos, a autora ressalta que nas pesquisas, fica evidente que ao se falar de África, permanecem aspectos recorrentes como: fome, doenças, guerras e conflitos políticos assim como a precariedade de vida das populações, o que ainda é justificada pelo período da dominação imperialista e pelo olhar do colonizador, enfatizando pouco o legado cultural da África e suas populações ao longo dos conteúdos apresentados.

Afirma também que o principal tema emergente encontrado trata-se do conceito Colonialidade do Poder, que parte da premissa de compreensão do lugar que ocupamos nas relações de poder enquanto povo (des)colonizado. Esta concepção, percebe o poder sob uma outra perspectiva epistemológica, de uma ecologia de saberes, que permite um reconhecimento da diversidade epistemológica do mundo, o reconhecimento da existência de formas de conhecimento além do conhecimento científico.

Diante desse panorama, Müller (2018) diz concordar com os autores que é necessário um investimento em formação continuada de professores, de modo que possam aportar ao seu fazer pedagógico a educação das relações étnico-raciais, com vistas a possibilitar a resignificação e desconstrução daqueles conceitos e conteúdos veiculados pelo LD de forma preconceituosa e discriminatória, bem como nos procedimentos de escolha do LD mais criterioso.

Como vimos, existe um número significativo de pesquisas que discorrem sobre a representação da população negra nos LDs, no entanto, poucas são as abordagens que analisam a interpretação das mensagens dos livros e o reflexo dessas imagens estereotipadas e estigmatizantes para as crianças negras. De todo o levantamento bibliográfico feito, apenas duas pesquisas discutem a temática: a dissertação de Teixeira (2006), o qual a presente pesquisa faz a replicação, e a dissertação de Oniesko (2018).

Na pesquisa intitulada “A identidade negra nas imagens do livro didático de história através do olhar dos/as alunos/as”, Oniesko (2018) fez uma análise em uma

escola pública da cidade de Ponta Grossa/PR envolvendo oito alunos/as (4 negros/as e 4 brancos/as) do oitavo ano do Ensino Fundamental nos anos finais por meio de grupo focal, tendo como objetivos perceber como se dá a recepção dos estudantes diante da composição imagética o livro didático de história que utilizam, analisar a construção das identidades raciais através das imagens do livro didático de história e compreender os impactos que a análise do livro proporcionou nas identidades raciais dos alunos/as. Dessa forma, buscou responder as seguintes perguntas: “Qual é a percepção dos/as alunos/as diante da composição imagética do livro didático de história no que concerne à construção das identidades raciais?”; “Como a análise do livro didático de história pelos estudantes impacta suas identidades raciais?”

Em seus resultados a pesquisadora afirma que as discussões levantadas durante as entrevistas foram embasadas na vivência e experiência dos estudantes, não havendo nenhum tipo de instrução antes nem depois da coleta de dados. E que com a análise das respostas diante da composição imagética do livro didático de história do 8º ano da coleção “História.doc”, do PNLD 2017, foi possível perceber que a sua recepção diante dos discursos, caracterizando a identidade negra como subalterna em relação à branca.

A fala dos/as alunos/as apresentou uma visão de ideologia veiculada pelo referido LD que estabelece o branco como detentor de privilégio social, à medida em que as imagens associaram-no à riqueza, nobreza e cargos de liderança, e em contrapartida, as imagens dos negros estão associadas majoritariamente à escravidão, pobreza, oferecendo uma construção identitária estereotipada negativamente.

Um dos pontos que a autora aponta nos argumentos levantados, diz respeito a vinculação dos/as negros/as a elementos negativos, e dos/as brancos/as a elementos positivos, além da maior propensão para o desenvolvimento de doenças nas pessoas negras, como a peste negra, e o agravamento dos sintomas. E as falas dos/as alunos/as indicaram que o livro didático é associado a detentor de verdade, e uma vez que carrega discursos de inferioridade da população negra, isso é trazido para suas vidas com a legitimação do LD. Mostra também que as situações como a tentativa de embranquecimento e os casos de silenciamento diante do racismo praticado por colegas, além dos vários relatos de situações de opressões sofridas por pessoas negras, bem como a análise do LD que estabeleceu um perfil social que apresenta as pessoas brancas como norma e inferioriza e estigmatiza as pessoas negras, demonstram a necessidade imediata de adequação do LD.

Os dados encontrados apontaram para uma construção identitária racial que apresenta a identidade racial branca como majoritária numericamente no livro didático, mostrando essas pessoas como detentoras da identidade padrão componente da sociedade brasileira. A identidade racial negra é associada a aspectos negativos, ao estereótipo da pobreza e escravidão. É comum os brancos estarem com um chicote na mão em uma relação de submissão de um grupo sobre o outro – o que foi percebida pelos estudantes negros de maneira violenta, trazendo incômodo e vergonha, sentimentos que são silenciados pela ausência de um debate crítico a respeito dessas construções e das consequências que elas podem trazer para a perpetuação do racismo. Oniesko (2018) afirma que ao estudarem as imagens, os adolescentes confirmaram alguns pressupostos elencados antes da análise, que já sinalizavam uma visão de inferioridade da identidade racial negra, confirmando que o LD estabelece um perfil negativo associado à identidade racial negra e um perfil positivo associado à identidade racial branca, o que suscitou um debate acerca de como esses sujeitos gostariam de se ver representados, principalmente os estudantes negros que alegaram não se identificarem com as pessoas negras apresentadas no LD.

### **3.5 Analisando o livro didático de história “araribá”**

A pesquisa apresenta resultados congruentes com os que apresentamos anteriormente, que a construção imagética do LD interfere diretamente nas suas relações pessoais com os colegas na escola, à medida que os/as alunos/as negros/as manifestam sentimento de vergonha e não identificação com as imagens. Interfere também na construção da identidade racial, na medida em que os estudantes negros/as não conseguem enxergar nessas imagens referências positivas de pessoas com as quais possam se identificar e terem orgulho do seu pertencimento racial, causando tentativas de embranquecimento, além da legitimação de atitudes racistas na escola.

No período em que foi aplicada a pesquisa de campo e as entrevistas, os estudantes já se mantinham em contato com o LD de História do 6º ano durante um período significativo de 06 meses. Por ser um trabalho de análise das imagens dos LDs que se tornaram referência para os alunos no que diz respeito a imagem da população negra; por entendermos que o LD é um instrumento pedagógico fundamental que, na maioria das vezes, todos os/as alunos/as manuseiam; por os

discursos dos livros possuem intencionalidade, inclusive em suas imagens, foi realizada a análise do LD de História que os estudantes estavam utilizando naquele momento.

O LD de História que a escola aderiu e estava em uso para os 6º anos no período foi o “Projeto Araribá – História – 6º ano”. Em sua 4ª edição, foi organizado pela Editora Moderna em São Paulo no ano de 2014 e é assinado pela Profa Maria Raquel Apolinário (a qual se apresenta no material como Bacharel e licenciada em História pela Universidade de São Paulo. Professora da rede estadual e municipal de ensino por 12 anos).

Para realizar o estudo, foi feito o levantamento de todas as imagens inseridas no LD, principalmente as fotos e ilustrações escolhidas pela equipe de edição como exemplo dos conteúdos trabalhados. Essas imagens foram separadas classificadas em categorias e sub-categorias elaboradas para responder a qual se propõe esta dissertação, principalmente no que diz respeito as relações entre personagens negros/as e brancos/as e a existência de formas de hierarquização por cor/etnia. A grade de análise utilizada foi desenvolvida em outros estudos do NEAB-UFPR (SILVA, 2005; NASCIMENTO, ano; MATHIAS, ano).

A análise teve como objetivo fazer um levantamento das imagens por meio das categorias e subcategorias propostas, mas teve como foco principal de estudo, o cruzamento destas com a categoria Cor/Etnia para que pudesse ser realizado o apontamento das possíveis mudanças e permanências nos LDs de História tendo como base pesquisas anteriores no tema.

Dessa forma, é possível apontar quais são as formas de estereótipos que permanecem, as novas formas de estereótipias e as possíveis mudanças encontradas nos LDs devido as leis que regem o estudo da cultura afro-brasileira e africana, assim como as reivindicações dos movimentos sociais e acadêmicos. Essas respostas, nos darão um respaldo maior para analisar as entrevistas e os desenhos dos estudantes.

QUADRO 2 - - CATEGORIAS E SUB-CATEGORIAS UTILIZADAS PARA A ANÁLISE DO LD DE HISTÓRIA

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Codificação</b>
Tipo de Imagem	Foto	1
	Imagem/Ilustração	2
Características	Humano	1
	Animação	2



<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Codificação</b>
Cor/Etnia	Branco	1
	Negro	2
	Indígena	3
	Oriental	4
Idade/Etapa	Adulto	1
	Criança	2
	Idoso	3
Gênero	Homem	1
	Mulher	2
Tempo Histórico	Escravidão	1
	Fora do contexto escravidão	2
Situação	Pobreza	1
	Escolar	2
	Escravidão	3
	Trabalho	4
	Cultural	5
	Esporte	6

FONTE: A autora (2019).

No livro analisado foram encontrados 94 personagens, as quais 60 (63,8%) eram trazidos em forma de foto e 34 (36,2%) por meio de ilustração. Destes, 91 (97%) eram humanos e apenas 03 (3) animações. No que se refere a raça/cor 50 (53,2%) personagens foram identificadas como pessoas brancas, 32 (34%) negras, 04 (4,2%) estavam inseridos em grupos (denominado “coletivo” pois pela imagem não era possível identificar a cor/etnia) e 08 (8,5%) personagens indígenas. Há uma preferência também por inserção de personagens adultos, os quais fazem parte 78, ou seja, 83% do total de imagens e crianças são apenas 14 (15%) personagens.

No que se refere a gênero, também temos uma tendência a personagens masculinas como referência humana, as quais aparecem 53 vezes, ou seja, 56,4% dos casos, enquanto temos apenas 37 (39,3%) aparições de personagens femininas. Em 16 casos, as personagens estavam inseridas em coletivos que não era possível identificá-los nesta categoria.

Em toda a amostragem apontamos como principal mudança a ausência de personagens negros/as em situação de escravidão, principalmente no período de colonização no Brasil. Observam-se outras formas de hierarquização por cor/etnia, porém em nenhuma delas está relacionada com este tempo histórico que várias

pesquisas, inclusive a de Teixeira (2006) trazem como principal forma de representatividade negra e estereotipada nos LDs.

Quanto ao contexto em que os personagens estavam inseridos, 6 (6,4%) aparecem em situação de pobreza, 7 (7,4%) em ambiente escolar, 15 (16%) exercendo uma profissão, 64 (68%) em contexto cultural e apenas 2 (2%) praticando um esporte.

Ao fazer o cruzamento das categorias com a Cor-etnia, encontramos que, das fotos, de 60 personagens, 32 (53%) são brancos, 17 (28,3%) são negros/as e 8 (13,3%) são indígenas.

Dos personagens brancos, 18 (56%) são masculinos e 14 (43,8%) são femininas, ao passo que do grupo de personagens negros/as, 9 (53%) são masculinos e 8 (47%) femininas. Ou seja, uma tendência ao equilíbrio com pequeno destaque para homens brancos e a seguir para homens negros. Já os indígenas, do total da amostragem, 5 (62,5%) estavam inseridos em coletivos que não permitiam a identificação de gênero, sendo contabilizados das demais personagens apenas 1 (12,5%) mulher e 2 (25%) homens.

Nas ilustrações, dos 33 personagens encontrados, 18 (59%) foram classificados como brancos, desses/as, 13 (78%) são homens, 4 (22%) são mulheres e apenas um personagem na categoria foi composto como coletivo pois não foi possível ser identificado.

Nos/as 15 personagens negros/as encontrados, 12 (80%) são homens, houve o aparecimento apenas de 1 (7%) mulher, dois (13%) categorizados como coletivo e não teve nenhuma representação indígena nas ilustrações.

Também percebemos um número significativamente maior de adultos (84%) do que de crianças (15%). Entre os personagens adultos, 39 (49,4%) são brancos, 32 (40,5%) são negros/as e 8 (10,1%) são indígenas. Ainda se observa nos resultados a presença maior de personagens humano branco, homem e adulto como referência de população e de protagonismo. No entanto os índices de desigualdade racial são bem menores que as pesquisas anteriores apontavam (ROSEMBERG; SILVA, 2003; SILVA; TEIXEIRA; PACÍFICO, 2013). O percentual de indígenas é bastante expressivo e maior que os percentuais na população.

Com relação as crianças, temos 15 (16%) personagens, sendo que 3 (20%) são brancas, 5 (33,4%) são negras e 4 (26,7%) são indígenas. Aqui novamente um indicador muito significativo. Consideramos que personagens infanto-juvenis são

aqueles com maior potencial de identificação por leitores/as estudantes. Por um lado o livro em questão tem baixo percentual de personagens crianças. Por outro e muito salutar, que o número de crianças negras no livro é superior ao número de crianças brancas. No entanto, presenciamos permanência na forma desigual da representação das crianças brancas e negras, como podemos perceber nas imagens abaixo.

IMAGEM 1 - CRIANÇAS BRANCAS NA ESCOLA



FONTE: Apolinário (2014).

IMAGEM 2 - CRIANÇA NEGRA NA ESCOLA



FONTE: Apolinário (2014).

Na Imagem 1, temos uma representação de uma turma de crianças brancas inserida no espaço escolar, em uma rotina própria a infância e na Imagem 2 temos representação semelhante inserindo uma criança negra ao ambiente escolar, participando de uma entrevista.

Apontamos as imagens da escola composta por crianças negras assumido protagonismo como uma significativa mudança positiva, pois conforme mostram dados de pesquisas anteriores realizadas em LDs publicados antes da aplicação da Lei, os estudantes negros não apareciam inseridos ao ambiente escolar, sendo este um espaço quase que exclusivo as crianças brancas (SILVA, 2005).

No cruzamento de gênero por cor/etnia, temos 53 (56,4%) personagens masculinos e desses 31 (58,5%) são brancos, 16 (30,2%) negros/as e 01 (1,9%) é indígena. No caso das mulheres, temos 25 (26,6%) personagens, as quais se dividem em 14 (56%) são brancas, 9 (36%) são negras e 2 (8%) são indígenas.

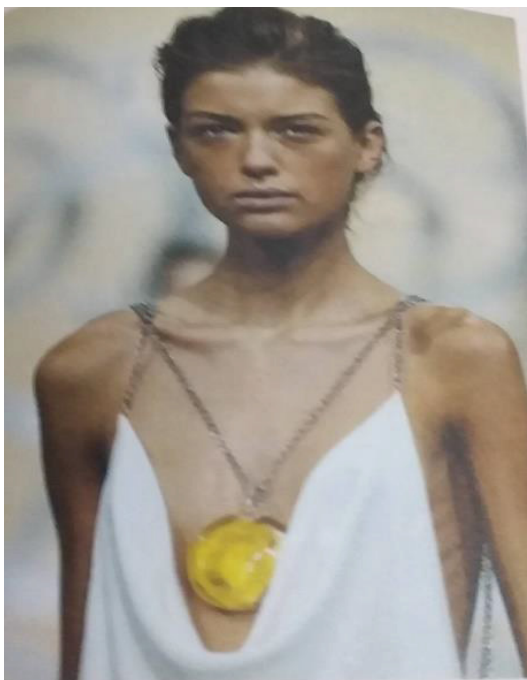
Percebe-se que no caso de relação entre gêneros que as imagens nos LD relacionadas ao mercado de trabalho e associadas a funções que exigem alto grau de escolaridade são espaços direcionados apenas aos homens brancos. Exemplo destacamos na Imagem 03 com a foto de um historiador branco. Já as mulheres aparecem em outro contexto, independentemente de seu pertencimento racial, como aparece nas Imagens 04 e 05.

IMAGEM 3 - HOMEM BRANCO HISTORIADOR



FONTE: Apolinário (2014).

IMAGEM 4 - MULHER MODELO BRANCA



FONTE: Apolinário (2014).

IMAGEM 5 - MULHERES BRANCAS EM SALÃO ESTÉTICO



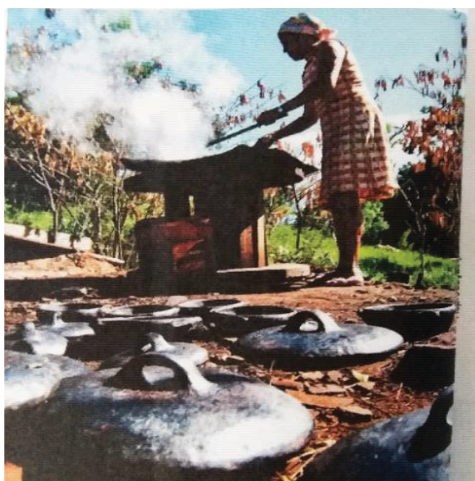
FONTE: Apolinário (2014).

Na imagem 3, o homem branco é um historiador, nas Imagem 4 e 5, é apresentada uma outra forma de representação para a mulher, voltada para a beleza e estética – espaço historicamente relacionado as mulheres, principalmente as brancas, definindo uma desigualdade de gênero, impondo espaços diferenciados e criando uma relação de poder do grupo masculino que detém a área do trabalho e

intelectualidade, e as mulheres, situadas no espaço dos cuidados com a estética e com padrão de beleza que geralmente é branco.

Às mulheres negras no entanto, em relação as mulheres brancas, temos outra distinção de ambientes de representatividade, como mostra a Imagem 6.

IMAGEM 6 - - MULHER NEGRA CONFECCIONANDO PANELAS



FONTE: Apolinário (2014).

No caso da mulher negra, a maior parte das imagens são associadas a área doméstica, e geralmente associada a ambientes rurais ou relacionado a pobreza. Nesta relação, além de desigualdade entre gêneros, permanece a representatividade da mulher negra estereotipada, inserida em espaços diferentes aos ocupados pelas mulheres brancas. Enquanto o primeiro grupo assume o papel estético, o segundo assume também a imagem histórica associada a essas mulheres que as relaciona aos trabalhos do lar, geralmente como empregadas domésticas. Conceição Evaristo (2006) aponta que o espaço da mulher negra na literatura brasileira canônica foi somente da hipersensualidade ou da empregada doméstica. Paulo Silva, Wellington Santos e Neli Rocha (2008) captaram esta mesma tendência em discursos de jornais paranaenses. Os estudos de Ana Carolina Lopes Venâncio (2009), Débora Cristina de Araújo (2010) e Veridiane Cíntia Souza de Oliveira (2011) sobre literatura infantil apontaram o estereótipo de empregada doméstica como principal para as mulheres negras. Essa desigualdade na representação reforça espaços desiguais e desvaloriza a intelectualidade e a formação da mulher negra, limitando o imaginário destas apenas ao exercício de uma função desvalorizada socialmente e que não exige uma maior formação acadêmica.



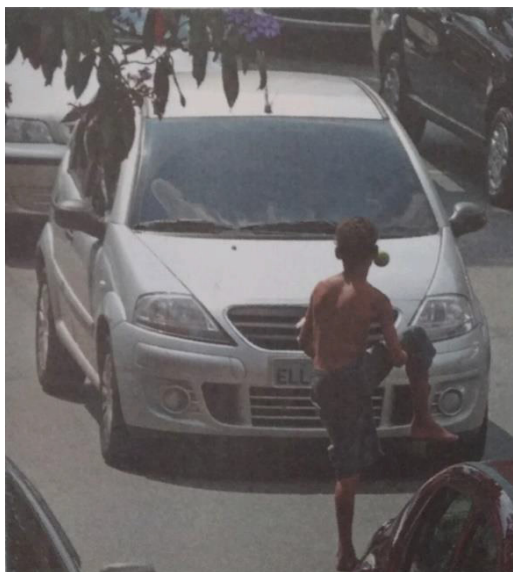
No mesmo sentido, sobre o contexto em que se encontram os/as personagens, encontramos 6 (6,4%) em situação de pobreza, no qual em sua totalidade, é representada por personagens negros/as, como observamos na Imagem 7 e 8.

IMAGEM 7 - FAMÍLIAS BRANCA E NEGRA ILUSTRANDO SOBRE A DIVERSIDADE ALIMENTAR



FONTE: Apolinário (2014).

IMAGEM 8 - MENINO NEGRO FAZENDO MALABARISMO NO SEMÁFORO



FONTE: Apolinário (2014).

Nos dois casos acima (Imagens 7 e 8), temos casos muito expressivos de hierarquização racial, determinando extremos entre a população branca e a população negra. A Imagem 06 compõe a ilustração do conteúdo “O Neolítico e a Revolução Agrícola” que abordava sobre variedade na qualidade de alimentação humana e na quantidade de comida consumida. A imagem traz diferenças gritantes e que chocam ao analisá-la. Trata-se de um lado, de uma família branca reunida para almoçar em

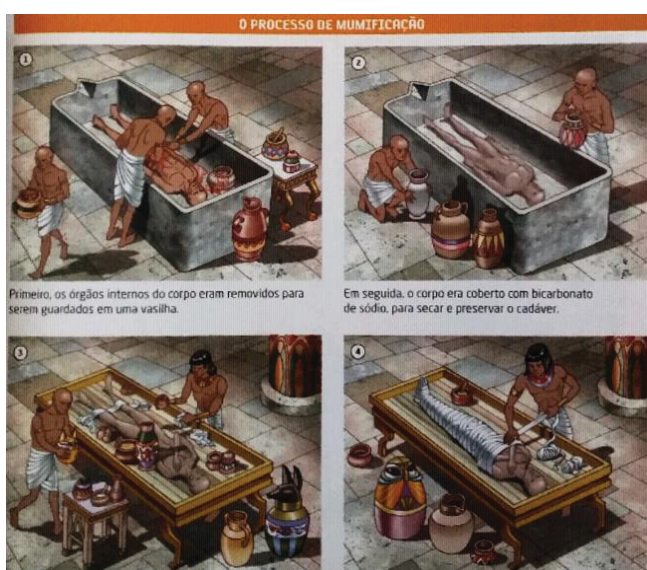


um restaurante, fazendo uma oração para se alimentar, e ao lado, a imagem de uma fila composta apenas por crianças negras, nitidamente de classe social carente, aguardando para receber doação de comida para poder se alimentar em um centro de distribuição de alimentos para desabrigados na Somália.

Na Imagem 8, foto que ilustra o conteúdo sobre a diferença entre o tempo na história, a foto mostra um menino negro fazendo malabarismo no semáforo em São Paulo. Novamente é um estereótipo que se mantém, tendo sido identificado nos discursos de livros didáticos de língua portuguesa por Silva (2005). Temos nessa circunstância, casos bem diferenciados de representar as crianças desses grupos étnicos. Tendo em vista que os/as estudantes tendem a se identificar com as imagens que visualizam e que estas podem reforçar discursos e comportamentos preconceituosos, entende-se que a permanência dessas formas estereotipadas e limitadas de representar a criança negra, principalmente fora da escola e associada a pobreza, delimita espaços diferenciados e desiguais fortalecendo uma imagem de suposta superioridade do grupo branco em relação ao grupo negro.

No entanto, no que se refere a parte cultural, indicamos um avanço importante ao ser inserido capítulos referentes a religião e a escrita no Egito, capítulo que traz vários elementos da cultura egípcia, inclusive ilustrações da população negra, como mostra a Imagem 09.

IMAGEM 9 - HOMENS NEGROS NO PROCESSO DE MUMIFICAÇÃO EGÍPCIA



FONTE: Apolinário (2014.)

Neste capítulo específico, a predominância era por imagens ilustradas e que

faziam referência a pintura egípcia mundialmente conhecida, lugares historicamente importantes do Egito e processos culturais históricos, como a mumificação ilustrada na Imagem 9.

Ter um espaço amplo como o capítulo abordando vários elementos da cultura egípcia inserida em contexto com o continente africano, é um indicativo de mudança considerada positiva, pois durante muitos anos o Egito era mencionado devido ao seu destaque histórico e cultural, mas de forma segregada sem associação da sua valorização ao continente africano. E com esta nova forma de representação e abordagem, consideramos ser um avanço no sentido de valorização da cultura africana.

Enquanto no ambiente escolar, temos 7 (7,4%) personagens brancas com a ocorrência de 1 caso de cor/etnia negra (Imagem 02). Em relação ao contexto de inserção das personagens indicamos a permanência da separação de certos espaços nos quais as personagens brancas ainda ocupam lugares privilegiados, seja no ambiente escolar, familiar e de exercício do trabalho. Esta forma de distribuição reafirma a hierarquia racial, visto que naturaliza a relação entre negro e pobreza e define os espaços de educação e de trabalho como espaços brancos. Na análise da categoria “trabalho” temos 15 (16%) personagens que aparecem no exercício da profissão e desses, 11 (73,4%) são brancos/os e 4 (26,7%) são negros/os. Ou seja, a desigualdade em personagens que exercem profissão se multiplica.

Com relação ao ambiente cultural, foram encontrados 64 (68%) personagens, os quais 31 (48,5%) são brancos/as, 22 (34,4%) são negros/as e 7 (11%) são indígenas. E no esporte, tivemos apenas dois personagens, 1 homem branco e uma mulher negra.

Temos assim, uma preferência por representações humanas e em formato de foto – o qual podemos entender como uma tentativa de trazer o conteúdo trazido no LD para a realidade das crianças, trazendo a aproximação e identificação como método de aprendizagem.

Como apontam pesquisas anteriores sobre as relações raciais nos LDs e os dados deste livro nos revelam, podemos perceber que ainda permanecem estratégias de uma hegemonia branca que subrepresenta a população negra com o uso predominante de pessoas humanas como referência de humanidade e a preferência pela utilização de homens adultos brancos para ilustrar os conteúdos – o que remete crianças um padrão de referência branco, além de eurocentrado pelo conteúdo em si,

que explica as relações humanas e são padrões a serem seguidos, principalmente enquanto identidade, estética e culturalmente. Personagens negras passaram a existir em maior frequência que apontado em estudos anteriores (SILVA, 2005; NASCIMENTO, 2012) mas foram colocadas em espaços estereotipados.

Nesse caso, muito similar ao discutido nos dados acima, ainda permanece a preferência por padronizar o homem como referência, ocupando os diversos espaços sociais e como protagonistas das ações. Às mulheres ainda cabe um espaço limitado, principalmente ao fazer um recorte racial, as quais assumem funções manuais, estão inseridas em grupos familiares, mas em nenhum momento assumem a referência de alguma ação ou integram lugares com padrões sociais mais elevados.

A imposição da imagem masculina como referência é utilizada historicamente na tentativa de impor uma suposta supremacia dos homens e uma relação de poder entre estes e mulheres, inferiorizando o grupo feminino, delimitando espaços estereotipados a mulher voltados principalmente a maternidade e/ou trabalhos domésticos. Esta é mais permanência que apontamos que fortalece um imaginário machista, sobrepondo um grupo por outro devido ao gênero. No entanto, também temos mudanças relevantes com relação ao LD de História referente a representatividade negra.

Essa é uma mudança fundamental no que se refere as representações da população negra que ficava limitada as ilustrações relacionadas a escravidão associando os/as negros/as apenas a um período histórico de submissão e violência, impondo a imagem escravizada de toda uma população a uma condição de vida e hierarquizando as relações humanas.

A desconstrução desse discurso por meio dos materiais didáticos é importante para o combate a práticas racistas no espaço escolar. E entendendo a educação como o pilar essencial para o combate a qualquer tipo de preconceito e para construção de um Estado democrático e menos preconceituoso, a desvinculação de imagens preconceituosas nos LDs, se torna um passo fundamental.

## **4 A REMEMORAÇÃO DAS CRIANÇAS NEGRAS**

### **4.1 Análise dos desenhos dos alunos negros sobre a rememoração da população negra nos livros didáticos**

Os desenhos a seguir são as rememorações de 17 (dezessete) crianças negras que responderam o questionário contendo a seguinte pergunta: “Qual a imagem do negro no livro didático ficou mais presente em sua memória?”

O grupo de estudantes negros entrevistados foi composto por 09 meninas e 8 meninos. Destes, 10 alunos/as tinham 11 anos, 6 alunos/as tinham 12 anos e apenas 1, 13 anos. Estes foram selecionados e categorizados por representarem de forma mais nítida a diversidade das rememorações, trazendo com mais riqueza de detalhes representações a serem discutidas. Os/as 17 alunos/as foram convidados/as a participar de entrevista individual sobre sua produção e todos/as realizaram voluntariamente as entrevistas.

As crianças foram orientadas a desenhar individualmente uma imagem da população negra que tenha ficado mais marcada em sua trajetória escolar inserida nos livros. No entanto, como veremos em algumas situações e que comprovam a afirmativa de que se tratam de materiais ideológicos, muitas das crianças trouxeram imagens do seu cotidiano, mas que representam espaços específicos para a população negra com relação a população branca, operando ideologicamente ao estabelecer hierarquias.

Porém, apesar de ainda ser perceptível a permanência de formas estigmatizantes e estereotipadas dos/as negros/as – o que foi unanimidade na pesquisa de Teixeira (2006), outras formas de representação trazem aspectos positivos principalmente com relação a identidade racial das crianças no que diz respeito a: autoestima como parte da África, a valorização da estética negra, o exercício de profissões e a identificação da criança negra leitora com um personagem do livro.

Devido a maior diversidade de formas representativas, separamos os registros (desenhos) em categorias para melhor compreensão das imagens e os diferentes olhares sobre a população negra trazidas pelos/as alunos/as entrevistadas/as da seguinte forma: 1-Escravização; 2-Preconceito; 3-Personagens negros representados no esporte; 4-Egito compondo o Continente Africano; 5-

Personagens negros exercendo profissões; 6- Valorização da população negra.

Neste momento, traremos os desenhos feitos pelos estudantes negros e trechos das entrevistas que entendemos pertinentes para fazer os estudos de forma conjunta, mas a entrevista na íntegra de todos/as os/as alunos/as estão disponíveis neste documento.

#### 4.1.1 Escravização

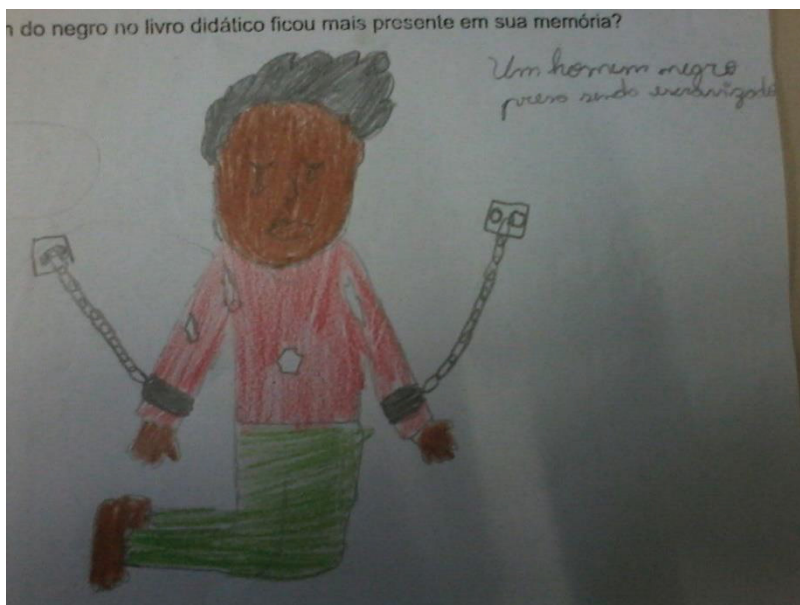
As categorias foram criadas também como uma forma de organização das diferentes formas de representações da população negra para tornar mais fácil a análise, pensando sempre nos diferentes fatores sociais e históricos envolvidos. Junto com os registros pictográficos, optamos por fazer o estudo das imagens junto com trechos das entrevistas dos estudantes que pudessem reforçar a análise do desenho por meio do próprio discursos.

Nos desenhos e entrevistas a seguir, podemos perceber que a representação mais forte dessas crianças com relação aos/as negros/as não se vincula apenas as representações trazidas nos livros, eles mantêm uma relação com fenômenos sociais relacionados as suas vivências e ao seu cotidiano.

É interessante observar as associações que fazem também das representações da população negra nos LDs com fatos e pessoas negras do cotidiano e como aparecem nos registros. Pois por meio dos dois momentos de registro (desenho e entrevista), todos de alguma forma deixaram evidenciados a consciência da existência do racismo e o quanto é prejudicial, por mais que alguns neguem ter passado por qualquer tipo de preconceito racial.

Nesta primeira categoria denominada “escravização”, foram inseridos todos os desenhos que remetessem a população negra ao período histórico da colonização no Brasil, trazendo os/as personagens negros/as em situação de violência, vulnerabilidade e submissão. Estes desenhos foram selecionados para esta categoria por trazerem os/as negros/as sofrendo algum tipo violência física voltada as punições e a forma desumana que os/as escravizados eram tratados/as, sendo acorrentados e apanhando. Estas imagens são muito presentes nos LDs de História no qual muitas das vezes é o único momento em que a população negra se torna protagonista e têm evidência por sofrer todos os tipos de violência físicas e psicológicas no período da escravização.

IMAGEM 10 - HOMEM NEGRO ESCRAVIZADO



FONTE: A autora (2019).

Na Imagem 10 temos a imagem de um homem negro acorrentado, com roupas rasgadas e o semblante triste, chorando e sentindo dor.

Esta é uma imagem encontrada com muita frequência na pesquisa de Teixeira (2006), a qual remete a população negra ao espaço de submissão e violência. No entanto, a descrição do aluno chama a atenção. Ao lado da imagem, o aluno descreve a imagem da seguinte forma: "Um homem negro preso sendo escravizado".

O termo escravizado começou a ser utilizado recentemente substituindo o termo "negro escravo" por solicitação de pesquisadores/as e militantes do movimento negro, por se ter o entendimento que não era essência dos/das negros/as africanos/as serem escravos. Eles se tornaram escravos no processo em que foram tirados a força de suas terras, arrancados de suas comunidades e de suas famílias para exercerem trabalho escravo no Brasil – ou seja, foram escravizados.



IMAGEM 11 - HOMEM BRANCO CHICOTEANDO HOMEM NEGRO

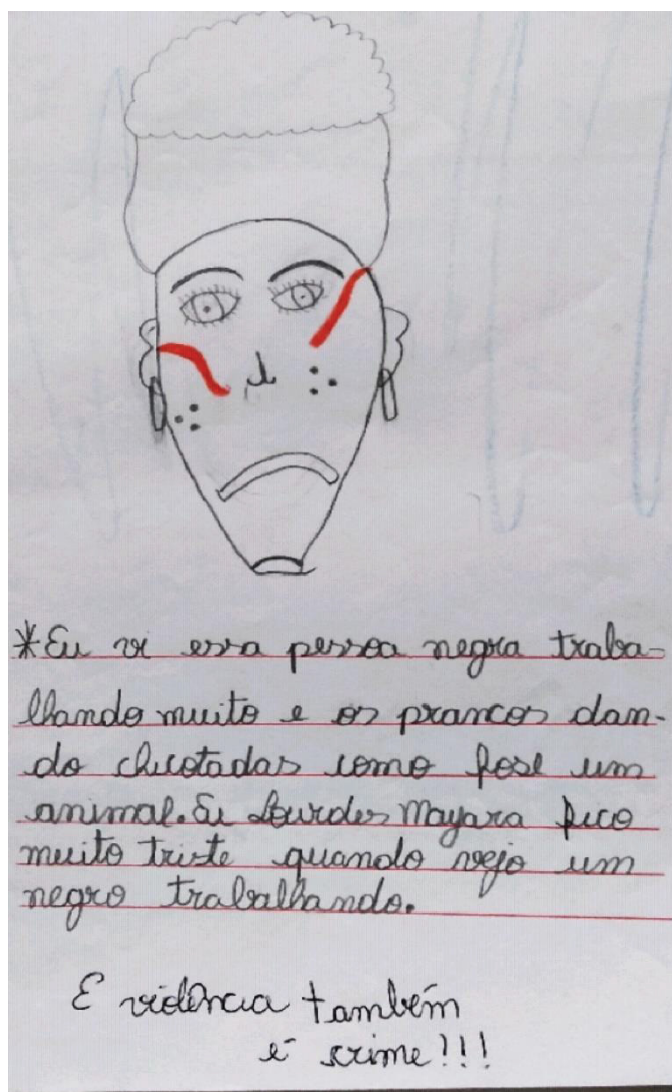


FONTE: A autora (2019).

Na Imagem 11 acima, temos uma imagem clássica da escravidão presente em grande parte de livros didáticos em que mostra um homem branco chicoteando uma pessoa negra. Neste caso em específico, chama a atenção não apenas a imagem por si só, mas também o tamanho dos personagens que indica a superioridade branca imposta ao personagem negro que está curvado de costas para o personagem branco, com as roupas sujas e rasgadas. Expõe também o espaço a ser ocupado pelos diferentes personagens, onde o homem branco, desenhado em dimensão maior, mostra-se estar em espaço superior ao homem negro, que foi desenhado em proporção menor e ocupa o papel de submissão e maltrato.



IMAGEM 12 - MULHER NEGRA ESCRAVIZADA



FONTE: A autora (2019).

A Imagem 12 acima registra a imagem do rosto de uma mulher negra com um semblante que remete a tristeza. Seguido da imagem, a aluna faz a seguinte descrição: “Eu vi essa pessoa negra trabalhando muito e os brancos dando chicotadas como fosse um animal. Eu L.M fico muito triste quando vejo um negro trabalhando. E violência também é crime!!!”

Pelo próprio relato junto ao registro, identifica-se que se trata de uma mulher negra em situação de escravização e a insatisfação da aluna em presenciar imagens de mulheres negras nesta situação – o que nos leva a refletir sobre a importância da representação na identificação da criança com os discursos imagéticos trazidos nos livros didáticos. Um ponto relevante é o uso do tempo verbal no presente, que pode ser interpretado como um ponto de vista da aluna que a violência contra a

mulher negra não é fenômeno somente do período da escravidão, mas persiste até atualmente. No entanto, um fato também chama a atenção no que diz respeito a forma como a mulher é representada na imagem, o que podemos considerar como uma significativa melhora se pensarmos que se trata de uma mulher que traz traços fenotípicos negros sem estereótipos, com o cabelo crespo e aramado, brincos e traços no rosto que pode ser identificado como parte da cultura africana como as curvas de identificação da comunidade pertencente e as pinturas coloridas no rosto – a única parte da imagem colorida.

IMAGEM 13 - HOMEM NEGRO COM BOLA DE FERRO PRESA AO PÉ



FONTE: A autora (2019).

A Imagem 13 traz a imagem de um homem negro com roupas sujas e rasgadas com uma bola de ferro presa a perna direita. Neste registro temos uma pessoa negra que remete a opressão, ao trabalho escravo e a negação dos direitos da população negra – imagens que principalmente nos livros didáticos de História ainda são muito frequentes (TEIXEIRA, 2006). Porém, como vimos neste desenho, assim como nos demais acima, podemos identificar como uma melhora nas representações trazidas pelas crianças, a preocupação em trazer a imagem da população negra trazendo traços da estética negra sem estereótipos, apesar de estarem em situação de escravidão.

Abaixo, segue trechos das entrevistas feitas com esses alunos e suas

justificativas sobre a produção dos seus desenhos.

#### 4.1.1.1 Análise das entrevistas da categoria “Escravização”

As entrevistas na íntegra compõem este trabalho nos anexos. Muitas entrevistas se tornaram extensas devido à complexidade do tema, tendo muitas vezes que fazer abordagens mais prolongadas para obter uma justificativa consistente para a análise sem que houvesse qualquer tipo de indução por parte da pesquisadora.

Portanto, no quadro a seguir, são inseridos pequenos fragmentos das entrevistas que trazem a percepção dos alunos/as sobre seus desenhos dentro da proposta a ser analisada neste trabalho.

QUADRO 3 - SELEÇÕES DE ENTREVISTAS REALIZADAS NA CATEGORIA “ESCRAVIZAÇÃO”

Alunos	Justificativas
E.A.	P: E por que quando você pensa em uma pessoa negra, por que é esse tipo de imagem que fica mais marcada para você? A: Por que eu fico imaginando, por eu fico me imaginando no lugar deles
L.S.	A: Eu desenhei aqueles homens lá quando eles comandavam os escravos e os escravos trabalhando e eles dando chicotada nos escravos. P: Você me disse que hoje não existe mais essa violência com os negros. E você acha que hoje tem outras formas de violência que os brancos fazem com os negros? A: Sim P: Como o que? A: Não sei dizer. Não é igual àquela violência. Mas tem pessoas que batem, por que as pessoas são negras.
L.M.	A: Eu desenhei uma negra trabalhando muito e se machucando pelo o que os brancos machucam ela, pelo o que ela tá trabalhando. Ela está trabalhando com o maior esforço dela e ela e pega e bate nela por ela estar conversando, essas coisas. É assim que os brancos sempre fazem com os negros A: Porque o ser humano agora é branco. E por ele ser branco, ele acha que pode machucar as pessoas negras. Eu fico meio triste com o que acontece hoje no Brasil. Eles machucam as pessoas que não são da mesma cor, que não são da mesma religião, e já partem para a agressão. Eu acho isso meio absurdo. A minha mãe também é dessas coisas. Aí eu falo para ela que todo mundo é igual, sendo de cor diferente ou religião diferente, para mim não importa. Eu já tive amigas negras, de religiões diferentes, que não acreditam em Deus e que acreditam. Para mim não importa. Mesmo tendo respeito comigo e educação, tá ótimo! P: Você falou que essa mulher é de uma outra época, mas você acha que esse tipo de comportamento com a mulher negra ainda acontece até hoje? A: Acontece P: Como? A: Quando elas andam na rua. Um dia eu estava andando na rua, e estava andando uma negra andando como todo mundo anda. Aí veio um homem e falou que ela não deveria andar pela rua. Àquela hora eu queria falar para aquele homem que todos tem o mesmo direito! Se ele tem o direito de entrar em uma loja para comprar uma roupa, ela também tem direito de ir. Nessa parte eu me identifiquei! Eu não sou negra, nada, mas aquela parte eu fiquei meio triste por ver o que se passa na cabeça deles. E aquela negra deve ter ficado

Alunos	Justificativas
	meio chateada. Ela ia entrar em uma loja e ele foi falar aquilo para ela? Ela pegou e saiu e abaixou a cabeça dela. Eu acho que quando os negros sofrem isso, eles deveriam erguer a cabeça deles e não abaixar
W.C	A: Eu fiz esse desenho porque eu vi na televisão sobre os escravos e aí eu quis desenhar! P: E se eu perguntasse para você qual é uma outra pessoa negra que você já viu nos Livros Didáticos? Qual seria o lugar que ela ocuparia? A: Nenhum, só esse mesmo! P: E quando você vê uma pessoa negra representada assim, qual o sentimento que passa para você? A: Tristeza. Por que não importa se é branco ou moreno, ou os dois, é uma pessoa de qualquer jeito.

FONTE: A autora (2019).

Nas entrevistas dos estudantes que compõem esta categoria, presenciamos ainda um imaginário da população negra vinculada a época colonial no Brasil e da escravização dos negros/as como encontrado por Teixeira (2006) e Oniesko (2018). Por meio da rememoração e das justificativas dos/as alunos, percebemos ainda uma forte inserção de pessoas negras na abordagem desse período histórico enfatizando um papel de submissão e violência.

A partir dessa abordagem, que não traz nenhum tipo de valorização e/ou protagonismo da população negra, que não valoriza a cultura e a estética fenotípica negra, o incômodo dos estudantes em se ver associados/as às imagens negativas da população negra, é inevitável.

Vemos também uma conscientização dos estudantes sobre o racismo que também é vinculada e justificada por meio do período de escravização. O intrigante nas respostas dos alunos é a forma como respondem, onde demonstram desconforto em discutir sobre a temática, mas falam da violência motivada pelo racismo de forma naturalizada, como se fosse um fenômeno temporal muitas vezes e nas outras, uma violência que não os atinge.

Em todas as entrevistas, temos elementos importantíssimos para entender o impacto do LD para os/as alunos/as negros/as, mas nesta categoria enfatizo dois que trazem mais explicitamente a responder dentro desta categoria o que a pesquisa propõe a responder.

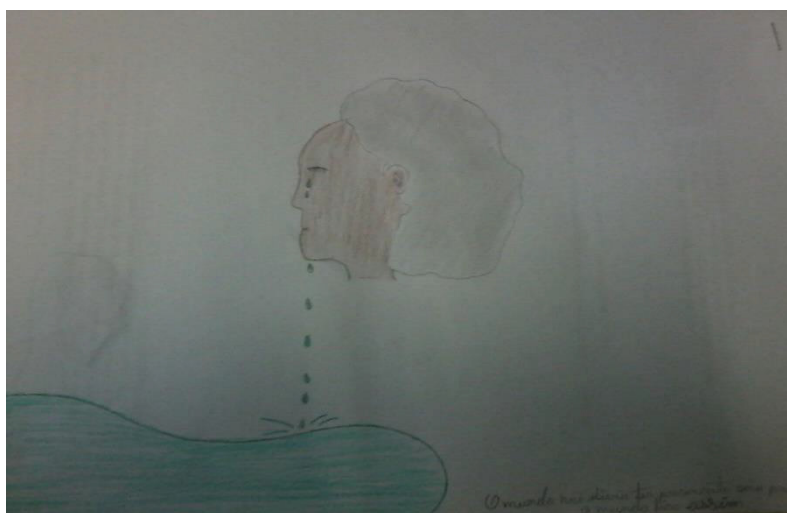
No desenho de L.M. se aborda várias questões sobre a violência a mulher negra, ao lugar de submissão que por vezes é imposto a essas mulheres pela questão de gênero e pelo fenótipo negro, o que traz especificidades diferentes das mulheres brancas. No relato da criança entrevistada, ela traz a violência como tentativa do

silenciamento da mulher negra. Em primeiro lugar, ela traz a mulher negra como escrava, ou seja, associada a submissão, e no decorrer de sua explicação, ela explica que a mulher negra apanhou por estar conversando. Ou seja, em seu discurso, mostra-se claramente o incômodo desta estudante com ausência de voz e protagonismo da mulher negra nos LD's, o que se confirma quando discorre sobre um caso de racismo com uma mulher negra que presenciou e junto com sua indignação com a situação contada, mostra também um empoderamento em um discurso de orgulho da raça negra, apesar de não se identificar como negra.

A resposta de W.C. traz informações relevantes para entendermos a importância do Livro Didático e a forma como a população negra é inserida nele. Em seu desenho, ele assimilou as imagens do LD vinculados ao conteúdo sobre a escravização e associou a forma como outros meios midiáticos representam a população negra, os quais por muitas vezes ainda fomentam a imagem desvalorizada e submissa das/os negras/os. E esses imaginários se reforçam e fortalecem um discurso racista e preconceituoso que permeia a trajetória escolar e a vida desses alunos/as negros/as, na tentativa de determinar espaços e delimitações em uma relação hierarquizante entre brancos/as e negros/as.

#### 4.1.2 Preconceito

IMAGEM 14 - MULHER NEGRA CHORANDO



FONTE: A autora (2019).

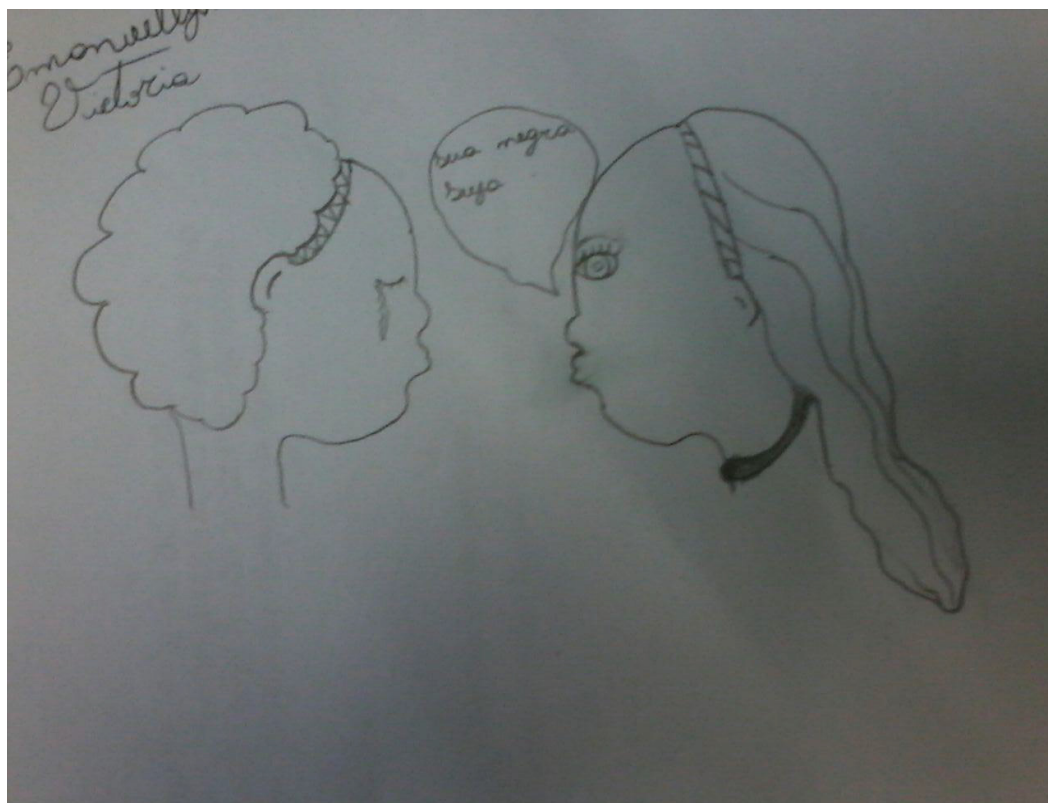
A Imagem 14 traz a imagem de uma mulher negra com traços fenotípicos marcantes como a identificação com a cor da pele e o cabelo crespo porém com o



semblante triste e chorando – o que mostra a tristeza da personagem que se confirma no registro escrito da aluna que diz: “O mundo não devia ter preconceito com preconceito o mundo fica assim” (Os textos das crianças estão transcritos de forma fiel aos registrados nas entrevistas).

Pela forma descrita, temos a percepção da aluna do preconceito por outra perspectiva, por meio da conscientização da existência da desigualdade racial que remete a tristeza a indignação. Esse discurso trazido junto com o desenho mostra uma visão da população negra, a qual por meio da mulher, não traz a escravidão como condição e sim a denúncia do preconceito e seu reflexo – ou seja, o choro.

IMAGEM 15 - MENINA BRANCA XINGANDO A MENINA NEGRA

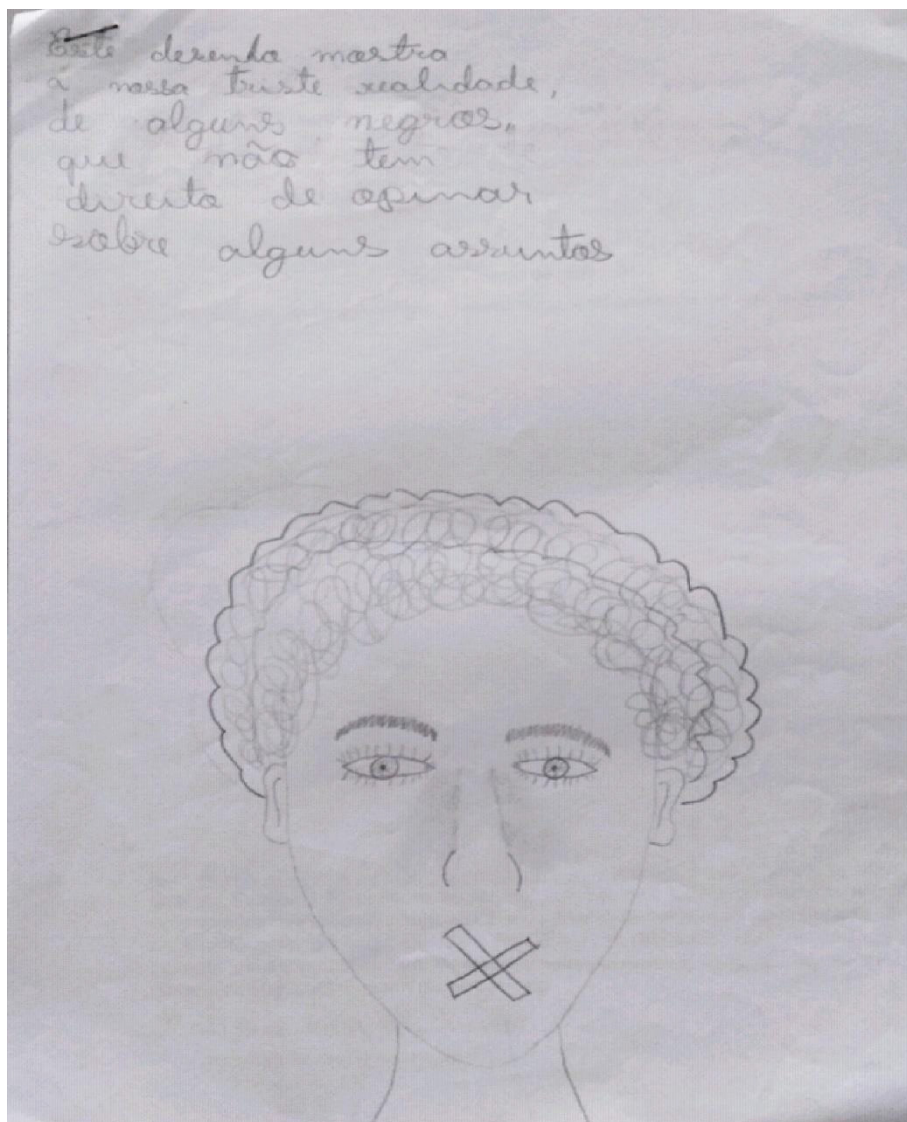


FONTE: A autora (2019).

No desenho acima (Imagem 15) temos uma situação diferente no qual aparece um registro de uma menina de negra, com cabelo crespo chorando por sofrer injúria racial. Não foram encontrados na busca de outras pesquisas sobre a temática, nenhum registro de uma relação racista explícita como esta, o que durante a análise do desenho intrigou e durante o segundo momento da entrevista, foi possível constatar que: a aluna traz o reflexo do discurso racista para situações de preconceito reais sofridas pela mesma. Quando a criança traz uma menina branca se referindo à

menina negra como “suja” devido a sua cor da pele negra ao ser perguntada sobre a rememoração dos personagens livros didáticos, constatamos uma frágil relação existente na identificação das crianças (negras e brancas) na forma de representação dos personagens negros/as inseridos/as nos livros didáticos, e como estes podem estar relacionados aos discursos racistas marcantes em seu cotidiano.

IMAGEM 16 - - MULHER NEGRA COM A BOCA LACRADA



FONTE: A autora (2019).

Na Imagem 16, temos o registro de uma aluna que desenhou uma mulher negra, com cabelos crespos e com o semblante que nos remete a agonia o qual com seu olhar fixo, mostra um desespero por querer falar e não conseguir se manifestar. Neste desenho mais uma vez a representação da criança traz traços fenotípicos sem



estereotipia, o que já foi apontado anteriormente como uma possível melhoria. No entanto, as mensagens trazidas pela rememoração da população negra ainda são preocupantes, principalmente, nas descrições trazidas junto ao desenho. Nesta imagem a aluna faz a seguinte descrição: “Este desenho mostra a nossa triste realidade, de alguns negros que não tem direito de opinar sobre alguns assuntos.”

Ao fazer esta afirmação e por meio do desenho, podemos visualizar duas questões: 1-a pouca representação da população negra em espaços de fala nos livros didáticos; 2-e supor a insatisfação da aluna em não poder se manifestar em certos espaços e sobre alguns assuntos, relacionando esta forma de repressão ao seu pertencimento racial negro.

#### 4.1.2.1 Análise das entrevistas da categoria “Preconceito”

QUADRO 4 - SELEÇÕES DE ENTREVISTAS REALIZADAS NA CATEGORIA “PRECONCEITO”

Alunos	Justificativas
A.V.	<p>A: É uma menininha chorando porque as pessoas têm muito preconceito hoje em dia! E se o nosso mundo tivesse menos preconceito, as pessoas não estariam assim chorando. E antigamente tinham muitos escravos, e eu acho isso muito errado. Eu gostaria que isso tudo mudasse!</p> <p>P: E esses escravos, que cor eles eram?</p> <p>A: Eles eram negros</p> <p>P: E essa é uma escrava negra?</p> <p>A: Sim</p> <p>P: E por que ela está chorando?</p> <p>A: Porque ela não gosta de ser maltratada e apanhar. Ela tinha a casa dela, quando os portugueses pegaram ela e a família dela e levaram para a casa deles, e maltratavam eles e é isso.</p>
E.V.	<p>A: Eu desenhei uma menina falando para uma pessoa negra coisas más para ela.</p> <p>P: O que ela falou? Essa menina que tá falando que cor ela é?</p> <p>A: Ela é branca!</p> <p>P: E o que ela está falando para a menina negra?</p> <p>A: “Sua negra suja!”</p> <p>P: E por que você acha que tem gente que não gosta de pessoa negra?</p> <p>A: Por causa da cor! Porque só porque a pessoa tem uma cor diferente não é igual as outras pessoas.</p> <p>P: E como você se sente com tudo isso que acontece?</p> <p>A: Me sinto bem mal!</p>
E.L.	<p>A: Eu desenhei esse desenho para mostrar que nem todos os negros têm os mesmos direitos e isso é muito errado! Eu desenhei uma mulher com um “x” que representa que ela não tem a mesma capacidade de todas as pessoas de se expressar porque as pessoas podem oprimir.</p> <p>P: E por que você acha que isso acontece com as mulheres negras?</p> <p>A: Pelo fato delas serem negras! Pelo fato delas serem mulheres e tem muito preconceito com a mulher. E pelo fato dela também ser negra, pela cor. Todas as pessoas são iguais e só mudam a cor! Eu não sei por que existe esse racismo!</p>

FONTE: A autora (2019).

Nesta categoria, observamos primeiramente uma conscientização muito forte no discurso sobre a existência do preconceito, que vai para além do registro escrito e

da mensagem do LD, mas o entendimento de um preconceito que se dá pela cor da pele principalmente e que faz parte do cotidiano da população negra no Brasil desde a época colonial.

Nesta categoria é notória a associação das imagens de personagens negros/as dos LD's com fatos do cotidiano dos estudantes, relacionando fatores históricos como o caso de racismo sofrido pela mulher negra escravizada com casos de preconceito racial que se perpetuam até hoje.

Das entrevistas realizadas, destaco as realizadas com os/as estudantes E.V. e E.L. no qual o primeiro relato se trata de um caso de racismo explícito dado por agressão verbal de uma pessoa branca chamando uma pessoa negra de “Sua negra suja”. Neste caso, existe um relato que ultrapassa uma forma de representação das pessoas negras nos LD's, mas como esta, associada a fatos de racismo que de alguma forma foi presenciado, denuncia formas como estas crianças negras ainda vivenciam casos de injúria racial de forma absurdamente escancarada, pois a associação da raça negra a sujeira devido a cor da pele, é uma forma de relação de poder imposta pela cor, que justifica pelo discurso preconceituoso, um suposto poder que se dá por ter a cor de pele branca – o que nos mostra que apesar de várias manifestações, campanhas, programas de combate ao racismo, leis de valorização da cultura afro-brasileira e africana e políticas voltadas a população negra que asseguram os direitos desta parte da população, o preconceito racial ainda permanece enraizado de forma estrutural e estruturante na sociedade brasileira.

No caso de E.L. temos um registro pictográfico que nos denuncia por meio da entrevista, o caso da opressão a mulher negra, o qual no desenho é representado por um “X” no lugar da boca da mulher negra. Historicamente a mulher foi estereotipada, ocupando espaços limitados e de pouco poder e protagonismo, com seus direitos violados devido ao imaginário de uma sociedade machista que acreditava que a mulher deveria ser educada para ser “esposa e mãe” apenas. Para as mulheres negras, ainda havia agravantes devido a sua cor de pele, no qual eram hipersensualizadas, sendo por muitas vezes objetificadas.

No caso do relato do desenho apresentado pela aluna, podemos ir além da opressão, podemos interpretar o “x” não apenas como uma forma opressora de calar, mas também uma forma de reprimir sentimento. Em “Vivendo de amor”, Bell Hooks explica que a prática de reprimir os sentimentos como estratégia de sobrevivência permaneceu como um aspecto da vida da população negra, mesmo depois da

escravidão, pois com o racismo e a supremacia dos brancos enraizada na sociedade mesmo com o término da abolição da escravatura, os negros tiveram que manter certas barreiras emocionais, por muitas vezes como forma de proteção, inclusive. E, dessa forma, muitos/as negros/as naturalizaram a capacidade de se conter emoções como uma característica positiva, o que ainda presenciamos nos dias atuais quando muitas pessoas negras sofrem racismo e não reivindicam seus direitos legais, ou preferem negar a violência por medo. No decorrer dos anos, a habilidade de esconder e mascarar os sentimentos passou a ser considerada como sinal de uma personalidade forte, no entanto é mais uma face violenta do racismo.

Com a atuação do movimento de mulheres e principalmente pelas reivindicações das organizações de mulheres negras no Brasil, foram implementadas leis que combatem o feminicídio no país de forma mais eficiente, no entanto, ainda temos uma realidade alarmante. Em entrevista ao canal “Mulheres de luta”<sup>4</sup> no Youtube, publicado em 19 de agosto de 2018, Jurema Werneck<sup>5</sup>, explica que se perguntarem a qualquer mulher negra o que ela quer, a resposta será “respeito”, e este no sentido mais amplo. No reconhecimento da sua humanidade que é negada, no reconhecimento da sua capacidade elaborada e de construção que é expropriada e não é valorizada, pois sempre quando a sociedade fala destas mulheres, é de forma vitimizada. Afirma que o objetivo das organizações sociais atualmente, é derrubar o racismo patriarcal e que o patriarcado que expropria a mulher negra se extinga. E para isso, é preciso que o Estado, hoje o principal mediador da distribuição da desigualdade, coloque um “freio” no setor privado parasitário e agressivo no sentido da expropriação da riqueza e do trabalho. Neste caminho, as organizações têm lutado por políticas públicas que já trazem alguns avanços nos últimos dez anos com relação a assistência social, no entanto, ainda existe um retrocesso violento no que diz respeito a violência a mulher negra, no qual Werneck aponta um aumento de 54,2% de assassinatos.

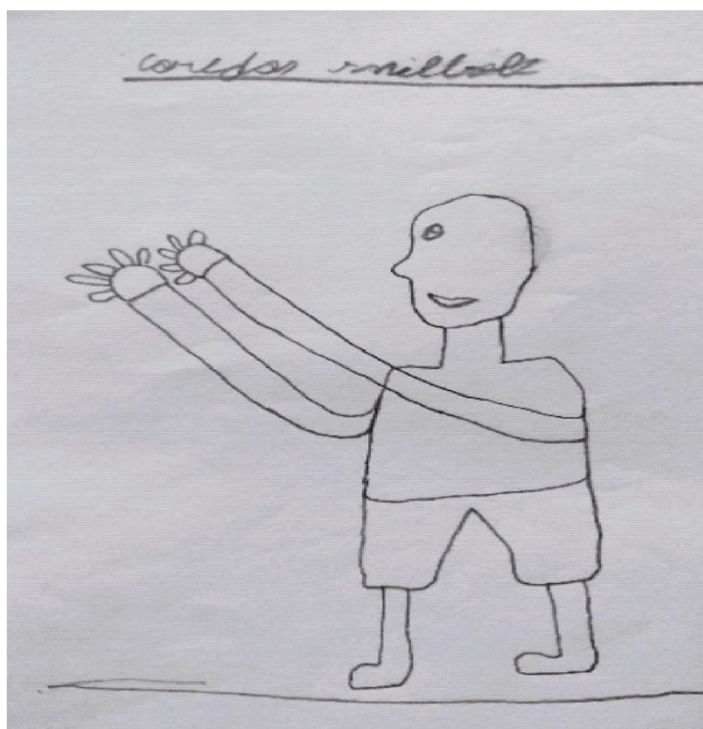
#### 4.1.3 Personagens negros representados no esporte

---

<sup>4</sup> O Mulheres de Luta é um projeto da Lascene Produções que surgiu de 2016 com o objetivo de promover o protagonismo feminino através do audiovisual com entrevistas de mulheres inspiradoras falando sobre suas experiências pessoais, profissionais e objetos de estudo.

<sup>5</sup> Jurema Pinto Werneck é feminista negra, médica, autora e doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ativista do Movimento de mulheres negras brasileiro e dos direitos humanos, assumiu a Direção Executiva da Anistia Internacional Brasil em fevereiro de 2017.

IMAGEM 17 - ATLETA USAIN BOLT



FONTE: A autora (2019)

Na Imagem 17, o aluno desenhou como comemoração da população negra nos livros didáticos, o desenho de Usain Bolt, velocista jamaicano multacampeão olímpico e mundial. Foi o único atleta na história do atletismo a torna-se tricampeão em duas modalidades de pista e único atleta a conquistar oito medalhas de ouro em provas de velocidade, sendo dez vezes campeão mundial. É considerado o homem mais rápido do mundo e entre as honrarias que recebeu fora do atletismo estão a “Ordem da Jamaica” e a “Ordem de Distinção” outorgadas pelo governo do seu país.

Trata-se de desenhos que trazem um homem negro com visibilidade internacional em destaque. Na Imagem 17, o homem negro não traz traços marcantes, a identificação foi possível pela descrição registrada acima do desenho. Mas mostra o semblante feliz de um homem negro sorrindo com as mãos levantadas que podemos interpretar como a comemoração por uma conquista.

A figura aparece de forma valorativa, representando uma pessoa negra em uma situação não associada a escravidão, ao preconceito, a submissão, opressão e violência – o que é considerado uma possível melhoria no que diz respeito ao lugar – espaço dado a população negra. No entanto, a representação por meio do atletismo é uma discussão realizada por pesquisadores da área no decorrer dos anos o qual se questiona: que mensagem se passa quando se representa a população negra de

forma valorizada apenas em espaços de referência ao esporte.

Se entende que a representatividade negra pelo esporte é um lugar de representação valorizado e que temos muitos atletas negros conceituados, porém ao se dar apenas este espaço de destaque, pode vir a dar a falsa ideia e/ou relação de que apenas por meio do esforço físico a população negra se associa a espaços bem-sucedidos. Ou seja, o problema em questão não está relacionado diretamente ao atletismo, mas sim por ele ainda ser um dos únicos espaços de representação de valorização dos/as negros/as, sendo que a população negra ocupa, mesmo que infelizmente de forma desigual, todos os espaços sociais exercendo funções que exigem alto grau de formação.

#### 4.1.3.1 Análise das entrevistas da categoria “Personagens negros representados no esporte”:

QUADRO 5 - SELEÇÕES DE ENTREVISTAS REALIZADAS NA CATEGORIA “ESPORTE”

Alunos	Justificativas
A.C.	<p>P: O que significa esse desenho?</p> <p>A: É um corredor de corrida</p> <p>P: Quem é ele?</p> <p>A: O Bolt.</p> <p>P: Por que ele é sua referência de pessoa negra no Livro Didático?</p> <p>A: Ah, por que eu acho ele legal</p> <p>P: Ele está feliz ou triste?</p> <p>A: Ele está feliz! Por que ganhou a corrida</p> <p>P: e quando você vê a pessoa negra representada dessa forma, qual sentimento passa para você?</p> <p>A: Normal</p>

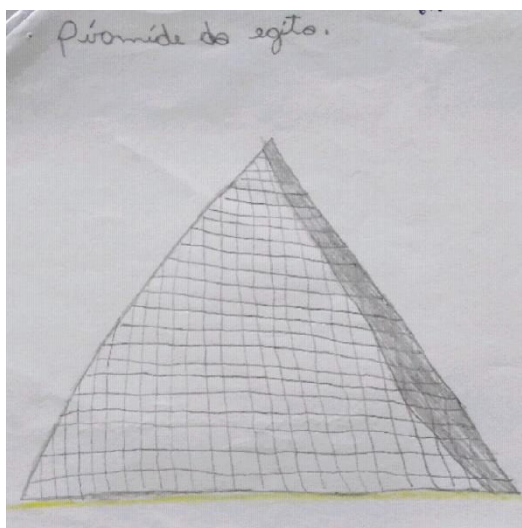
FONTE: A autora (2019).

Pesquisas que discutem a forma como a população negra é inserida nos LD, principalmente na disciplina de História já apontaram desde a década de 1970 que a representação dos/as negros/as está em quase sua grande maioria, voltada para situações de pobreza, violência e submissão. E relatos como o do aluno A.C. comprovam a necessidade de se repensar a forma como essa parte da população é trazida nos materiais didáticos. Por meio da entrevista, vemos que a representação positiva da pessoa negra, trabalha não apenas com o conteúdo no qual se insere, mas também com a auto-estima do/a aluno/a, o que neste caso, interfere diretamente no aprendizado, pois a criança negra não se vê representada mas em situações de escravidão (por exemplo), e consegue ver nas pessoas negras, situações de sucesso, destaque e valorização.

Temos este caso como um ponto de mudança positiva na representação dos/as negros/as, no entanto, sabemos que temos atualmente a maioria da população brasileira auto-declarada negra, os quais estão inseridos nos diversos espaços da sociedade, inclusive em espaços de poder, cargos políticos, no empreendedorismo, advogados, professores, enfim, nas mais diversificadas funções e escolaridade. Diversidade essa que deve ser mais enfatizada e referenciada por lideranças negras, que não fiquem apenas reduzidas ao esporte e em outras funções que tem apenas o esforço e o condicionamento físico valorizados.

#### 4.1.4 Egito compondo o Continente Africano

IMAGEM 18 - PIRÂMIDE DO EGITO



FONTE: A autora (2019).

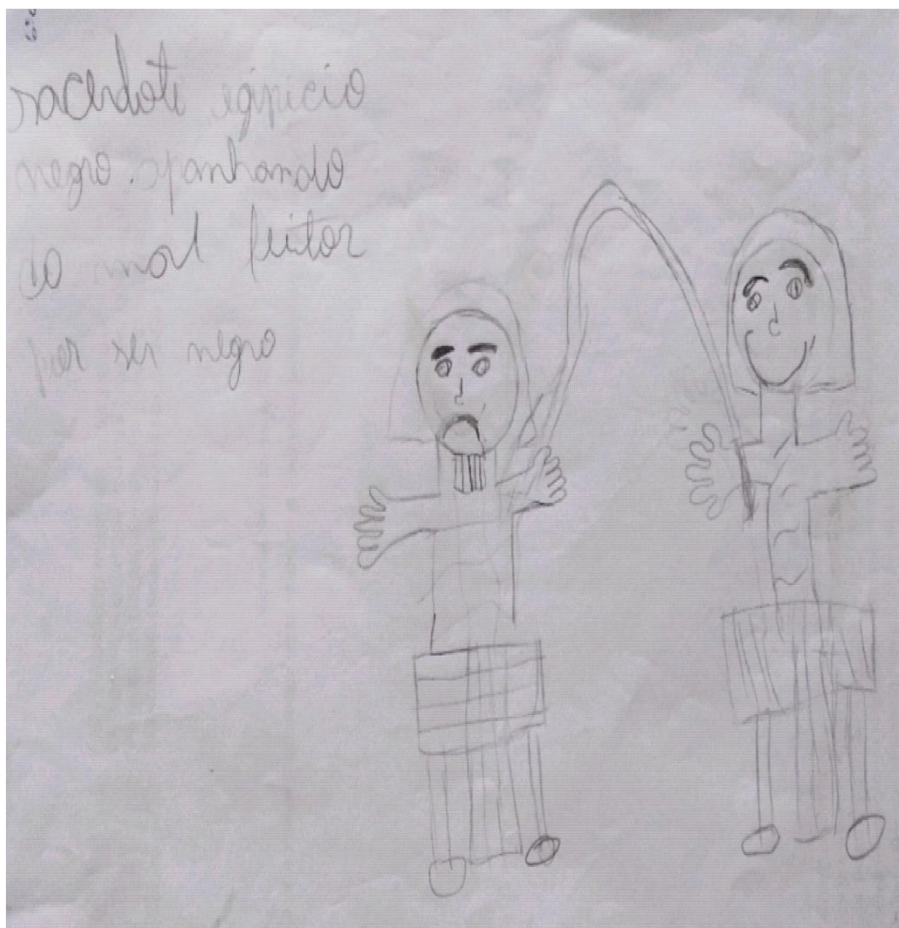
O desenho registrado na Imagem 18 é interpretado como uma representação positiva que desconstrói a ideia equivocada de muitos livros didáticos de história que na sua organização, vinculavam o país apenas ao continente europeu. Durante muitos anos este foi ponto de questionamento de pesquisas sobre a temática pois a história do Egito sempre era inserida nestes materiais compondo os conteúdos da disciplina de História relacionadas a Europa, sem trazer seu pertencimento e sua cultura ao continente africano.

Portanto, apesar de não haver neste registro nenhuma imagem de personagem negro/a, a associação de um elemento (a pirâmide) egípcio à rememoração da população negra é interpretada como uma forma de representação



positiva que mostra a identificação da criança do Egito com o Continente Africano.

IMAGEM 19 - HOMEM EGÍPCIO NEGRO SENDO CHICOTEADO



FONTE: A autora (2019)

Seguindo o raciocínio acima, entende-se que a associação da população egípcia com a população negra e ao Continente Africano, um ponto positivo no que diz respeito a este tipo de representação. No entanto, a Imagem 19 traz um homem negro egípcio com roupas características da cultura egípcia de época, com o semblante triste bem característico na boca e no olhar vazio sendo chicoteado por um personagem denominado “mal feitor” trazido na descrição feita pela aluna que diz: “Sacerdote egípcio negro apanhando do mal feitor por ser negro.”

Nessa descrição temos a questão positiva mencionada na figura anterior, trazendo um personagem egípcio negro, porém a imagem da população negra ainda vem associada a escravidão, a violência sofrida devido a cor da pele – o que marcamos como uma permanência de representação negativa e estereotipada.



#### 4.1.4.1 Análise das entrevistas da categoria “Egito compondo o continente Africano”

QUADRO 6 - SELEÇÕES DE ENTREVISTAS REALIZADAS NA CATEGORIA “EGITO COMPONDO O CONTINENTE AFRICANO”

Alunos	Justificativas
J.B.	<p>A: Esse desenho eu me inspirei no Livro de História</p> <p>P: Por quê?</p> <p>A: Porque os negros trabalhavam e faziam as pirâmides.</p> <p>P: Você achou legal?</p> <p>A: sim</p> <p>P: E por que ao invés de você desenhar uma pessoa, você desenhou a pirâmide?</p> <p>A: Por que as pirâmides foram valorizadas</p> <p>P: Então as pessoas que fizeram as pessoas negras que fizeram não foram valorizadas? Só o que elas fizeram? As pirâmides?</p> <p>A: Sim</p>
V.N.	<p>A: Por que é um sacerdote negro e apanhou por que era de uma cor diferente</p> <p>P: Entendi, e será que isso acontece hoje também?</p> <p>A: Muito!</p> <p>P: Você já viu?</p> <p>A: Um pouco</p> <p>P: E como acontece isso?</p> <p>A: Às vezes, quando tem um negro misturado com gente branca, uma pessoa branca se ofende porque tem um negro junto com o branco. E acaba batendo no negro porque está com um amigo ou familiar. E o negro acaba se ferindo e é isso que acontece.</p>

FONTE: A autora (2019).

A justificativa dada pelo aluno J.B. quando questionado sobre o motivo de desenhar apenas a pirâmide e não os/as negros/as que as construíram, nos reforça a ideia trazida nos relatos dos desenhos anteriores, sobre a necessidade e importância de se trazer nos LDs referências de pessoas negras, bem como sua participação ativa e positiva nas mais diversas fases históricas.

Como foi discutido na análise do desenho produzido, o reconhecimento do Egito como país componente do continente africano é um grande avanço, visto que em algumas práticas escolares, a África ainda é vista como um espaço reduzido muitas vezes reproduzido em discursos com a imagem de um país, sem história, sem história e sem grandes referências na História mundial.

Quando o aluno se refere apenas a parte positiva se referindo à estrutura sem fazer menção as/aos negras/os que construíram, e em seu relato mostrar a consciência da desvalorização da população por ser negra, é mais uma forma de sinalizar a necessidade de inserir a população negra de forma mais valorizada. Trazendo suas benfeitorias e sua contribuição história e social no decorrer da História de forma positiva em seus diversos espaços.

No relato seguinte da aluna V.N., vemos como a representação trazida da população negra nos LDs se relacionam e interfere nas relações sociais dos alunos que ultrapassam o espaço escolar. Por mais que a aluna tenha trazido em seu registro um fato histórico, em seu relato ele traz a relação de poder e desigualdade na relação entre a população branca e a população negra.

A consciência dessas desigualdades e do racismo existente, por muitos anos desde a época da colonização foi tratada “por baixo dos panos”, no entanto, com a atuação cada vez mais presente do Movimento Negro e dos/as intelectuais negros/as na sociedade e nos espaços políticos, trouxeram várias benfeitorias para a população negra, inclusive políticas públicas que asseguraram direitos a essa parte da população que historicamente sofre desigualdades especialmente no que se refere a inclusão em espaços historicamente construídos visando a ocupação por uma elite minoritariamente branca.

Com a mudança desse cenário, e a população negra inserida nos diversos espaços sociais, as denúncias e discussões com relação ao racismo se tornaram mais explícitos e permeiam os diversos espaços, inclusive nas escolas, onde temos um número maior de professores/as e alunos/as negros/as e projetos diversos dentro do que orienta a Lei nº 10.639/03 e as Diretrizes Curriculares para a ERE<sup>6</sup> que permitem trabalhos de conscientização e combate ao racismo, assim como a valorização da história e cultura afro-brasileira, apesar de ainda ser de forma muito sutil, principalmente nos LDs de História.

#### 4.1.5 Personagens negros exercendo profissões

---

<sup>6</sup> Diretrizes Curriculares nacional para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Parecer 03/2004, de 10 de março do Conselho Pleno do CNE, aprovando o projeto de resolução nº 1, de 17 de junho de 2004, destas diretrizes.

IMAGEM 20 - MULHER VENDEDORA NEGRA



FONTE: A autora (2019).

A Imagem 20 traz a imagem de uma mulher negra que exerce a função de vendedora ambulante. No desenho, o aluno fez a imagem de um dia ensolarado, com uma mulher negra, com características negras fortes marcadas pelo cabelo crespo em evidência e vestido com estampas que remetem às roupas típicas da indumentária africana. Porém, em seu semblante, temos uma fisionomia séria e triste. Ao lado direito, um homem compondo o plano de fundo da figura.

A descrição da imagem segue da seguinte forma: “Ela está vendendo peixe e não consegue achar nenhum cliente.” (Descrição fiel ao desenho)

Entendemos então que se trata de uma mulher negra, vendedora ambulante, que tenta vender o produto (peixe) a um cliente e não consegue vender. Ao perguntar na entrevista ao aluno o motivo pelo qual a mulher não consegue vender, o mesmo relata que o homem que compõe o desenho não quis comprar o peixe por ela ser negra, e por esta razão ela estava triste.

Neste tipo de relação da população negra, o aluno traz duas questões a serem analisadas: 1-A representação da mulher negra exercendo uma profissão, no exercício da função; 2-A dificuldade em exercer sua profissão devido a sua cor da pele

preta.

Na primeira questão, podemos interpretar a representação de uma mulher negra em exercício de uma função, uma rememoração positiva, no entanto, questiona-se o tipo de profissão que se associa a população negra, principalmente às mulheres negras, que ocupam ainda nos livros didáticos um espaço muito limitado e estereotipado relacionado a trabalho doméstico e ao esporte, sem fazer nenhum tipo de associação a mulheres que exercem funções que exigem maiores graus de formação, como engenheira, advogada, professora.

No segundo ponto, percebemos ainda o registro do preconceito racial em que o aluno relaciona a representação da população negra com fatos que ocorrem no cotidiano em que negros/as sofrem racismo em seu ambiente de trabalho.

Percebe-se então que apesar de termos uma significativa melhoria com relação a pesquisas anteriores sobre a temática, ainda presenciamos com frequência o registro do preconceito e do racismo associados não apenas a períodos da história, mas também na relação que os alunos fazem com as suas vivências.

Na imagem 21, temos a imagem de uma mulher negra esculpindo um pote de barro e como segue na maioria das imagens anteriores, marcada pelo cabelo negro em destaque – o que representa nesse quesito de representação da estética negra, uma mudança positiva – a identificação com o cabelo crespo e armado.

Como mostra a imagem, a mulher está em um espaço em que exerce sua profissão que remete a bem-estar, com um semblante feliz e satisfeita com sua produção. Neste registro, identificamos como uma representação positiva em que valoriza não apenas a população, mas também a cultura negra através da confecção de potes de barro, artigo artesanal muito produzido em comunidades quilombolas. Ou seja, a rememoração não traz apenas uma imagem positiva da mulher negra, mas também resgata a identidade e a cultura negra.

IMAGEM 21 - MULHER NEGRA ESCULPINDO POTES DE BARRO

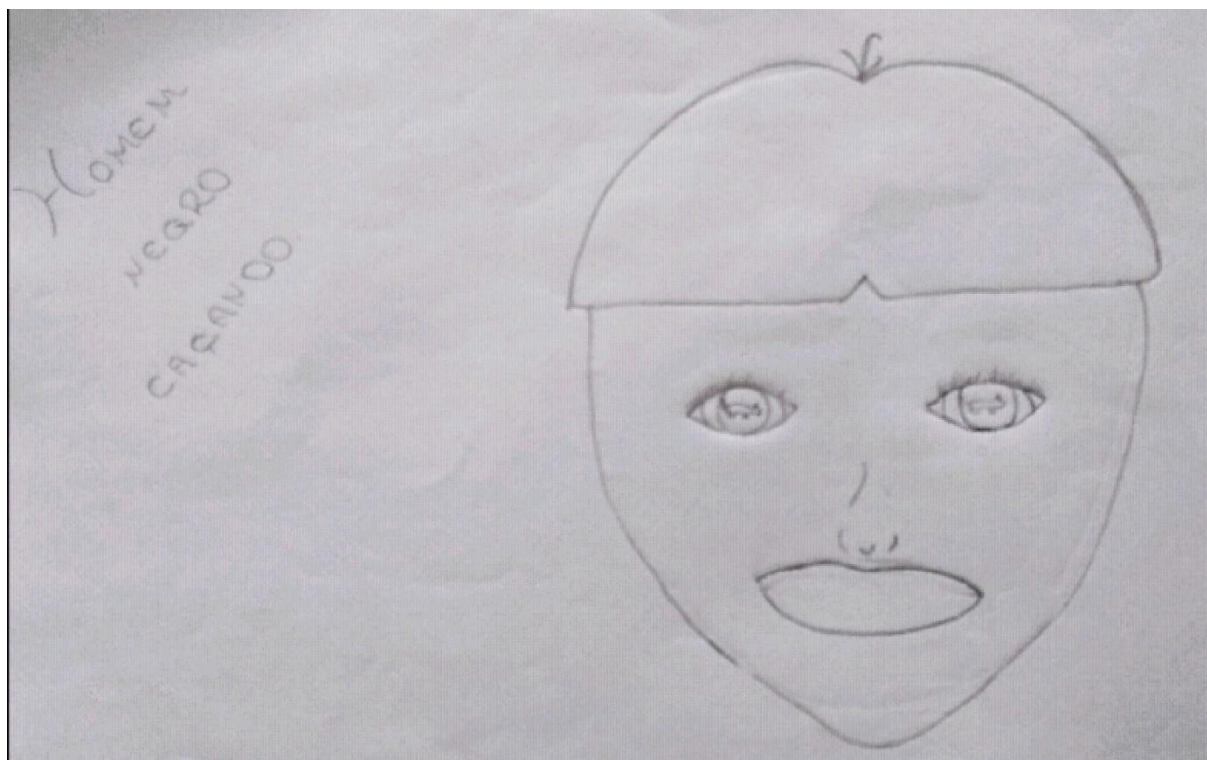


FONTE: A autora (2019).

Na Imagem 22, o aluno traz a sua rememoração da população negra por meio do desenho de um homem em que ele denomina em sua descrição como “homem negro caçando”. Na imagem, o aluno desenha apenas a cabeça do personagem que apesar de não ter nenhuma característica fenotípica mais acentuada da população negra, traz o homem com sorriso, o que mostra satisfação ao caçar.



IMAGEM 22 - HOMEM NEGRO CAÇANDO



FONTE: A autora (2019).

Podemos identificar uma representação positiva por fazer referência a outra função que faz parte, por exemplo, da rotina das comunidades quilombolas.

#### 4.1.5.1 Análise das entrevistas da categoria “Personagens negros/as exercendo profissões”.

QUADRO 7 - SELEÇÕES DE ENTREVISTAS REALIZADAS NA CATEGORIA “PERSONAGENS NEGROS EXERCENDO PROFISSÕES”

Alunos	Justificativas
M.G.	<p>A: Eu fiz o desenho da amiga da minha mãe que estava na rua, mas não conseguia vender por que ninguém gostava dela</p> <p>P: E por que ninguém gostava dela?</p> <p>A: Por que ninguém gostava do cabelo dela e as pessoas se assustavam</p> <p>P: Por causa do cabelo dela? E por que não gostavam do cabelo dela? O cabelo era crespo?</p> <p>A: Sim</p> <p>P: Você já escutou alguém fazendo algum comentário sobre o cabelo dela?</p> <p>A: Sim</p> <p>P: E qual foi o comentário que fizeram?</p> <p>A: Falaram que era muito feia e que ela não deveria aparecer na rua com aquele cabelo, por que ela era muito feia</p> <p>P: E ela era feia por causa do cabelo?</p> <p>A: Sim</p> <p>P: E como você se sentiu ouvindo tudo isso?</p>

Alunos	Justificativas
	A: Me sinto mal porque é amiga da minha mãe. Eu também fico magoado por que eu também tenho o cabelo assim
B.R.	A: É uma mulher afro esculpindo potes de barro, ela ficou marcada por não é só as pessoas brancas que podem fazer coisas assim! Mulheres negras também podem! E porque eu também gostei muito da imagem! P: Como era a imagem? A: Grande e colorida P: Quais são as outras profissões que você já viu a mulher negra exercendo no Livro Didático? Quais a que você gostou e quais você não gostou? Em qual espaço você não gostaria de ver a mulher negra? A: Ela fazendo coisas inadequadas P: Tipo A: com roupas muito curtas
M.B.	P: Fala para mim, por que essa foi a imagem que ficou mais marcada da população negra nos livros didáticos para você A: Porque o professor de história deu uma matéria sobre eles, sobre os índios e sobre o Zumbi dos Palmares. Só que os outros não eram negros, então eu resolvi desenhar ele. Por que eu achei legal, por que ele é negro

FONTE: A autora (2019).

Indícios das discussões feitas nos relatos anteriores são mais evidentes nas entrevistas das duas categorias 5 e 6 que trazem a população negra exercendo funções, inseridas de forma valorativa e de conscientização sobre a necessidade do combate ao racismo.

No entanto, na categoria 5, onde temos negros/as exercendo funções diversificadas, é presente em vários casos o racismo e as desigualdades que se dão no tratamento e no exercício da função devido aos traços fenotípicos negros, principalmente a cor da pele e ao cabelo.

No entanto, em alguns relatos, apesar de registros positivos, trazem o racismo ainda presente nesses espaços.

Na primeira entrevista, a aluna M.G. apesar de registrar a mulher negra no mercado de trabalho, traz elementos importantes para a análise, o qual faz uma associação dos casos de racismo presentes nos LDs de história com um momento que vivenciou e relata seu incômodo com relação a forma que se referem ao cabelo da mulher, por seu cabelo ser igual.

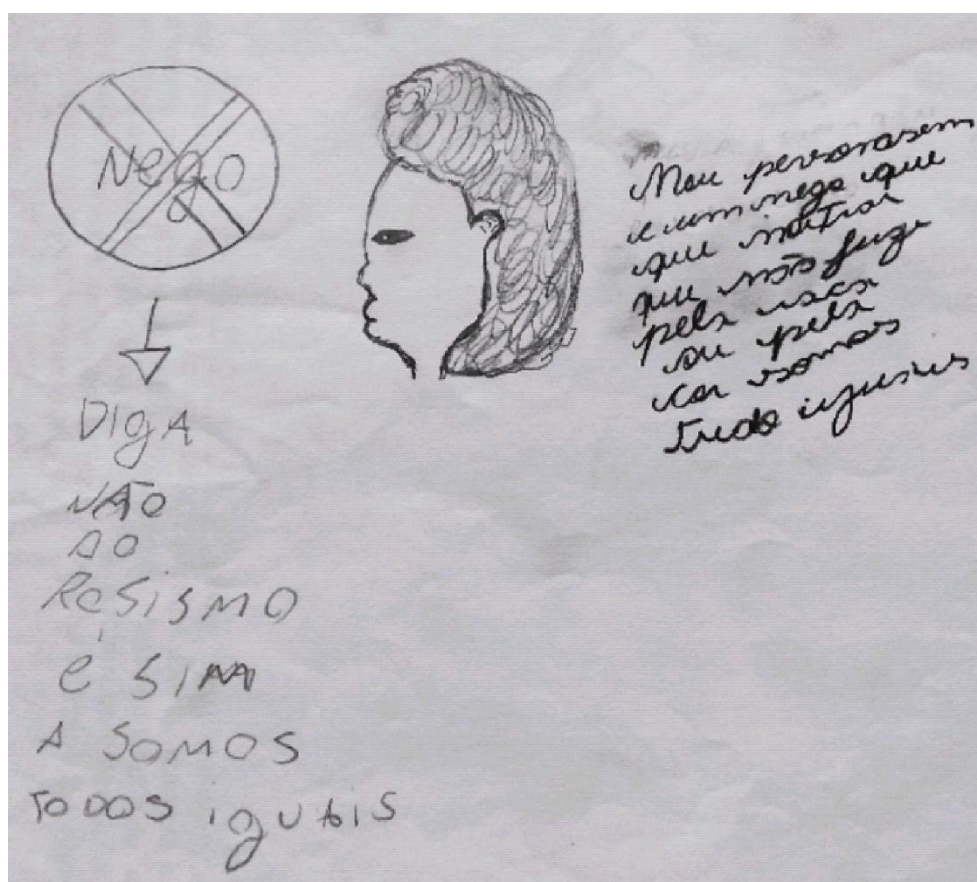
No segundo caso, temos um caso de valorização da mulher e da cultura negra, quando a aluna B.R. registra a mulher negra sorrindo, feliz, com traços fenotípicos negros bem evidentes e trabalhando na construção de artefatos de barro que fazem parte da cultura afro-brasileira. Em sua entrevista, além da justificativa de seu desenho, ainda mostra incômodo ao ver a mulher negra sendo referenciada de forma pejorativa, no caso em especial, a prostituição.



Na entrevista seguinte, o aluno M.B. traz um personagem negro histórico importantíssimo para a história do Brasil e da população negra. Em seu desenho, Zumbi dos Palmares está caçando, o que é uma prática muito frequente nas comunidades afro-brasileira e africanas. Ícone da resistência negra à escravização, Zumbi liderou o Quilombo dos Palmares, é considerado um dos grandes líderes de nossa história. É um dos símbolos da luta contra a escravização e da luta pela liberdade ao culto religioso, e a data de sua morte é lembrado e comemorado em todo o território nacional como o Dia da Consciência Negra.

#### 4.1.6 Valorização da população negra

IMAGEM 23 - ROSTO DE UM HOMEM NEGRO



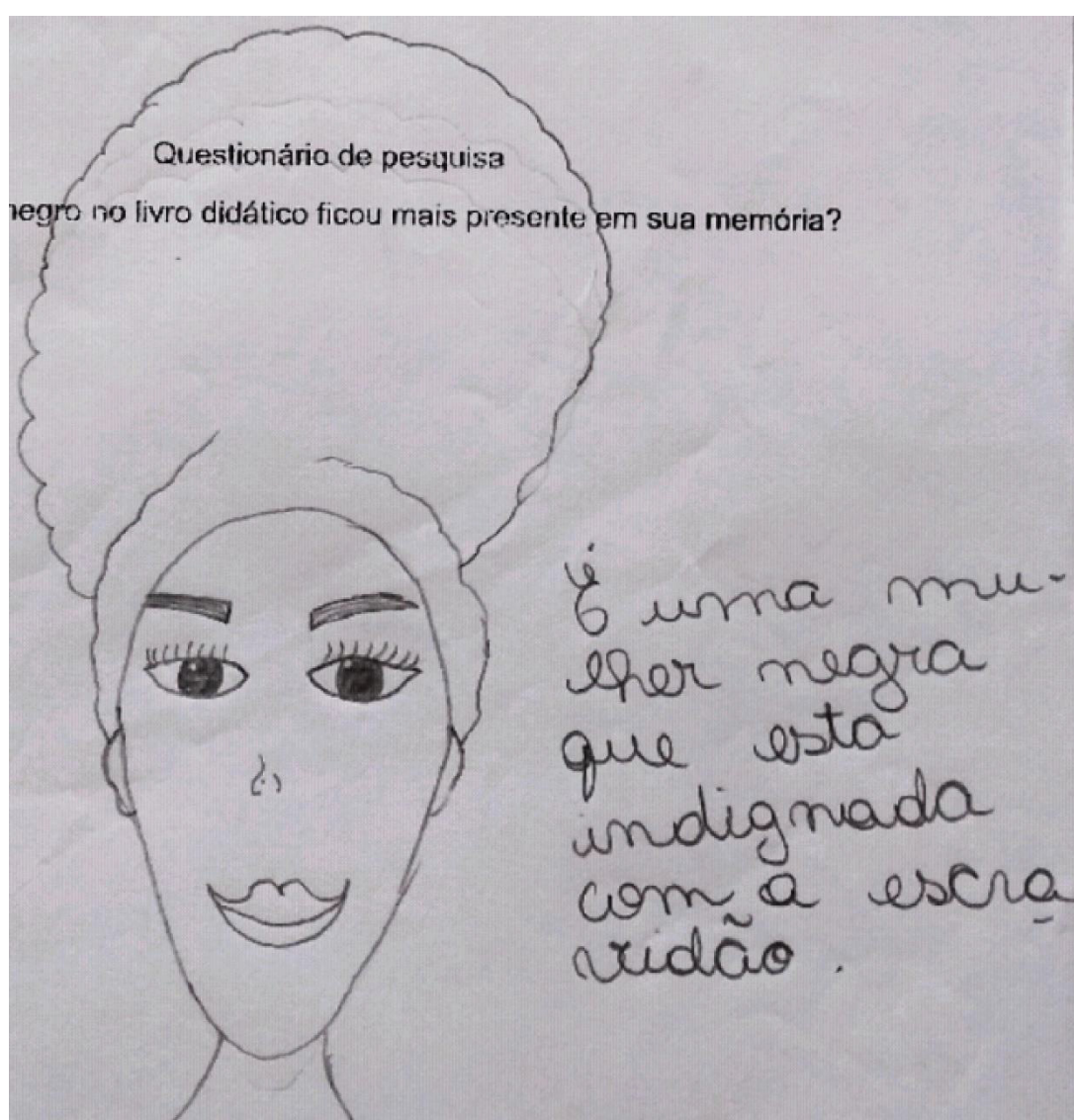
FONTE: A autora (2019).

O aluno traz em seu desenho o rosto de um homem negro com traços fenotípicos fortes não estereotipados mas bem marcados no cabelo crespo armado e na boca com lábios grandes – o que já foi mencionado anteriormente ser uma marca positiva na rememoração de personagens negros/as. Mas a valorização neste registro

não vem apenas por meio do desenho, mas também pela descrição feita em que o aluno diz: “Meu personagem é um nego que mostra que não joga pela raça ou pela cor somos tudo iguais.”; “Diga não ao racismo e sim a somos todos iguais” (Descrição fiel ao desenho).

Ao analisar a descrição apontamos para a forma valorativa em que o aluno traz as relações raciais e a consciência de que existe o racismo e assume uma posição contrária às desigualdades raciais existentes.

IMAGEM 24 - ROSTO DE MULHER NEGRA



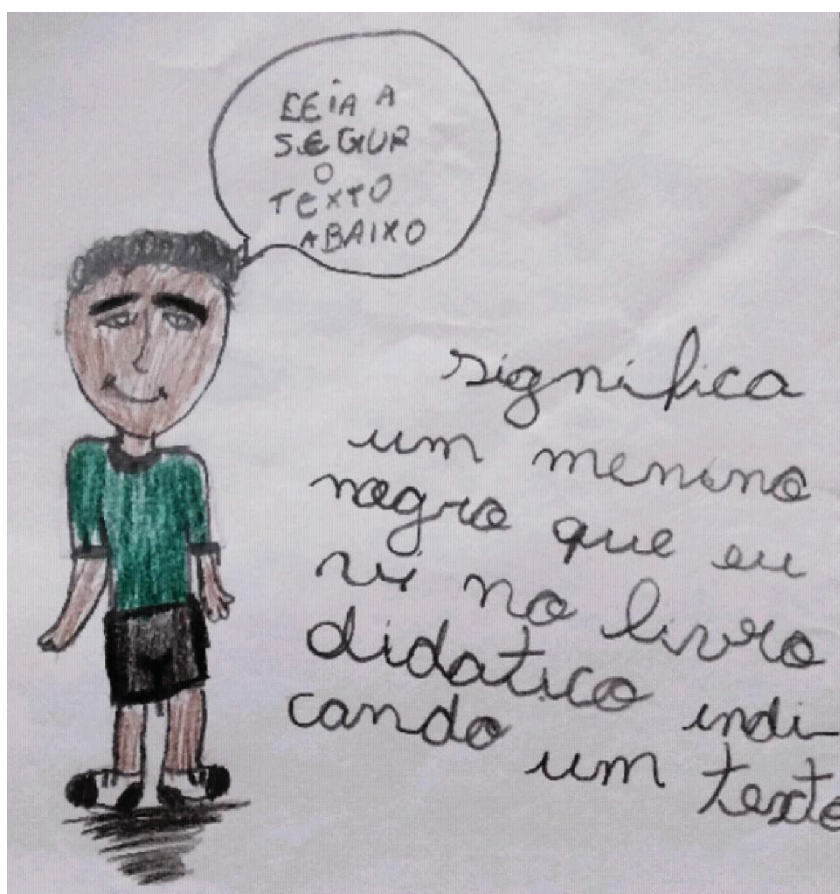
FONTE: A autora (2019).

Na Imagem 24 temos a imagem do rosto de uma mulher negra também com traço fenotípico marcado pelo cabelo crespo solto e os lábios grandes que valorizam a estética negra sem estereotipá-lo. Na imagem, também temos o semblante de uma

mulher feliz apesar da aluna trazer em sua descrição da indignação da personagem como mostra a seguir da seguinte forma: “É uma mulher negra que está indignada com a escravidão.”

Diferente da Imagem 16 em que temos uma mulher com a boca lacrada representando a falta da oportunidade e de espaço de lugar de fala, temos na representação acima (Imagem 24) uma mulher que apesar de indignada, mostra uma feição de felicidade, o que ao relacionarmos com a outra, podemos interpretar como a satisfação por ter direito a voz e ter o direito a se expressar.

IMAGEM 25 - MENINO NEGRO



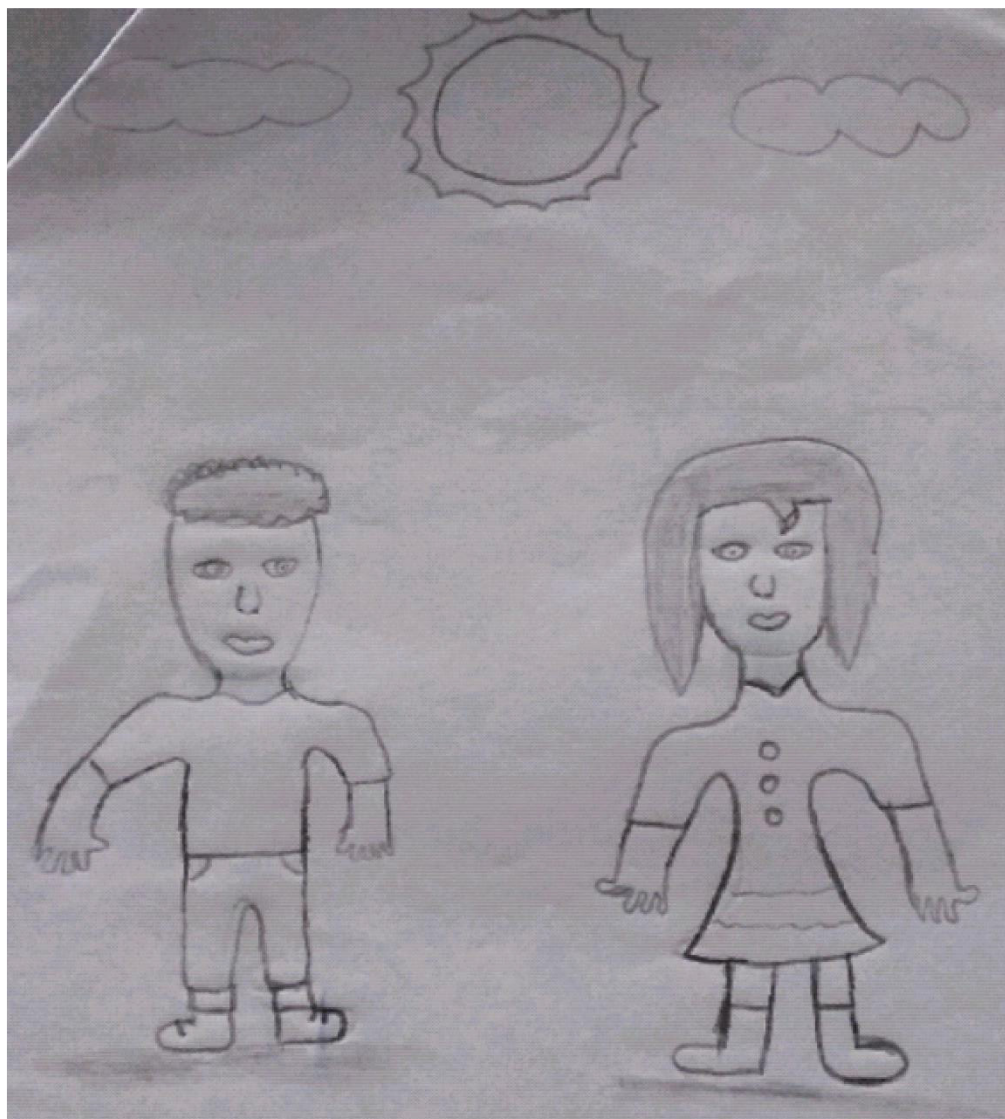
FONTE: A autora (2019).

O desenho do aluno nos mostra a imagem de um menino negro com traços fenotípicos negros marcados principalmente pela cor da pele e pelo cabelo crespo. Também mostra feições de felicidade e de um aluno inserido em espaço escolar fazendo menção a um texto do livro didático, o que indica uma concreta mudança positiva no que diz respeito a inserção de personagens negros/as nos livros didáticos, inclusive nas chamadas de atividade – e ao trazer uma identificação positiva, pode



influenciar não apenas na imagem que se tem da população negra, mas também no desenvolvimento escolar dos estudantes negros.

IMAGEM 26 - DUAS CRIANÇAS NEGRAS



FONTE: A autora (2019)

Na Imagem 26, temos a imagem de duas crianças negras representadas de forma valorizada da população negra. O aluno em seu desenho traz um menino e uma menina negra bem vestidos, sem roupas sujas ou rasgadas, com um semblante feliz, que nos remete a interpretar que estão passeando em um lugar aberto, ensolarado como um parque. Apesar de não ter nenhuma descrição, podemos associar as crianças a uma situação econômica favorável, sem associação ao sofrimento e ao trabalho escravo, o que mais uma vez mostra mudanças positivas nas representações das crianças negras.

#### 4.1.6.1 Análise das entrevistas da categoria “Valorização da população negra”.

QUADRO 8 - SELEÇÕES DE ENTREVISTAS REALIZADAS NA CATEGORIA “VALORIZAÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA”

Alunos	Justificativas
J.H.	<p>A: É uma negra querendo mostrar para todo mundo que ela é igual a todo mundo. E que ele não é menos por causa da raça e por causa da cor.</p> <p>P: E você já viu nos Livros Didáticos imagens assim?</p> <p>A: Sim</p> <p>P: Quais seriam as formas que poderíamos achar dos Livros Didáticos como essa?</p> <p>A: Os desenhos mais bonitos</p> <p>P: E quais foram os desenhos feios que você viu dos negros nos Livros Didáticos?</p> <p>A: Tipo aquelas pessoas que só fazem por fazer para ganhar fama.</p>
R. B.	<p>A: Eu quis desenhar uma mulher negra que estava trabalhando de escrava e ela estava indignada com a escravidão que ela estava vivendo.</p> <p>P: Você acha que as mulheres hoje vivem em uma situação melhor?</p> <p>A: Elas vivem em uma situação melhor hoje, mas em alguns lugares sem ser no Brasil, elas ainda são escravizadas.</p> <p>P: E no Brasil?</p> <p>A: No Brasil eu acho que não tem mais!</p> <p>P: E como você acha que é a situação das mulheres negras hoje no Brasil?</p> <p>A: Não é mais escravidão mas ainda é racismo, por que a gente é morena e sofre racismo em alguns lugares.</p>
P.T.	<p>A: É um desenho do Livro Didático do ano passado, da matéria de português que indicava para ler os textos</p> <p>P: E o que esse menino estava fazendo? Em qual lugar estava?</p> <p>A: Ele estava na beira do rio indicando para ler o livro</p> <p>P: E ele estava feliz?</p> <p>A: Estava</p> <p>P: E tinha mais meninos negros no livro?</p> <p>A: Sim, meninos e meninas</p>

FONTE: A autora (2019).

No caso dos dois primeiros relatos dos alunos J.H e R.B., temos entrevistas bem parecidas no que diz respeito a existência do preconceito contra a mulher negra, do racismo, e um discurso muito forte no sentido de conscientização da necessidade de se combater as diversas formas de desigualdades existentes devido ao preconceito racial.

O último caso também vem ao encontro dos dois primeiros, quando a aluna L.F. relata por seu registro, formas frequentes de vivência do racismo que presenciam no dia a dia e na própria literatura infanto-juvenil que muitas vezes se refere aos/as personagens negros/as de forma pejorativa devido a cor da sua pele.

Já na terceira entrevista, temos um caso positivo que é a inserção de crianças negras como personagens de chamada/enunciado de atividades nos LDs. Por meio do relato do aluno P.T., podemos analisar o quanto é importante a identificação das

crianças e da sua identidade racial com os personagens inseridos, não apenas nas referências históricas (no caso dos LDs de História), mas também nos diversos espaços desse material, inclusive quando esses/as personagens aparecem com feições de felicidade e em lugar de igualdade com crianças de outras cores/etnias, fazendo as mesmas coisas.

Em todas as entrevistas, verificamos por meio das falas dos/as alunos/as, o reflexo e a importância da atuação das lideranças negras na sociedade brasileira, que por meio das diversas intervenções sociais, inclusive legais, políticas e educacionais, permitiram ações educacionais, que apesar de ainda serem frágeis, são concretas, que permitem tanto aos/as profissionais da educação quanto aos/as alunos/as terem acesso a uma efetiva Educação das Relações Étnico-Raciais que valorizam a população negra e a cultura afro-brasileira e africana como maior forma de combate ao racismo.

#### **4.2 Ideologia e discurso: o estudo da forma simbólica no estudo de Thompson**

Para realizar a pesquisa, utilizamos como base a metodologia da Hermenêutica de Profundidade proposta por Jhon B. Thompson no ano de 1995, na obra *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Sendo assim, estudamos a forma simbólica seguindo o mesmo padrão utilizado em pesquisas anteriores do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros/ UFPR utilizando da concepção de Thompson de que as formas simbólicas são construções reconhecidas socialmente como significativas, podendo ser linguísticas ou mistas (SILVA, 2018). Na atual pesquisa, as formas simbólicas são as imagens e os discursos dos LDs, os desenhos elaborados pelas crianças e o discurso das crianças negras em suas entrevistas.

Nesta perspectiva, Thompson formula seu próprio conceito de ideologia a qual é entendida como formas simbólicas que podem servir para estabelecer e sustentar relações de poder sistematicamente desiguais, criando relações de dominação e dentro deste contexto, a dissertação foi desenvolvida por meio da análise de modos de operação e estratégias ideológicas que atuam na produção e reprodução de hierarquizações étnico-raciais (SILVA, 2018).

Voltado ao estudo da proposta metodológica de crítica à ideologia, Thompson elaborou um quadro com cinco modos gerais de operação da ideologia denominados:



legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação, o qual foi adaptado por SILVA (2018) e se apresenta da seguinte forma:

QUADRO 9 - MODOS GERAIS E ESTRATÉGIAS DE OPERAÇÃO DA IDEOLOGIA

Modos Gerais	Estratégias típicas de construção simbólica
<p>Legitimação: formas simbólicas são representadas como justas e dignas de apoio, isto é, como legítimas.</p>	<p>Racionalização: cadeia de argumentos racionais que justificam as relações, tendo como objetivo a obtenção de apoio e persuasão.</p> <p>Universalização: interesses de alguns são apresentados como interesses de todos.</p> <p>Narrativização: o presente é tratado como parte de tradições eternas, que são narradas com o objetivo de mantê-las.</p>
<p>Dissimulação: formas simbólicas são representadas de modos que desviam a atenção. Ocultação, negação, negação ou obliteração de processos sociais existentes.</p>	<p>Deslocamento: transferência de sentidos, conotações positivas ou negativas, de pessoa ou objeto a outro/a.</p> <p>Eufemização: ações, instituições ou relações sociais são referidas de forma a suavizar suas características e estabelecer valoração mais positiva.</p> <p>Tropo: uso figurativo das formas simbólicas.</p> <p>Sinédoque: tropo caracterizado pelo uso do todo pela parte, do plural pelo singular, do gênero pela espécie, ou vice-versa.</p> <p>Metonímia: tropo caracterizado pelo uso de atributo ou característica de algo para designar a própria coisa.</p> <p>Metáfora: tropo que consiste na aplicação de termo ou frase a outro, de âmbito semântico distinto.</p> <p>Silêncio: ausência ou falta no discurso que atua ativamente para construir sentidos (SILVA, 2012).</p>
<p>Unificação: construção de identidade coletiva, independente das diferenças individuais e sociais.</p>	<p>Padronização: as formas simbólicas são adaptadas a determinados padrões, que são reconhecidos, partilhados e aceitos.</p> <p>Simolização da unidade: símbolos de unidade, de identidade e de identificação coletivos são criados e difundidos.</p>
<p>Unificação: construção de identidade coletiva, independe das diferenças individuais e sociais.</p>	<p>Padronização: as formas simbólicas são adaptadas a determinados padrões, que são reconhecidos, partilhados e aceitos.</p> <p>Simbolização da unidade: símbolos de unidade, de identidade e de identificação coletivos são criados e difundidos.</p>

Modos Gerais	Estratégias típicas de construção simbólica
<p>Fragmentação: segmentação de grupos ou indivíduos que possam significar ameaça aos grupos detentores de poder.</p>	<p>Diferenciação: ênfase em características de grupos ou indivíduos de forma a dificultar sua participação no exercício de poder.</p> <p>Expurgo do outro: construção social de inimigo, a que são atribuídas características negativas, ao qual as pessoas devem resistir.</p> <p>Estigmatização: “a desapropriação de indivíduo (s) ou grupo (s) de sua humanidade pela valorização de uma deficiência ou corrupção de alguma condição física, moral ou social” (ANDRADE, 2001, p. 107-108).</p>
<p>Reificação: processos são retratados como coisas. Situações históricas e transitórias são tratadas como atemporais, permanentes, naturais.</p>	<p>Naturalização: fenômeno social ou histórico é tomado como natural e inevitável.</p> <p>Eternalização: fenômeno social ou histórico é considerado como permanente, recorrente ou imutável.</p> <p>Nominalização: transformação de partes de frases ou ações descritas em nomes, ou substantivos, atribuindo-lhes sentido de coisa.</p> <p>Passivização: uso de voz passiva que leva à retirada de sujeitos das ações.</p>
<p>Banalização: “diluição” da realidade ou da importância do tema, induzindo à conformidade e ausência de reflexão crítica (GUARESCHI, 2000, p.321 – 325).</p>	<p>Divertimento: por meio do cômico, desvia-se a atenção de problemas fundamentais para assuntos secundários, ou para situações triviais ou ridículas.</p> <p>Fait-Divers: “um fato diverso”, ou seja, desvio do assunto, reorientando o foco para direção diversa, forma de lidar com a informação de maneira sensacionalista, perpetuando seu valor emocional.</p> <p>Ironia: consiste em dizer o contrário do que se pensa, deixando intencionalmente uma lacuna entre o explícito o implícito (seu contrário).</p>

FONTE: Adaptado de Thompson (1995, p. 80-89), com aportes de Guareschi (2000, p.321-325), Andrade (2001, p. 107-108) e Silva (2012).

Entre os modos e estratégias apresentados, encontramos alguns que apresentam explicitamente no discurso, principalmente nas imagens dos LDs:

Legitimação: Percebemos neste caso, a Racionalização e a Narrativização muito presente nas diferentes formas de representação entre a população branca sobreposta a população negra, restringindo os/a negros/as apenas a espaços

relacionados a pobreza.

Dissimulação: O Silêncio se torna uma estratégia constante em todo o material didático, não inserindo discursos de valorização a população negra e a cultura afro-brasileira e africana.

Unificação: A Padronização também se torna uma estratégia fortemente usada ao inserir de forma constante a população negra a pobreza e todos os outros contextos, padronizados a população branca.

Fragmentação: Junto com a Unificação, a Diferenciação de espaços também é frequente ao trazer os negros associados a espaços limitados, sem participação no exercício do poder, principalmente no que se refere ao contexto familiar e profissional.

Com base na Hermenêutica da Profundidade, Thompson propõe a discussão de aspectos específicos da produção e transmissão das formas simbólicas dentro da comunicação de massa, considerando duas características: 1- os ouvintes não estão presentes no local de produção e transmissão ou difusão da produção das formas simbólicas; 2- a capacidade das mensagens intervirem no processo comunicativo de forma limitada. Estas são características que fomentam a discussão do autor sobre o Enfoque Tríplice, que é responsável por analisar as formas simbólicas mediadas pelos meios de comunicação (ARAUJO, 2018). Neste caso, o livro didático.

Dessa forma, se divide em: 1- Produção e transmissão ou divisão das formas simbólicas; 2- Construção da mensagem dos meios de comunicação; 3- Recepção e apropriação dos meios comunicativas.

Neste caso específico de análise, nos ataremos aos dois últimos enfoques que se tornam fundamental para a análise da construção da imagem da população negra nos LDs. Mas concordamos com Araujo (2018) ao citar a autora Fulvia Rosemberg, que as influências ideológicas persistem em operar de forma a produzir nos meios de educação de massa, uma bipolarização “dominador – dominado”, relegando a criança a um espaço menor no que se refere às relações raciais. E que a desigualdade na caracterização de personagens negras em relação a brancas, reforçada pela estereotipia e manifestações racistas, fazem assim como na literatura, o LD um dos maiores fomentadores do preconceito racial no Brasil.

Com relação a “*Construção da mensagem dos meios de comunicação*”, conforme citado anteriormente, temos uma vasta referência bibliográfica que nos indicam os mesmos resultados, apesar de políticas públicas que orientam a valorização da população negra nos materiais didáticos, uma sistemática

hierarquização racial entre a população branca com relação a população negra, onde a primeira é imposta como padrão de humanidade a ser seguido e como referência nos diversos espaços. No entanto, a população negra ainda assume espaços limitados, muitos deles de desvalorização e pejorativa.

Apesar de termos mudanças sutis como a ausência da população negra inserida em um tempo histórico colonial em que os/as negros/as eram escravizados, criam-se novas formas de estereotipar a população negras, como podemos ver nas imagens acima onde os negros/as não estão inseridos no contexto familiar e em profissões que exigem alto nível de escolaridade. Essa é uma forma sistemática de delimitar espaços por cor-etnia em que seus personagens assumem funções diferenciadas sobrepondo uns sobre outros pela raça<sup>7</sup>.

Referente a *Recepção e apropriação dos meios comunicativas*, percebemos que a hierarquização racial imposta nos LDs refletem diretamente no imaginário das crianças negras e na representação da população negra das mesmas.

Percebe-se que o contato com materiais didáticos que trazem durante toda a sua trajetória escolar, inserindo a população negra em espaços limitados de escravidão e de pobreza, ainda se mostram muito forte para as crianças ao analisar os desenhos produzidos, e em seus discursos, notamos a insatisfação com esta representação limitada e estereotipada, apresentando uma conscientização com relação a necessidade de apresentação dos/as negros/as em espaços diversificados e valorizados. Em alguns desenhos, se mostra nítido quando retratam o preconceito racial e em outros com pessoas negras com traços fenotípicos bem específicos da população negra de forma positiva. Podemos assim, comparando a pesquisa de Teixeira (2006), associar estas mudanças de discurso e de captação desses conteúdos, como uma sutil mudança nos materiais reflexo de políticas públicas que proporcionaram a essas crianças que pudessem entender o racismo com um outro olhar, pois elas sabem da existência das desigualdades raciais, do preconceito racial, mas não trazem um discurso conformado, e em suas falas demonstram a vontade da mudança desse tipo de representação.

---

<sup>7</sup> O conceito “raça” é utilizado em contexto social para fazer menção a população negra que socialmente ainda é invisibilizada e tratada como minoria em direitos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para tecer algumas considerações de síntese desta dissertação retomamos a pergunta central da mesma: Qual a representação da população negra inserida nos Livros Didáticos foi mais presente na memória dos/as alunos negros/as?

A resposta a esta questão central está sintetizada nestas considerações finais, como também optamos por dar ênfase em comparações com a pesquisa de Teixeira (2006) e também na pesquisa de Oniesko (2018) em função da mesma ter escutado alunos/as de ensino fundamental sobre a mesma temática, relações étnico-raciais em discursos de livros didáticos. Também em função dos objetivos específicos traçados para a pesquisa, entre os quais a análise comparativa de dados com o estudo de Teixeira (2006) e a discussão sobre permanências e mudanças nas representações apresentadas por alunos/as negros/as em relação a imagem de negros/as em livros didáticos.

Seguindo a metodologia de Teixeira (2006), foram analisadas as imagens do Livro Didático do 6º ano do Ensino Fundamental utilizado pelos alunos naquele período e as imagens produzidas por alunos/as negros/as que rememoraram estereótipos apresentados pelos LDs.

Nas imagens do LD de História, diferente dos resultados encontrados por Teixeira (2006) e Oniesko (2018) que encontraram predominantemente representações de pessoas negras associadas a escravidão, não foi encontrada nenhuma imagem relacionada a escravidão, sequer menção a tal período. No entanto, o material didático analisado é permeado de outras representações estereotipadas, e assim como aponta a autora, nenhuma imagem traz a contribuição dos/as negros/as para arte, no setor econômico, filosófico, estético e político para a sociedade brasileira. Entre as imagens analisadas, encontramos primeiramente, uma permanência da sub-representação da população negra, apresentando um número maior de personagens brancos independente da etapa de vida e os/as negros/as em espaços sociais limitados, em sua maior parte relacionados/as a pobreza e trabalhos que não exigem alto grau de escolaridade. Inclusive os espaços culturais e ambientes de lazer, eram ocupados por uma população majoritariamente branca, nos quais os/as negros/as eram inseridos sem nenhum tipo de protagonismo. Resultado semelhante também foi encontrado por Teixeira (2006) e Oniesko (2018), o qual associam a um movimento do grupo branco dominante em manter a ordem vigente que estabelece

o/a branco/a como superior. Oniesko (2018) aponta a naturalização de uma liderança branca como estratégia que faz parte da construção da ideia de uma hegemonia racial branca. Essa hegemonia é uma forma de poder baseada na liderança do grupo branco que dá a esses um suposto poder impondo aos outros um consentimento generalizado, natural e inevitável. Nesse sentido é assertiva quando afirma que essas permanências, essas características fenotípicas estereotipadas, demarcam as fronteiras da circulação e os posicionamentos sociais, se tornam referência na forma de representação delimitando espaços desiguais e hierarquizados entre as populações negra e branca, o que reforça discursos preconceituosos e um imaginário equivocado de inferiorização do primeiro grupo em relação ao segundo. Dentro deste contexto, o LD além de não contribuir para a afirmação da identidade racial da criança negra, a fragiliza, pois os/as estudantes negros/as internalizam uma representação estereotipada que subalterna a identidade negra - o que pode causar, inclusive, a negação do seu pertencimento racial.

Podemos observar este comportamento no discurso dos/as estudantes quando questionados sobre a sua identidade racial. Ao serem perguntados/as como se reconhecem racialmente, muitos se sentem incomodados em utilizar o termo “negro/a”, utilizando de outras nomenclaturas para se referir a sua cor/etnia, apesar de a maioria afirmar serem felizes e terem orgulho de sua identidade social como negro ou negra.

Apesar da ausência do/a negro/a associado/a ao período da escravidão no LD analisado, a imagem da população negra escravizada ainda permanece no imaginário de alguns/as alunos/as negros/as que reproduziram em seus desenhos, pessoas negras sendo chicoteadas e sofrendo violências cometidas na época colonial. Essa, com certeza é o maior indicativo de permanência de alguns tipos de representações estereotipados e pejorativos à população negra já indicados na pesquisa de Teixeira (2006), que são reforçados até os dias atuais. Como explica, utilizando o pensamento do autor Cunha Júnior, diante da imposição de uma cultura branca dominante, a população negra é invisibilizada e sua cultura desqualificada, e a imagem desses fica associada apenas ao trabalho braçal, seus corpos são reduzidos a máquinas de produzir trabalho, excluindo-os do horizonte do ser produtor de novos pensamentos. Esse tipo de representação, bem como o apagamento da identidade negra enquanto integrante da constituição social brasileira, junto com a associação da sua imagem relacionada a comportamentos de subordinação e



submissão, pode configurar como parte do processo de exclusão do aluno negro do ambiente escolar (ONIESKO, 2018).

Ainda sobre o LD, apontamos ainda como permanência, comparando com a pesquisa de Teixeira (2006), a ausência do negro ocupando papel de destaque na vida social, no ambiente familiar ou escolar – o que se constata quando vemos em todo o LD de História que era usado na escola em 2018. O lugar do negro ainda foi demarcado como da pobreza e falta, a criança negra em destaque quando está em uma fila de doação de mantimento e fazendo malabarismo no sinaleiro para conseguir dinheiro. No que diz respeito ao trabalho, temos apenas o negro ocupando espaços e cargos que não exigem alto nível de escolaridade, exercendo geralmente trabalhos manuais (principalmente relacionado a mulher negra). Na área do esporte, que diversas pesquisas apontam como um espaço possível de destaque de pessoas negras devido a associação a corpo e força e não ao intelecto, também só é identificado um caso de uma mulher negra paratleta.

Nas representações em desenho sobre suas lembranças sobre o negro a partir de livros didáticos discursos de alunos/as coletados o atletismo foi um dos temas relatado. Ao justificar o desenho do atleta Bolt, em entrevista, o aluno afirma ficar feliz em ver a imagem de um homem negro vencendo, se destacando por sua profissão. Essa afirmativa, confirma o desejo dessas crianças em se verem nas ilustrações de formas mais variadas que as valorizem dentro da diversidade que estão inseridas. Este resultado é um dos que diferem a representação por estudantes de nossa amostra, cujas temáticas foram mais amplas em comparação com aquelas analisadas por Teixeira (2006).

Outra mudança que captamos no livro e expressa num dos desenhos é o reconhecimento do Egito como pertencente ao continente africano. Uma das críticas realizada ao longo do tempo é que a História da África não era trabalhada nos conteúdos e que o Egito muitas vezes aparecia mas não era discursivamente situado no continente africano. A mudança observada foi que em várias imagens do LD, ao fazer menção a cultura egípcia, associa o conteúdo a ilustrações com pessoas negras. Importante em especial foi que para um de nossos/as informantes este foi selecionado como forma de representação do negro constante no livro didático.

Com relação ao discurso dos/as estudantes negros/as, temos algumas variedades nos registros pictográfico e nas entrevistas que se faz relevante serem apontadas. Apesar de não termos a inserção no LD do negro associado ao período

da escravidão, nos registros pictográficos produzidos pelas crianças, eles aparecem em número significativo, apresentando homens e mulheres negras escravizadas, tristes, chorando, em situação de submissão e violência. Podemos inferir que os discursos sociais que circulam e atingem os estudantes da amostra, continuam situando o negro no espaço da escravidão, de forma forte o suficiente para que, mesmo num ano em que a escravidão não aparece no livro didático, figurar como escolha de estudantes para representar o negro a partir de suas lembranças dos discursos dos livros. Aqui uma mudança em relação aos dados de Teixeira (2006) pela perda de intensidade desta representação.

Também aparecem nos desenhos, representações associadas ao preconceito racial, que se caracterizam como uma permanência, mas acompanhados de discursos de reconhecimento do racismo enquanto crime – o que podemos apontar como uma mudança, possivelmente reflexo de possíveis alterações em materiais didáticos que exploram o tema dentro das orientações trazidas pelo Art. 26 da LDB e a exploração da mídia e redes sociais no sentido de valorizar a população e a estética negra.

É possível notar também, que por várias vezes alunos/as negros/as trazem a representação da população negra estereotipada encontrada no LD, associada a fatos do cotidiano, relacionando com pessoas da sua vivência, principalmente em casos de racismo ou desigualdade social relacionada ao preconceito racial. Nesses relatos, permanecem nos discursos a ânsia dos/as estudantes em se verem representados nos materiais de uma forma valorizada, ou assumirem os discursos suas vivências “normais” como crianças, sem serem estigmatizados, interagindo com outras crianças e presenciando adultos negros atuando nos diversos espaços sociais.

Além desses relatos que reivindicam melhorias, temos também registros pictográficos que trazem a população negra valorizada pelo seu fenótipo, valorizando o colorido e principalmente as mulheres negras no exercício de alguma função. Destacam os traços negros e elementos da cultura afro-brasileira e africana, como as vestimentas e as pinturas faciais. Estas representações são novidade relevante, especialmente se comparados com as representações e entrevistas do estudo de Teixeira (2006). Podemos apontar como uma possível mudança relacionada ao processo de ensino de história e cultura afro-brasileira com impacto na identidade social negra.

Outro ponto relevante de mudança encontrado em relação ao resultado da

Teixeira (2006) e Oniesko (2018) foram os menos acentuados relatos de alunos/as negros/as entrevistados que sofrem preconceito racial na escola. A maioria deles, quando perguntados, afirmam que vivem de forma harmoniosa com os/as demais alunos/as e em conversas informais com os funcionários da escola. Alguns relataram que a instituição tem feito trabalhos de conscientização e combate ao racismo acompanhado de atividades de valorização da cultura afro-brasileira e africana. Esse é um ponto considerado positivo e fundamental dentro do ambiente escolar, pois o comportamento dos professores, o currículo e os livros didáticos podem refletir de forma positiva ou negativa diante, comprometendo ou não no desempenho da personalidade de crianças negras e/ou contribuindo ou não para a formação de crianças preconceituosas.

No entanto, apesar de diversos/as estudantes manterem um discurso de valorização da identidade e dos traços fenotípicos negros, os casos de xingamentos preconceituosos e racismo permanecem recorrentes na vivência das crianças negras dos portões da escola para fora. Os resultados encontrados por Teixeira (2006) e Oniesko (2018) ainda continuam atuais e foram demonstrados pelas crianças negras não apenas no desenho, mas nas entrevistas, algumas vezes em casos que participaram, ou alguns que fazem parte cotidiano com pessoas próximas. Em alguns dos casos, denunciam inclusive casos de desigualdade racial no mercado de trabalhos.

Outro dado que se manteve foi a invisibilidade das religiões de matriz africana em todo o material analisado. O LD faz menção apenas a religiosidade cristã explorando vários valores destas em quase a totalidade dos conteúdos. Situação preocupante diante da realidade social atual, pois é uma estratégia que fortalece discursos racistas e práticas de racismo religioso principalmente dentro das escolas.

A população indígena foi representada dentro do contexto cultural mas não apresenta de forma valorizada e sempre equiparando a tradições brancas-européias, trazendo uma ideia de primitivo do primeiro grupo em relação ao segundo.

A presente pesquisa, traz um novo panorama no que se refere aos estudos da representação da população negra nos LDs, e principalmente no discurso dos/as estudantes negros com relação ao seu grupo racial. No entanto, alguns resultados infelizmente ainda permanecem.

Temos ainda a permanência da representação da população negra associadas a dor, sofrimento e pobreza, que como pode se constatar nas entrevistas,

não passam despercebidos pelas crianças negras, causando sentimentos negativos de indignação e tristeza principalmente. Mesmo que, em nenhum momento, a população negra apareça no LD de História associado ao período de escravidão esta representação permaneceu no repertório das/os alunas/os negras/os entrevistadas/os.

Infelizmente, a imposição de uma hierarquia racial permanece nos materiais didáticos e é sentido pelas crianças negras na sala de aula, as quais se incomodam com a invisibilidade da população negra ou da cultura afro-brasileira e africana. A população negra ainda continua sendo estereotipada no LD, porém percebemos que a alteração do Art.26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, juntamente com políticas públicas de valorização da população negra, já refletiram na vivência das crianças e refletindo na identidade dos/as alunos/as negros/as.

Apesar das permanências, temos dados dos registros pictográficos e do próprio discurso das crianças negras muito mais diversificado, diferente dos resultados analisados por Teixeira (2006) e Oniesko (2018) que tiveram apenas relatos da população negra apresentada apenas como mão de obra escrava e desprovidos de dignidade humana. No entanto, assim como relata Teixeira (2006) em seu estudo, os/as alunos apresentam e reclamam de situações em que se deparam com conflitos étnico-raciais vivenciados no cotidiano, porém com um discurso consciente e empoderado do seu pertencimento racial e da necessidade do combate ao racismo.

Na replicação da pesquisa de Teixeira (2006) percebemos ainda a imposição de uma hegemonia branca, trazendo a população branca e a cultura eurocêntrica como referência e padrão de humanidade. Apesar da ausência da população negra associada a escravização, os/as negros são inseridos em espaços estereotipados e limitados – principalmente nos espaços sociais, sem assumir papéis de protagonismo ou referência nos mercados de trabalho, nos espaços artísticos e da cultura afro-brasileira e africana.

Já nas representações em desenhos e entrevistas, percebemos mudanças significativas nas imagens e no discurso das crianças negras, mostrando uma variedade de representatividade, muitas vezes relatando situações de racismo presenciado mas de uma forma empoderada e valorizada da população negra e do pertencimento racial.

As pessoas negras aparecem nos desenhos ocupando espaços sociais variados, alguns ainda estereotipados, mas em outros exercendo profissões,

valorizando a cultura afro-brasileira e no ambiente escolar.

Porém, ao serem perguntados sobre como se sentem ao verem as ilustrações da população negra nos LDs, ainda mostram desconforto, angústia e tristeza ao se verem representados de forma pejorativa e em espaços limitados e desqualificados.

Diante desse novo panorama, ainda nos deparamos com situações que precisam ainda ser pensadas e revistas no espaço escolar. Com a alteração da LDB pelas Leis nº 10.639 e nº 11.645, presenciamos discursos diversificados mas que ainda denunciam o racismo em vários momentos do dia a dia das crianças negras. Elas se mostram conscientes das práticas preconceituosas e incomodadas. No entanto, como já indicavam os estudos de Teixeira (2006) e Oniesko (2018), apesar de práticas escolares de valorização da cultura afro-brasileira, ainda existe um silenciamento nas escolas e a ausência de um acompanhamento mais presente das práticas e discursos racistas, inclusive nos materiais didáticos utilizados no ambiente escolar. Pois as imagens estereotipadas e pejorativas, reforçam a negação da identidade racial, a prática racista e o imaginário equivocado de soberania de um grupo racial branco sobre a população negra. Para isso, é necessário que tenhamos em sala de aula, professores/as com formação adequada para que efetivamente seja implementada o Art.26 da LDB e que diante de materiais com conteúdo preconceituoso ou que traz a diversidade de forma estereotipada.

Como alertam diversas pesquisas sobre as práticas pedagógicas com relações étnico-raciais na escola, observa-se que a maior dificuldade está na execução da proposta no que orienta a Lei. Por utilizarem por muitas vezes de práticas isoladas de formação, os projetos das escolas terminam por não atuar como molas propulsoras de alterações, no que se refere ao trato com a diferença, nem obtêm êxito na implantação de uma educação antirracista, que fortaleça a autoestima dos estudantes negros/as e que possa levar todos os estudantes à compreensão da diversidade cultural do Brasil.

De modo geral, a interpretação da Lei e dos objetivos das políticas de reparação, reconhecimento e valorização da história e cultura afrodescendente no Brasil, não foram atribuídos sentidos que viabilizassem a materialização de práticas pedagógicas consistentes – o que acarreta em professores desmotivados, carência de material didático, silenciamento e apagamento das situações de racismo e discriminação presente na escola, não contribuindo para a compreensão da diversidade étnico-racial brasileira e para a necessidade de a diferença e sua riqueza

serem incorporadas aos conteúdos e práticas da escola (SOUZA; PEREIRA, 2013).

Partindo dos levantamentos realizados em sua pesquisa, Gomes e Jesus (2013) afirmam que um dos problemas principais é a ausência de uma uniformidade no processo de implementação nos sistemas de ensino e nas escolas públicas. O caráter emancipatório da obrigatoriedade do ensino de História e Cultura afro-brasileira e africana tem contribuído para legitimar as práticas, explicitar divergências, desvelar imaginários racistas presentes no cotidiano escolar e trazer novos desafios para a gestão dos sistemas de ensino, para as escolas, para a política educacional. Porém, é necessário enfatizar que um projeto de educação para a igualdade racial e de gênero, é condição básica para a consolidação dos direitos humanos, bem como para o desenvolvimento de uma sociedade democrática.



## REFERÊNCIAS

ARAUJO, D. O. Análise de discursos ideológicos: a atuação do Enfoque Tríplice de Thompson. *In: Racismo, discurso e Educação: estratégias ideológicas*. Curitiba: Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros/UFPR, 2018, p. 39-78.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer 003/2004**. 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei Federal nº10.639/03**. 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei Federal nº11.645/08**. 2008.

CAVALLEIRO, E. **O combate ao racismo e ao sexismo como eixos norteadores das políticas de educação**. 2005. Disponível em: [www.dhnet.org.br/educar/1congresso/042\\_congresso\\_eliane\\_cavalleiro.pdf](http://www.dhnet.org.br/educar/1congresso/042_congresso_eliane_cavalleiro.pdf) Acesso em: 24/07/2019

COELHO, W. N. B.; COELHO, M. C. Os conteúdos étnico-raciais na educação brasileira: práticas em curso. **Educar em Revista**, n. 47, Curitiba/PR, p. 67-84, 2013.

DU BOIS, W. E. B. As almas do povo negro. **Revista Atlantic Monthly**, Boston, EUA, 1903.

EVARISTO, C. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. *In: Anais (...) do IV CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES NEGROS*. 13 a 16 de setembro de 2006, Salvador.

GARCIA, T. M. F. B. Os livros didáticos na sala de aula. *In: GARCIA. T.M.F.B; SCHIMIDT, M.A; VALLS, R. (org.). Didática – História e manuais escolares: contextos Ibero-americanos*. Rio Grande do Sul: UNIJUÍ, 2013.

GOMES, N. L. G.; JESUS, R. E. As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva de Lei 10.639/2003: desafios para a política educacional e indagações para a pesquisa. **Educar em Revista**, n. 47, Curitiba/PR, p. 19-33, 2013.

HOOKS, B. **Vivendo de amor**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/> Acesso em: 15/12/2019.

MARÇAL, J. A. Política Pública de ação afirmativa para negros no Brasil. *In: Curso EAD de qualificação profissional em Educação das Relações étnico-raciais*. Livro 2. Curitiba: UFPR, 2013.

MATHIAS, A. L. **Relações raciais em Livros Didáticos de Ciências**. 2011. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

MULLER, T. M. P. Livro didático, Educação e Relações Étnico-raciais: o estado da arte. **Educar em Revista**, vol. 34, n. 69, Curitiba/PR, p. 77-95, 2018.

NASCIMENTO, S. **Políticas de Ensino Religioso e educação das relações étnico raciais no Brasil**. 2015. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

OLIVEIRA, V. C. S. **Educação das relações étnico-raciais e estratégias ideológicas no acervo do PNBE 2008 para educação infantil**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

OLIVEIRA NETO, M. G. Arte e silêncio: Arte africana e afro-brasileira nas Diretrizes Curriculares estaduais e no livro didático público de arte do Paraná. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná. 2012

ONIESKO, P. C. F. **A identidade negra nas imagens do livro didático de História através do olhar dos/as alunos/as**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

PINTO, M.; SARMENTO, M. J. **As crianças: contexto e identidades**. Universidade do Minho. Braga, 1997

PINTO, R. P. A Educação do Negro: Uma revisão da Bibliografia. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, p. 3-34, 1987.

ROCHA, L. C. P.; ARAÚJO, D. C. Legislação e movimentação social. *In: África da e pela diáspora: pontos para a Educação das Relações Étnico-Raciais*. Curitiba: UFPR, 2013.

ROSA, A. R. Relações Raciais e Estudos Organizacionais no Brasil. **Revista RAC**, v.18, n.3, Rio de Janeiro, p. 240-260, 2014.

ROSEMBERG, F.; BAZILLI, C.; SILVA, P. V. B. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. **Educação e pesquisa**, v. 29, n.1, São Paulo, p.125-146, 2003.

ROSEMBERG, F. Educação Infantil e Relações Raciais: A tensão entre igualdade e diversidade. **Cadernos de Pesquisa**, v.44, n.153, São Paulo, p. 742-759, 2014.

SANTIAGO, F. Hierarquização e racialização das crianças negras na educação infantil. **Leitura: Teoria & Prática**, v.33, n.64, São Paulo, p. 31-47, 2015.

SANTOS, N. S. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SILVA, H. R. da. "Rememoração"/ comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**, v.22, n.44. São Paulo, p. 425-438, 2002.

SILVA, I. S. **Análise das Relações Raciais em Livros Didáticos de Língua Portuguesa 13 anos após a Lei 10.639/03**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2016.

SILVA, P. V. B. **Relações raciais em livros didáticos de língua portuguesa**. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

SILVA, P. V. B. O silêncio como estratégia ideológica no discurso racista brasileira. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, p. 110-129, Jan/ Abr 2012.

SILVA, P. V. B. Dossiê – Educação e Relações étnico-raciais: O Estado da arte. **Educar em Revista**, v.39, n. 47, Curitiba/PR, 2013.

SILVA, P. V. B.; SANTOS, W. O.; ROCHA, N.: Personagens negros e brancos em peças publicitárias publicadas em jornais paranaenses. **Cadernos NEPRE**, n.9, Cuiabá, p. 07-24, 2007.

SILVA, P. V. B., TEIXEIRA, R.; PACIFICO, T.M.: Políticas de promoção de igualdade racial e programas de distribuição de livros didáticos. **Revista Educação e Pesquisa**, v.34, Curitiba, 2017.

SOUZA, F. S.; PEREIRA, L. M. S. **Implementação da Lei 10.639/2003: mapeando embates e percalços**. **Educar em Revista**, n. 47, Curitiba/PR, p. 51-65, 2013.

TEIXEIRA, R. **A representação social da branquidade em Livros Didáticos de Língua Portuguesa e História do Ensino Fundamental**. Paraná: SEED-PR, 2006. Disponível em: <http://docplayer.com.br/18914425-A-representacao-social-da-branquidade-em-livros-didaticos-de-lingua-portuguesa-e-historia-do-ensino-fundamental-rozana-teixeira-seed-pr.html> Acesso em: 02/05/2019.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna-Teoria social na era dos meios de comunicação de massa**. 9 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

VENÂNCIO, A. C. L. **Literatura infanto-juvenil e diversidades**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

VAN DIJK, T. A. **Racismo y discurso de las elites**. Gedisa. Barcelona, 2003

WERNECK, J. **Reivindicações e conquistas das mulheres negras**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YIIIE8xL9a50> Acesso em: 02/05/2019.

**ANEXO 1 – relatos sobre a rememoração das crianças negras**

1-L.H.

P: Quantos anos você tem?

A: 11 anos

P: Conta um pouco sobre o seu desenho, por favor.

A: Eu desenhei uma pessoa aprisionada

P: E essa pessoa era negra? A: Sim, era negra

P: E por que essa pessoa estava sendo aprisionada?

A: Por ela não queria ser escrava e prenderam ela

P: Para obrigar ela a ser escrava? A: Sim

P: e antes você tinha desenhado uma pessoa batendo nessa pessoa que está acorrentada né?!

A: Isso

P: Essa pessoa aqui é branca ou negra?

A: Era branca

P: E você já viu muito esse tipo de imagem no Livro Didático?

A: Sim

P: e você acha que esse tipo de violência aconteceu por que?

A: Por que elas são diferentes

P: E por que elas são diferentes?

A: Por causa da cor

P: E você acha que esse tipo de violência por causa da diferença de cor ainda existe? A: Sim

P: E como existe hoje?

A: Eles são empregados. Eles trabalham e não ganham nada. Nesse ano ainda eu vi na televisão

P: E quando te perguntam qual a sua cor e qual a sua raça, como você se identifica? A: Como branco

P: E quando você vê uma pessoa negra passando por esse tipo de violência, qual o sentimento que te traz?

A: Que é uma pessoa que precisa ter os seus direitos

2- L.S.

P: Quantos anos você tem?

A: 11 anos

P: Fala um pouco sobre o seu desenho

A: Eu desenhei aqueles homens lá quando eles comandavam os escravos e os escravos trabalhando e eles dando chicotada nos escravos.

P: e de todas as imagens de negros nos Livros Didáticos que você já viu, essa foi a que ficou mais marcada?

A: Sim

P: E apareceu mais vezes?

A: Apareceu

P: Como você se sente vendo isso?

A: Ah, eu me sinto triste por que já existiu uma raça da nossa cor sofrendo assim.

P: Quando você fala “já existiu”, você acha que já melhorou?

A: Muito

P: e para você, como é a convivência entre negros e brancos hoje?

A: Hoje todo mundo tem respeito pelos negros, antigamente não.

P: é o que mais você pode falar sobre o desenho?

A: Que foi um período que ficou marcado na história.

P: Você me disse que hoje não existe mais essa violência com os negros. E você acha que hoje tem outras formas de violência que os brancos fazem com os negros?

A: Sim

P: Como o que?

A: Não sei dizer. Não é igual aquela violência. Mas tem pessoas que batem, por que as pessoas são negras.

P: e você se identifica como? Qual a sua cor e raça?

A: Eu me identifico como moreno, por que eu não sou tão negro. Mas minha mãe já é um pouco mais morena que eu.

P: Então você se identifica pela cor da sua pele? É isso? Você se identifica como moreno por que não tem a cor da pele tão escura?

A: É

P: Mas se eu dissesse que você precisaria se identificar como negro ou branco, como você se identificaria?

A: Bom, ia ter que estar misturado, por que ninguém agora pode fazer racismo. Agora os escravos já foram abolidos e não existe mais.

3- L.M.

P: Quantos anos você tem?

A: Tenho doze

P: E o que você desenhou?

A: Eu desenhei uma negra trabalhando muito e se machucando pelo o que os brancos machucam ela, pelo o que ela tá trabalhando. Ela está trabalhando com o maior esforço dela e ela e pega e bate nela por ela estar conversando, essas coisas. É assim que os brancos sempre fazem com os negros

P: Com o que ela tá tralhando?

A: Ela tá trabalhando de servir os homens. Dando água.

P: Que época é isso?

A: Por mim acho que foi 1980

P: E esses homens trabalhavam com o que?

A: Eles estavam construindo, não sei explicar o que?

P: E esses homens que estavam construindo também eram negros?

A: Sim, também eram

A: E os homens brancos batiam nas mulheres por que elas estavam conversando com os outros homens

P: E por que você acha que os homens negros batiam nelas por que elas estavam conversando?

A: Por que o ser humano agora é branco. E por ele ser branco, ele acha que pode machucar as pessoas negras. Eu fico meio triste com o que acontece hoje no Brasil. Eles machucam as pessoas que não são da mesma cor, que não são da mesma religião, e já partem para a agressão. Eu acho isso meio absurdo. A minha mãe também é dessas coisas. Aí eu falo para ela que todo mundo é igual, sendo de cor diferente ou região diferente, para mim não importa. Eu já tive amigas negras, de regiões diferentes, que não acreditam em Deus e que acreditam. Para mim não importa. Mesmo tendo respeito comigo e educação, tá ótimo!

P: Você falou que essa mulher é de uma outra época, mas você acha que esse tipo de comportamento com a mulher negra ainda acontece até hoje?

A: Acontece



P: Como?

A: Quando elas andam na rua. Um dia eu estava andando na rua, e estava andando uma negra andando como todo mundo anda. Aí veio um homem e falou que ela não deveria andar pela rua. Aquela hora eu queria falar para aquele homem que todos tem o mesmo direito! Se ele tem o direito de entrar em uma loja para comprar uma roupa, ela também tem direito de ir. Nessa parte eu me identifiquei! Eu não sou negra, nada, mas aquela parte eu fiquei meio triste por ver o que se passa na cabeça deles. E aquela negra deve ter ficado meio chateada. Ela ia entrar em uma loja e ele foi falar aquilo para ela? Ela pegou e saiu e abaixou a cabeça dela. Eu acho que quando os negros sofrem isso, eles deveriam erguer a cabeça deles e não abaixar

P: e quando te perguntam qual é a sua cor e qual é a sua raça, como você se identifica?

A: Eu me identifico como morena

P: Mas fica mais próximo do branco ou do negro?

A: Do negro

P: E como é ser negro aqui na sua vida? Nas suas relações com amigos e família?

A: Para mim é tranquilo! Sem estupidez e violência! Como se fosse uma pessoa branca! Normal!

4- E.A.

P: Quantos anos você tem?

A: 11

P: Conta para mim um pouco do seu desenho

A: O escravo que eu vi em uma novela

P: e esse mesmo escravo você já viu nos Livros Didáticos?

A: Não

P: E esse tipo de imagem você nunca viu em Livros Didáticos antes?

A: Sim, mas eu vi uma mulher negra acorrentada

P: E por que quando você pensa em uma pessoa negra, por que é esse tipo de imagem que fica mais marcada para você?

A: Por que eu fico imaginando, por eu fico me imaginando no lugar deles

P: Por que você se coloca no lugar deles?

A: Por que eles foram muito judiados

P: E você acha que as pessoas negras hoje ainda são judiadas de alguma forma?

A: Ainda tem mais bem pouco

P: Bem pouco como?

A: Trabalho escravo que trazem de outros países

P: E quando te perguntam qual é sua cor e sua raça, como você se identifica

A: Eu falo que eu sou branco

5- A.V.

P: Quantos anos você tem?

A: Tenho 11 anos

P: Conta sobre o seu desenho!

A: É uma menininha chorando por que as pessoas têm muito preconceito hoje em dia! E se o nosso mundo tivesse menos preconceito, as pessoas não estariam assim chorando. E antigamente tinham muitos escravos, e eu acho isso muito errado. Eu gostaria que isso tudo mudasse!

P: E esses escravos, que cor eles eram?

A: Eles eram negros

P: E essa é uma escrava negra?

A: Sim

P: E por que ela está chorando?

A: Por que ela não gosta de ser maltratada e apanhar. Ela tinha a casa dela, quando os portugueses pegaram ela e a família dela e levaram para a casa deles, e maltratavam eles e é isso.

P: Por que você acha que os portugueses foram até os países africanos para pegar as pessoas para fazerem de escravos?

A: Por que eles eram diferentes

P: Por que eles eram diferentes?

A: Por que os Portugueses eram brancos e os Africanos eram negros

P: e foi por causa dessa diferença que eles eram tratados de forma diferente também? A: Sim

P: e como eles eram tratados quando vinham para o Brasil?

A: Eles levavam chicotadas e tinham que trabalhar, fazer comida e roupa...essas coisas....

P: E você acha que os negros ainda são tratados de forma diferentes?

A: Sim

P: Como?

A: Eles são xingados, muitos apanham, e ainda são usados como escravos.

P: e quando te perguntam que cor e qual raça você é, como você se define

A: Eu acho que eu sou café com leite!

P: E o que significa ser café com leite entre negro e branco?

A: Fica entre, mas acho que eu fico mais para o lado negro. E me sinto muito feliz

6- E.V.

P: Quantos anos você tem?

A: 11 anos

P: Você me contar um pouco sobre o seu desenho?

A: Eu desenhei uma menina falando para uma pessoa negra coisas más para ela.

P: O que ela falou? Essa menina que tá falando que cor ela é?

A: ela é branca!

P: e o que ela está falando para a menina negra?

A: "Sua negra suja!"

P: E por que você acha que as pessoas brancas falam esse tipo de coisa para as pessoas negras?

A: Tem pessoas que falam por que já teve uma pessoa que já falou assim para mim!

P: E por que você acha que as pessoas falam esse tipo de coisa?

A: Não sei, não sei o que elas pensam. Por que nós somos todos iguais e não precisa tratar o outro desse jeito

P: Mas por que você acha que as pessoas brancas acham que podem falar com as outras pessoas assim com as pessoas negras?

A: Não sei

P: E quando aconteceu com você? O que você fez?

A: Quando eu cheguei em casa eu falei para minha mãe mas não falei nada para ela (a menina)

P: E foi na Escola

A: Estava voltando da Escola

P: Mas foi de alguém da escola?

A: Foi da mãe de uma menina que estudava na escola. Parece que ela não gosta de pessoa negra

P: e por que você acha que tem gente que não gosta de pessoa negra?

A: Por causa da cor! Por que só por que a pessoa tem uma cor diferente não é igual as outras pessoas.

P: E como você se sente com tudo isso que acontece?

A: Me sinto bem mal!

P: e quando te perguntam que cor e qual raça você é, como você se identifica?

A: Uma pessoa negra!

P: E você é feliz sendo negra?

A: Sou muito

P: Sua família também é negra?

A: Não, eu sou adotiva. Minha família é branca!

7- E.L.

P: quantos anos você tem?

A: Tenho 12 anos

P: Conta sobre o seu desenho!

A: Eu desenhei esse desenho para mostrar que nem todos os negros tem os mesmos direitos e isso é muito errado! Eu desenhei uma mulher com um "x" que representa que ela não tem a mesma capacidade de todas as pessoas de se expressar por que as pessoas podem oprimir.

P: E por que você acha que isso acontece com as mulheres negras?

A: Pelo fato delas serem negras! Pelo fato delas serem mulheres e tem muito preconceito com a mulher. E pelo fato dela também ser negra, pela cor. Todas as pessoas são iguais e só mudam a cor! Eu não sei por que existe esse racismo!

P: Esse racismo está em todos os lugares?

A: Em todos os lugares!

P: inclusive aqui?

A: Aqui eu não vejo tanto

P: e na sua vida como você vê isso? Fora da escola?

A: Na minha vida e da minha família é normal por que eu tenho pessoas brancas na minha família também. Então é normal!

P: E todos são tratados iguais?

A: Sim

P: Quando te perguntam qual a sua cor e sua raça? Como você se identifica

A: E me identifico como negra

P: E como é ser negra?

A: Eu sinto orgulho! Por que uma vez um menino me chamou de preta e eu disse: “Sou preta com muito orgulho!”

P: E da onde vem esse orgulho todo?

A: Das pessoas que lutaram para que a gente possa ter nosso lugar na sociedade!

8- A.C.

P: Quantos anos você tem?

A: 12 anos

P: O que significa esse desenho?

A: É um corredor de corrida

P: Quem é ele?

A: O Bolt.

P: Por que ele é sua referência de pessoa negra no Livro Didático?

A: Ah, por que eu acho ele legal

P: Ele está feliz ou triste?

A: Ele está feliz! Por que ganhou a corrida

P: e quando você vê a pessoa negra representada dessa forma, qual sentimento passa para você?

A: Normal

P: Quando te perguntam qual é sua cor e qual é a sua raça, como você se identifica? A: Eu falo quem eu sou! Eu sou o Alan, sou branco e tenho 12 anos

9- J.B.

P: Quantos anos você tem?

A: 12

P: Me explica por que quando eu te pergunto qual a imagem ficou mais marcada da população negra nos Livros Didáticos, você desenhou a pirâmide do Egito? Por que?

A: Esse desenho eu me inspirei no Livro de História<sup>1</sup>

P: Por que?

A: Por que os negros trabalhavam e faziam as pirâmides. P: Você achou legal?

A: sim

P: E por que ao invés de você desenhar uma pessoa, você desenhou a pirâmide?

A: Por que as pirâmides foram valorizadas

P: Então as pessoas que fizeram as pessoas negras que fizeram não foram valorizadas? Só o que elas fizeram? As pirâmides?

A: Sim

P: E você sabe onde fica o Egito?

A: Não

P: E você acha que fica perto da onde?

A: Não sei

P: Mas você sabe que as pessoas que fizeram as pirâmides eram negras?

A: Sim

P: Quando te perguntam qual a sua cor e qual a sua raça, como você se identifica?

A: Como negra

P: E como são as suas relações na escola?

A: Tá tudo bem

10- V.N.

P: quantos anos você tem?

A: 11 anos

P: conta pra mim sobre o seu desenho! Por que essa imagem ficou mais marcada sobre a população negra nos Livros Didáticos?

A: Por que é um sacerdote negro e apanhou por que era de uma cor diferente

P: Entendi, e será que isso acontece hoje também?

A: Muito!

P: Você já viu?



A: Um pouco

P: E como acontece isso?

A: As vezes, quando tem um negro misturado com gente branca, uma pessoa branca se ofende por que tem um negro junto com o branco. E acaba batendo no negro por que está com um amigo ou familiar. E o negro acaba se ferindo e é isso que acontece.

P: Você já viu isso acontecer? Já aconteceu na escola?

A: Já

P: Já aconteceu com você?

A: Já. Mas não por eu ser “dessa cor”!

P: E se te perguntarem qual é a sua raça, qual vocêalaria?

A: Que eu sou morena

P: Mas você é branca ou negra

A: Mais na parte da negra

P: E quando você vê uma pessoa apanhando por ser negra, como você se sente?

A: Humilhada

11- M.G.

P: M. você está no 6º ano? Quantos anos você tem?

A: Sim, tenho 11 anos.

P: Você pode falar um pouquinho sobre o que você desenhou?

A: Eu fiz o desenho da amiga da minha mãe que estava na rua, mas não conseguia vender por que ninguém gostava dela

P: E por que ninguém gostava dela?

A: Por que ninguém gostava do cabelo dela e as pessoas se assustavam

P: Por causa do cabelo dela? E por que não gostavam do cabelo dela? O cabelo era crespo?

A: Sim

P: Você já escutou alguém fazendo algum comentário sobre o cabelo dela

A: Sim

P: E qual foi o comentário que fizeram?

A: Falaram que era muito feia e que ela não deveria aparecer na rua com aquele cabelo, por que ela era muito feia

P: E ela era feia por causa do cabelo?

A: Sim

P: E como você se sentiu ouvindo tudo isso?

A: Me sinto mal por que é amiga da minha mãe. Eu também fico magoado por que eu também tenho o cabelo assim

P: E você se vê como M.? Como um menino branco? Um menino negro? Como você se vê?

A: Como um menino negro!

P: E como te tratam na escola como um menino negro?

A: Me tratam bem!

P: E quem é essa outra pessoa que aparece no desenho?

A: É um estranho!

P: Um cliente?

A: Sim

P: E essa lata de lixo? O que significa?

A: Nada, só quis fazer a lata mesmo!

P: E como é a roupa dela?

A: É estampada

P: E ela está feliz ou está triste?

A: Está triste!

12- B.R.

P: Quantos anos você tem?A: 11 anos

P: Bianca, fala pra mim o que você desenhou e por que essa imagem ficou mais marcada na sua memória quando falamos de pessoas negras nos Livros Didáticos

A: É uma mulher afro esculpindo potes de barro, ela ficou marcada por não é só as pessoas brancas que podem fazer coisas assim! Mulheres negras também podem! E por que eu também gostei muito da imagem!

P: Como era a imagem?

A: Grande e colorida

P: Quais são as outras profissões que você já viu a mulher negra exercendo no Livro Didático?

Quais a que você gostou e quais você não gostou? Em qual espaço você não gostaria de ver a mulher negra?

A: Ela fazendo coisas inadequadas

P: Tipo

A: com roupas muito curtas

P: qual é a sua cor e sua raça?

A: Morena

P: Mas se te identificarem como negra, você aceita essa denominação?

A: Sim

P: E você se acha bonita?

A: Sim, os meninos vivem dizendo isso pra mim

P: E as relações na escola são tranquilas? Com os alunos e professores?

A: Sim

13- M.B.

P: Quantos anos você tem?

A: Tenho 12 anos

P: Fala para mim, por que essa foi a imagem que ficou mais marcada da população negra nos livros didáticos para você?

A: Por que o professor de história deu uma matéria sobre eles, sobre os índios e sobre o Zumbi dos Palmares. Só que os outros não eram negros, então eu resolvi desenhar ele. Por que eu achei legal, por que ele é negro.

P: Se eu pedisse para você desenhar um personagem negro que não fosse indígena, qual seria o personagem do livro didático que você desenharia?

A: Acho que eu desenharia o meu pai, por que ele é bem negro, ele é bem escuro e tem o cabelo bem enrolado.

P: E se fosse alguma imagem de livro didático, você se lembra de alguma pessoa negra que você tenha identificado?

A: Não

P: Como você se identifica?

A: Me identifico como mista, por que minha mãe é de São Paulo, então ela é bem branca e meu pai é bem negro, então foi a mistura dos dois que eu fiquei assim.

P: Se te perguntarem qual a sua raça? Como você se identificaria?

A: Como negra?

P: e você gosta de se identificar como negra?

A: Eu me sinto

P: E aqui na escola, como é o tratamento dos alunos com você? Como é sua relação com os alunos aqui?

A: É legal, mas depende do aluno, por que na Bahia se respeita mais o professor e aqui eu não vi isso. É diferente pra mim por que faz pouco tempo que eu vim para a escola. Eu só vim esse ano e os alunos fazem coisas absurdas que eu nunca tinha visto antes.

P: Mas com relação a você tá tudo bem? A: Sim

14 - J.H.

P: Quantos anos você tem?

A: Tenho doze

P: e o que você desenhou

A: É um negro querendo mostrar para todo mundo que ela é igual a todo mundo. E que ela não é menos por causa da raça e por causa da cor.

P: E você já viu nos Livros Didáticos imagens assim?

A: Sim

P: Quais seriam as formas que poderíamos achar dos Livros Didáticos como essa?

A: Os desenhos mais bonitos

P: E quais foram os desenhos feios que você viu dos negros nos Livros Didáticos?

A: Tipo aquelas pessoas que só fazem por fazer para ganhar fama. P: E você se identifica como? Como negro ou como branco?

A: Como pretinho

P: E como é ser negro?

A: Igual todo mundo

P: E aqui na Escola?

A: Também

P: E quando você vê esses casos de racismo que as pessoas não se tratam igual, qual o sentimento que te traz?

A: Eu penso na Bíblia que Jesus diz que nós fomos criados segundo a sua semelhança, com as características dele. Então eu fico perguntando, se somos iguais a ele, por que temos que ser tratados diferentes.

15 - R.B.

A: Eu quis desenhar uma mulher negra que estava trabalhando de escrava e ela estava indignada com a escravidão que ela estava vivendo.

P: Você acha que as mulheres hoje vivem em uma situação melhor?

A: Elas vivem em uma situação melhor hoje, mas em alguns lugares sem ser no Brasil, elas ainda são escravizadas.

P: E no Brasil?

A: No Brasil eu acho que não tem mais!

P: E como você acha que é a situação das mulheres negras hoje no Brasil?

A: Não é mais escravidão mas ainda é racismo, por que a gente é morena e sofre racismo em alguns lugares.

P: E você já sofreu racismo na escola?

A: Sim, não aqui, mas quando eu morava na Bahia, sim.

P: Na sua experiência de vida, como você se identifica por raça e cor?

A: Que eu sou morena

P: E se eu te perguntasse se em qual grupo esse “morena” está incluído? No grupo dos brancos ou dos negros? O que você me falaria?

A: No dos negros

P: E como é a relação na sua família e na escola? A: Não sei dizer.

16- P.T.

P: Quantos anos você tem?

A: Estou com 11

P: Me conta sobre o desenho que você fez!

A: é um desenho do Livro Didático do ano passado, da matéria de português que indicava para ler os textos

P: E o que esse menino estava fazendo? Em qual lugar estava?

A: Ele estava na beira do rio indicando para ler o livro

P: E ele estava feliz?

A: Estava

P: E tinha mais meninos negros no livro?

A: Sim, meninos e meninas

P: Então me diz, por que de todas as imagens que você viu, essa foi a que mais te chamou a atenção?

A: Não

P: Quando te perguntam qual é sua cor e sua raça como você se identifica?

A: Branca

17- L.F.

P: Quantos anos você tem?

A: 11 anos

P: O que você desenhou? Você pode me explicar o seu desenho?

A: É um menino morena, e o outro menino falando mal da outra pessoa

P: E essa outra pessoa é morena também ou é branca?

A: Ela é branca

P: E o que ela está falando mal?

A: Criticando

P: Criticando o que?

A: Falando mal da cor dele

P: O que seria uma crítica?

A: Falando tipo: "Ai como você é neguinha!"

P: Você acha que isso acontece de verdade?

A: Sim, bastante

P: Isso já aconteceu com você?

A: Sim, uma vez

P: E acontece muito aqui na escola

A: Não

P: E quando aconteceu com você, como você se sentiu?

A: Ah, me senti magoado

P: E por que você acha que as pessoas falam isso para as outras?

A: eu não sei

P: Por as pessoas igual a menina do desenho, falam essas coisas?

A: Não sei explicar



**ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA**

## Questionário de pesquisa

Qual a imagem do negro no livro didático ficou mais presente em sua memória?

Eu \_\_\_\_\_ (nome do(a) aluno(a)), aluno(a) da Colégio Estadual Helio Antonio de Souza, autorizo a publicação do presente questionário na pesquisa do Curso de Mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE/UFPR. Declaro também estar ciente que apenas serão expostos os desenhos sem nenhuma citação dos nomes dos(as) alunos(a) que participarem da entrevista.

---

Assinatura do(a) aluno(a)